



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de  
Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***ATTÍLIO BORRIELLO***  
(Entrevista)

## **Ficha Técnica**

Projeto de Pesquisa – Memória de Manguinhos

Entrevistado – Atílio Rômulo Borriello (AB)

Entrevistadores – Rose Ingrid Goldschmidt (RG) e Nara Brito (NB)

Data – 13 e 27/06/1986

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 4h56min

Resenha biográfica e sumário – Lina Rodrigues de Faria

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

**BORRIELO, Attilio Rômulo. *Attilio Borriello. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos*, 1986. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 125p.**

## Sumário

### Fitas 1 e 2

A família de imigrantes italianos e a infância em São Luiz de Paraitinga; a ligação com a família de Oswaldo Cruz; a mudança dos irmãos Borriello para o Rio de Janeiro e o ingresso em Manguinhos; o trabalho na tipografia do IOC em 1921; o trabalho no laboratório de protozoologia em 1924; a moradia dos funcionários de Manguinhos; os riscos do trabalho em laboratório no início do século; perfil de Henrique Aragão; os surtos de febre amarela em 1926 e 1928; a incorporação da Fundação Rockefeller ao IOC; a doação de amostras de culturas de leptospira feita por Noguchi ao IOC; o ingresso de Francisco Gomes ao IOC; comentários sobre os colegas e o cotidiano no laboratório; a localização do laboratório de Adolpho Lutz; o trabalho no laboratório do diretor Carlos Chagas em 1931; o perfil administrativo de Carlos Chagas; o Curso de Aplicação do IOC e os alunos Walter Oswaldo Cruz e Emanuel Dias; a contribuição dos auxiliares na formação de jovens cientistas; o orçamento do IOC e a verba proveniente da vacina contra a manqueira; a influência política de Carlos Chagas; a incidência de tuberculose no Rio de Janeiro no início do século; observações sobre a Revolução de 1930 e a de São Paulo em 1932; o contato com o prefeito Pedro Ernesto e a adesão ao getulismo; o Boletim Revolucionário feito no IOC em 1932; o apoio dos funcionários de Manguinhos ao prefeito do Distrito Federal, Henrique Dodsworth; os benefícios obtidos com a criação das leis trabalhistas; a hierarquia de funções no IOC; a participação dos auxiliares nas pesquisas dos cientistas; as dificuldades financeiras no IOC; a implantação do ponto frequência com a criação do Departamento de Administração do Serviço Público (DASP) em 1938; a contratação de mulheres na administração de Olympio da Fonseca.

### Fitas 3 a 5

A influência dos cientistas na formação profissional dos auxiliares; a contratação de Walter Oswaldo Cruz e de Emanuel Dias para trabalhar no laboratório de Carlos Chagas; as diferentes áreas de pesquisa do IOC; comentários sobre o Curso de Aplicação do IOC; o namoro e o casamento com Ana da Cunha; as famílias de técnicos e auxiliares do IOC; os empregos em laboratórios particulares; comentários sobre a disparidade entre os salários de auxiliares e cientistas; o ingresso do filho no IOC; a amizade com Rocha Lagoa; o almoço dos auxiliares veteranos com Carlos Chagas Filho; a volta para a seção de protozoologia durante a administração Cardoso Fontes; observações sobre as administrações Carlos Chagas, Cardoso Fontes e Olympio da Fonseca; a insatisfação entre alguns pesquisadores provocada pela nomeação de Carlos Chagas para a direção do IOC; a gestão Cardoso Fontes e a vendetta contra Chagas; a ausência de projetos científicos significativos durante a administração de Cardoso Fontes e a decadência do IOC; descrição da ocupação física do prédio do castelo mourisco e do campus de Manguinhos; perfil de José Guilherme Lacorte.

**Data: 13/06/1986**

### **Fita 1 - Lado A**

NB – Senhor Attílio, nós gostaríamos que o Senhor começasse essa nossa conversa é... nos contando onde o senhor nasceu, em que ano o Senhor nasceu é... quem era o seu pai, a sua mãe, o que eles faziam e assim suas lembranças da infância, não é? Porque a gente sabe que o senhor nasceu na casa do Oswaldo Cruz, não é? Em São João de Paraitinga...

AB – São Luís... São Luís do Paraitinga.

NB – A palavra é sua.

AB – São Luís do Paraitinga. Nasci em 20 de agosto de 1905. Aos 15 anos eu vim para o Instituto Oswaldo Cruz. Já tinha, na época, dois irmãos trabalhando aqui: Antônio Borriello e Benedito Borriello. Todos dois trabalhavam no almoxarifado. No térreo, lá embaixo...

RG – Certo, aqui embaixo.

AB – E eu, pela primeira vez na minha vida (ruídos) arranjava um lugar de aprendiz de tipógrafo. Fui feliz, porque dentro de seis meses eu estava como impressor imprimindo as memórias do Instituto Oswaldo Cruz. Aos seis meses de aprendizado.

RG – Seu Attílio... Eu sei que o senhor está emocionado. Porque o senhor tá voltando aqui, depois de algum tempo, tá contando, não é? (pausa) a sua vida pra gente. E... a gente queria saber um pouco. É... desses anos que antecedem a sua vinda pra cá, não é? Como que os seus irmãos vieram como é que aconteceu, não é? Todo esse envolvimento da família...

AB – Isso é mais ou menos complicado, mas, eu tenho alguma lembrança. Eu tenho pra lhe contar a ida do pai do Oswaldo Cruz... para uma cidade modesta, no interior de São Paulo. Tenho que começar por aí...

RG – Claro!

AB – Era juiz de Direito, em São Luís do Paraitinga. João (estalar dos dedos) Não me recordo do nome...

RG – Não faz mal!

AB – Não sei que, de Andrade... Amigo, do pai de Oswaldo Cruz, que, na época, não era nascido. Mas, no tempo de Brasil escravidão, Brasil colônia, a zona... a zona do Vale do Paraíba, Rio/São Paulo, as fazendas estavam em progresso. Tinha filhos de deputados. Era afinal de contas, uma zona de progresso. E esse juiz de Direito, era amigo do pai de Oswaldo Cruz e convidou para ele ser médico, em São Luís do Paraitinga. E ele, então, abandonou o Rio de Janeiro e foi para São Luiz. Não se deu bem, a clínica, parece que não satisfez e ele voltou para o Rio de Janeiro, mas antes disso, nasceu em São Luís do Paraitinga, Oswaldo Cruz. Por este motivo, Oswaldo Cruz foi nascer numa cidade humilde, modestíssima, no

interior de São Paulo. Mas a amizade, entre o Juiz de Direito e o pai de Oswaldo Cruz, ficou... Posteriormente, o Andrade, Juiz de Direito, faleceu e foi enterrado, em São Luís do Paraitinga. E os familiares, vieram para o Rio de Janeiro, onde vieram reencontrar a família de Oswaldo Cruz. Deste conhecimento, quando Oswaldo Cruz surgiu, no Governo Rodrigues Alves, que ele surgiu em evidência, febre-amarela, peste bubônica, que ele então tomou a Direção de Saúde Pública, substituindo o Barão de Pedro Afonso... que... que tinha um estudo sorográfico, aqui embaixo. Onde é a Rockefeller, hoje. Onde é o pavilhão da Rockefeller. Bom, Oswaldo Cruz em evidência, coloca o Valdemiro [Rodrigues de Andrade] era Cândido Rodrigues de Andrade, ô, ô...

RG – O pai?

AB – O Juiz. Então colocou-o como tesoureiro, aqui no Instituto Oswaldo Cruz, ele tinha construído isso, no princípio do século e colocou Valdemiro. O Valdemiro como conhecia o meu irmão mais velho, que foi almoxarife aqui no Instituto Oswaldo Cruz, colocou este meu irmão mais velho aqui no Instituto Oswaldo Cruz.

RG – Como é o nome do seu irmão mais velho?

AB – Antônio... Antônio Borriello Júnior. Este Antônio Borriello Júnior, quando deu vaga, aqui no Instituto Oswaldo Cruz, trouxe um outro irmão, que se chamava Benedito... Benedito Aristeu Borriello, o terceiro fui eu. Terceiro filho, deu-se uma vaga na tipografia. Eu acabei de contar que acabei impressor na tipografia...

RG – Certo!

AB – Compreende! E depois, posteriormente, nova vaga, então veio José Borriello...

NB – É outro irmão?

AB – Outro irmão. E depois, Salvador Borriello, nós éramos cinco, tanto que Olympio da Fonseca, no seu livro, citando os auxiliares de Manguinhos, diz: a oligarquia dos Borriello. Não sei se lembram, disso? E já leram...

NB – Já li, já li!

AB – É, então, estão os irmãos todos aqui trazidos um a um, um a um, um a um...

RG – Mas e o seu pai, o que ele fazia lá em São Luiz?

AB – Meu pai imigrante, na época, do início da imigração...

NB – Século passado, né?

AB – Italiana... No início da imigração italiana. Então, ele foi como imigrante e acabou se estabelecendo em São Luiz do Paraitinga. Lá viveu, lá criou filhos, netos, bisnetos e lá está enterrado porque a família é muito grande, não é? Tendo...

NB – O que ele fazia, seu Atílio? O que que ele fazia?

AB – Era comerciante. Era comerciante e era... e era... Trabalhava em cobre, e alambique. Os alambiques das fazendas....

NB – De café?

AB – Os destiladores, daquelas fazendas, da... de Natividade, Redenção, Lagoinha, é tudo fabrico de meu pai a 80... 100 anos atrás.

RG – Então ele era um comerciante, um artesão?

AB – E tinha... é... não... era comerciante de secos e molhados, também. E... e às vezes...

NB – Escuta, o Senhor não quis ficar lá, pra trabalhar com ele não? Nenhum dos filhos ficou pra trabalhar com ele, por que?

AB – Eu não gostava. O meu sonho era uma cidade grande. Não sei se fiz bem ou se fiz mal. Mas o que é o fato é que eu estou criando meus filhos, meus netos, agora uma bisneta.

RG – Uma bisneta, já?

AB – E estou atingindo, atravessando, já atravessei os oitenta anos.

NB – E a sua mãe? Como era o nome de sua mãe?

AB – Filomena Padula. Por parte de mãe, o sobrenome era Padula, e...

NB – Ela era italiana também?

AB – É, filha de italiano...

NB – Filha de italiano.

AB – Meu pai era italiano. Mas como meu avô, por parte de mãe, na imigração, ia e vinha, pra Itália, numa dessas vindas para o Brasil, minha mãe nasceu, no município de São Luís do Paraitinga. Portanto, ela era brasileira, embora de sangue italiano.

NB – De sangue italiano. O nome do seu pai, o senhor falou?

AB – Antônio Borriello.

NB – Antônio Borriello.

RG – Era, que tem um irmão que era Júnior.

NB – É, Júnior.

RG – Seu irmão.

AB – Meu irmão?

NB – É. Antônio, também.

AB – Antônio Borriello Júnior. Que foi o primeiro funcionário dos Borriellos aqui dentro de Manguinhos.

RG – Ele é o mais velho, o Antônio?

AB – É o mais velho. Morreu há 8 anos. Estria com 91 anos, se fosse vivo. Morreu há 9 anos.

RG – Ele era da idade, ele era colega daquele moço, que trouxe o Andrade, que trouxe... ele pra cá?

AB – Ele era conhecido do Valdemiro...

RG – De Valdemiro!

AB – Rodrigues de Andrade, que era filho do Juiz de Direito...

RG – Exato!

AB – João Cândido de Andrade, que agora lembrei o nome...

RG – Isso!

AB – Que era conhecido do pai de Oswaldo Cruz. Deu pra entender?

NB – Deu. Mas esse Valdemiro... Valdomiro...

RG – Chamou seu irmão, que eles deviam ser conhecidos e devia ser uma pessoa da confiança dele, não é?... Então, ele quis trazer pessoa...

AB – Eram conhecidos... eram conhecidos. Porque, meu irmão, frequentava a casa dos Andrades, em Copacabana. A mãe, a viúva do Juiz de Direito, as filhas do Juiz de Direito e os filhos. Dentro desses filhos, estava Valdemiro, que conhecia meu irmão e conhecia Oswaldo Cruz.

NB – E o Senhor veio para cá, então em 1920?

AB – 21, maio de 21. Ambleto, eu tinha discutido com Ambleto, que tinha vindo em 20...

NB – Sim.

AB – E Ambleto me disse: “Attílio, deve haver engano na tua data porque você quando entrou na tipografia eu já estava marujando gulas...” E, ele, entrou em janeiro de 1921. Então, eu entrei em maio de 1921.

RG – Então estava da já está... esclarecido, definitivamente.

AB – Está esclarecido, está. Agora, a minha vida, aqui dentro de Manguinhos, foi uma vida gostosa, muitos amigos, nunca em... em perto de 40 anos, nunca tive uma dúvida com um colega. Era tudo muito bom, tudo muito alegre, tudo muito... Então, eu entrei para a tipografia. Da tipografia, eu fui chamado pra organizar o almoxarifado. Eu gostava muito de ficha, livros, então achava que o almoxarifado devia ser tudo fechado, estoque, o que tinha, o que não tinha. Então fiquei no almoxarifado, pouco tempo, porque Henrique de Aragão, que chegou a ser diretor da... do instituto Oswaldo Cruz, criou a seção de protozoologia. Que em Manguinhos não tinha a seção de protozoologia. E ele resolveu criar a seção de protozoologia, que foi montada aqui nesses três laboratório, que eu apontei quando entrei, a sala da ponta, a do meio. E precisava de um rapaz, para laboratório, mas queria uma pessoa escolhida, e o escolhido fui eu.

NB – Eu esqueci de perguntar ao Senhor o Sr... tinha estudado lá em São Luís? O senhor fez o segundo grau lá? O primeiro grau...

AB – Hem? Não, eu fiz em São Luís, um primário muito bom, porque o ensino primário, em São Luís era muito bom. Depois eu andei estudando a noite. Estudei no Liceu Literato Português, muitos anos, à noite, fiz meus preparatórios, parte pro Pedro II... Mas não cheguei a me formar. Então, fiquei com uma instrução relativa...

NB – Sim.

AB – Mas sem diploma.

NB – Sim.

RG – Foi aprendendo coisas na prática?

AB – Aprendendo... Aprendendo com o mundo, aprendendo como tempo, aprendendo com a necessidade. E, assim, cheguei ao ponto que cheguei.

NB – Em que ano, que o Henrique Aragão, criou essa seção de protozoologia, pra onde o Senhor foi?

AB – Foi...

NB – O senhor lembra?

AB – Pelos idos de 1924.



RG – Quer dizer, o Senhor estaria no...

AB – O mês. O mês, eu não lembro, mas o ano foi mais ou menos este.

RG – O senhor estaria uns três anos aqui, quando ele lhe chamou pra trabalhar com ele no laboratório?

AB – Foi, foi, foi...

NB – Mas o senhor já tinha... o senhor conhecia ele? Como é que o senhor foi escolhido? Por que?

AB – Pelo seguinte, porque o corpo médico dentro de Manguinhos, fazia um levantamento do aproveitamento e da capacidade de seus auxiliares. Então era um tipo meio segredo, vinha o convite, mas o estudo estava feito. Eu não era de laboratório. Entre tantos laboratoristas, ele foi buscar um indivíduo burocrático. Então comecei, eu, a aprender laboratório.

RG – O senhor gostou do convite? Lhe surpreendeu como é que foi que o senhor recebeu isso?

AB – Eu vou lhe contar e a senhora vai rir. Porque em parte é engraçado. Os vencimentos eram pingues, eram pequeníssimos e eu devia ganhar aí em volta de 180 mil réis, naquele tempo não era cruzeiro. 180, 200, 210 e eu recebi no convite para ganhar 300, 300 réis. Cem mil réis, naquele tempo, representava um ordenado. Então foi mais um interesse econômico que me despertou e eu vim para laboratório.

NB – O senhor vivia aonde? Quer dizer, com esse salário... Esse salário que o senhor ganhava lá no almoxarifado, dava para o senhor viver aqui, no Rio de Janeiro? O senhor morava aonde?

AB – Bom, eu morava aqui dentro...

NB – Ah! O senhor vinha...

AB – Como eu... como eu morava dentro de Manguinhos dezenas de funcionários. Estas casas todas, pombal, tudo quanto é canto tinha funcionários e isto era de interesse da administração.

NB – Por que?

AB – Porque Manguinhos era vigiado. Manguinhos... Nós tínhamos um amor por isto, como se isso fosse nossa casa.

RG – Era a casa né? Vocês viviam como se fosse a casa...

AB – Era, era, era, a nossa casa. Aqui comíamos, aqui dormíamos, era... Isto aqui era uma maravilha, compreende?

NB – Compreendo!

AB – Então a gente tinha um amor, por isso, um amor muito grande.

NB – Então o Senhor vivia bem com esse salário né? Porque o senhor não pagava casa.

AB – Eu posso lhe contar uma particularidade?

NB – Pois não.

AB – Eu entrei ganhando 70 mil réis e desses 70 mil réis eu tirava 10 mil réis e mandava pra minha mãe, de presente. Por aí, senti que dava, não é?

NB – Os seus irmãos ganhavam mais que o senhor? Como é que era?

AB – Já quando entrei, eu quando entrei, um já ganhava... o mais velho devia ganhar seus quase 200 ou 200 e o... o segundo já ganhava uns 140 por aí assim...

NB – O Antônio... O Antônio é o mais velho, não é?

AB – O mais velho.

NB – O que que ele fazia? O senhor lembra?

AB – Foi almoxarife.

NB – Foi almoxarife também?

AB – Foi.

NB – Mas ele não passou nunca pra laboratório?

NB – Não, não, não, laboratorista fui eu, o José Barrielo que o Olympio da Fonseca levou para a parasitologia, na Praia Vermelha, e o Salvador que achou se suicidando, ele sofreu uma infecção. Isso é doloroso, eu não quero lembrar. Compreende?

RG – Muito jovem, né?

AB – Porque ele contaminou-se inoculando uma cobaia. A seringa caiu da mão, penetrou na coxa e ele...

NB – Eu não quero estender esse assunto. O senhor tá dizendo que é doloroso, mas isso era comum, dos auxiliares é... se inocularem?

RG – Mas foi acidente.

AB – Não, caiu, foi acidente.

NB – Havia sido um acidente, no caso do seu irmão. Mas havia essa... essa possibilidade?

AB – A capacidade, a capacidade da maioria dos auxiliares, do Instituto Oswaldo Cruz, era muito grande, era muito grande. Seu eu puder, eu ainda vou contar o serviço feito por mim, feito pelo meu compadre José Cunha aqui na seção de protozoologia, e que os médicos confiavam na gente como se nós fossemos colegas. Então nós tínhamos trabalhos de muita responsabilidade. Esta responsabilidade, esta confiança, era fator de sucesso nas pesquisas.

AB – Porque eram auxiliares que não mentiam, não criavam, não imaginavam, cumpriam a obrigação. E eu fui um desses. E tanto desses, que cheguei ao ponto de trabalhar com o Diretor do... do Instituto Oswaldo Cruz. Minha vida foi sempre, como auxiliar, sempre em ascensão.

NB – O senhor podia nos contar um pouquinho, sobre, se o senhor tá lembrando, desse trabalho com Henrique Aragão, o Senhor podia falar um pouquinho do Henrique Aragão, também?

AB – Posso, posso... O doutor Henrique de Aragão era figura de destaque, no Instituto Oswaldo Cruz. Os trabalhos científicos dele são de renome. Chegou a ser Diretor do Instituto Oswaldo Cruz, substituindo...

NB – Cardoso Fontes.

AB – Cardoso Fontes, melhor lembrança... (*risos*) substituiu... Cardoso Fontes. E ele simpatizou-se comigo, achou que eu estava evoluindo. Chegou um dia, particularmente, a me aconselhar a estudar medicina, porque ele sentia que eu tinha interesse em pesquisa. Eu especulava muito, de dois médicos aqui, porque eu queria conhecimento, daquilo que eles estavam fazendo. Porque, me sentia meio pesquisador, para um auxiliar, me sentia meio pesquisador, no meio deles. Então, Aragão ficou comandando a protozoologia, lá do Pavilhão da Peste, onde era o laboratório dele. E eu, fiquei comandando, aqui, os auxiliares, os subordinados, porque eu fiquei como primeiro auxiliar, trabalhando com Júlio Muniz, com Aristides Marques da Cunha, que foi um grande protozoologista, também. Todos dois são mortos, tanto o Muniz como o Aristides Marques da Cunha. Tivemos... tivemos aqui, na protozoologia, duas epidemias de febre-amarela. Em 26, em 1926 e 1928.

NB – Certo!

AB – E eu trabalhei com todas duas. Tinha dias que via amanhecer.

RG – O que, que vocês tinham que fazer? Vocês tavam preparando as vacinas?

AB – Preparando as vacinas, não, inoculando de animais, medicina experimental. A vacina, ficou por conta do... Da própria febre. Mas nós tínhamos inoculação em animais, temperatura, autópsia e uma série de pesquisas. Autópsia humana, no Hospital Oswaldo Cruz, que a gente ia buscar material no... no antigo, no atual Evandro Chagas. Preparo de soluções autoclaves,

preparo de material esterilizado. Então, isto às vezes ia até de manhã. Então, o Aragão dizia: “Vai repousar um pouco”, nós íamos repousar algumas horas, e continuávamos.

NB – E essa epidemia... Essas epidemias o senhor falou em 26 e 28, não é? Foram muito sérias?

AB – Tanto! Que o Chagas tomou providências sérias. E de maneira que, alguns casos de profilaxia, muito intensa. Não foi, não foi, muito... Mas Manguinhos teve campo pra trabalhar muito. E foi quando, Manguinhos começou a importar o macaco Rhesus, que até aí, nós não tínhamos o Rhesus.

NB – O senhor falou na, o senhor falou na Rockefeller. O senhor tá lembrado de quando ela veio pra cá? Que ela se instalou aqui? Não foi nesse período de surto de febre amarela?

AB – Foi, foi, foi, mas, não era ligada a Manguinhos, não. Era a Fundação Rockefeller que mantinha aquilo à parte. Eram funcionários à parte. E ali eles conversavam também com suas pesquisas... na gestão de Olympio da Fonseca Filho, então a Rockefeller mudou para Manguinhos.

RG – Foi incorporada?

AB – Foi incorporada.

RG – Até então, vocês não faziam trocas? Era bem independente?

AB – Não! Tinha o... tinha o contato científico etc... Mas a direção pertencia à Fundação Rockefeller. Não eram funcionários, do Instituto Oswaldo Cruz. Aqui, na protozoologia, nós tínhamos visitas importantes, nesses anos. Tivemos o Noguchi... Noguchi aqui... Noguchi fez uma coleção, presentes, de uma coleção... Não sei, se eu falo isso.

NB – Por que? (*risos*)

AB – De culturas, para a seção de protozoologia.

RG – Culturas?

AB – Culturas estas, que eram repicadas, de 15 em 15 dias. O repique, o transplante de um tubo para outro. Tira-se um pouquinho, passa-se na frente pra manter vivo. E era o leptospira que Noguchi acreditava ser o agente da febre-amarela. E que não era! Nós vamos parar aqui, porque ele suicidou-se, acabou, não é? Não vamos tocar, porque senão, é capaz de ficar gravado. E dá uma ideia de uma... um avanço de um auxiliar, de um modesto auxiliar. E eu não quero... mas conheci o...

RG – Por que não seu Attílio?

AB – Mas conheci o Noguchi... Conheci o Noguchi aqui, na seção de protozoologia.

RG – Sei.

AB – Conservei essas culturas, dadas por ele, de 920... de 926 a 957, quando eu saí. 31 anos, repicando de 15 em 15 dias, sem perder uma! Sem perder uma amostra.

NB – Mas na época o Senhor já desconfiava que aquilo não era o agente da febre?

AB – Não, eu não tinha conhecimento. No livro do... do Olympio da Fonseca é que houve um surto, alguns casos na Bahia, de Salvador... A Sra. deve estar ao par disto, por leitura e por palestra. E Manguinhos mandou, Chagas mandou uma comissão para a Bahia, para verificar... E lá eles sentiram, que o leptospira não tinha nada com a febre-amarela, então ainda houve divergência, porque no relatório de Olympio da Fonseca, ele discorda, mas parece que Aragão, aqui, achava que era. Uns apoiavam Noguchi e outros divergiam.

NB – Havia uma controvérsia, não é?

AB – É. Depois ele verificou, pobre Noguchi, ele mesmo verificou na África que... que ele estava errado, não é?

NB – E aqui no Brasil, quem é que leva essa pesquisa da febre-amarela pra frente? Quer dizer, quem continua?

AB – Que tomava conta disso?

NB – É. É, aqui em Manguinhos, por exemplo.

AB – Quando aparecia... quando aparecia caso, despertava interesse, em todos. Então, Torres, da anatomia patológica, tomava conta da parte dele. A parte do Júlio Muniz e Aristides Marques da Cunha, Aragão nesta época afastou-se um pouco, não sei porque motivo, afastou-se um pouco da... da protozoologia.

NB – E quem veio chefiar a seção de protozoologia quando ele se afastou?

AB – Não. Ficou mais ou menos assim, ficou mais...

RG – O Aragão, foi pra onde, o senhor lembra? Ficou por aí?

AB – Não, visitar... passou a visitar pouco a... foi gente, compreende? Mas se exigia de mim que trabalhasse pra ele. Eu não sei se tá pegando, sabe?

RG – Claro! Obrigada.

AB – Mas aí... aí, não vamos falar dos lugares que eu ocupei aqui.

NB – Vamos sim, a gente vai voltar a encontrar com o senhor.

RG – A gente vai falar de tudo!

NB – Se o Senhor quiser... vamos lá, vamos devagar que a gente vai conseguindo chegar lá. A gente vai chegando, o senhor tava falando do Chico.

AB – Vocês não põem esse confronto, entre eu e Francisco?

NB – Não, de jeito nenhum, e eu li a entrevista do Francisco e... realmente eu tô um pouco esquecida dela. Agora, eu gostaria que o senhor contasse como é que, que o Francisco... Isso que o senhor está dizendo... Entrou para o Instituto?

AB – Isso! Por favor. Eu vou contar. Pelo que eu sei... Carlos Chagas, quando ia para o interior de Minas tinha um acompanhamento, eu não sei que nome dar a um, um camarada, um acompanhante, um...

NB – Não era o caseiro dele, que o senhor tava falando?

AB – Altino?

NB – Ah! O caseiro era o Altino?

AB – Altino, era o tio do Francisco. Que eu vou pedir permissão para... para... chamá-lo de Trombone porque Trombone, foi um apelido que o nosso cozinheiro colocou no... no Francisco... E Francisco já tinha aqui dentro do Instituto, um irmão, se chamava João. João sobrenome, eu não sei, se Souza, eu acho que Souza. E o Francisco era muito magrinho, muito doentinho. E o Chagas, parece que o mandou para Belo Horizonte ou para Lassance, pra Minas, para o Estado de Minas. Para que ele se fortificasse.

NB – Eu acho que é pra Lassance.

AB – Lassance, sim. Como a sra. tem tudo isso na memória?

NB – (*risos*)

AB – E está me auxiliando hem! Foi Lassance. E ele, esteve com o tio uma temporada, lá. E se refez, ficou mocinho, estudou, e lá ficou. Posteriormente, Francisco veio para o Instituto Oswaldo Cruz. Como era hábito, naquele tempo todo indivíduo que se chegava ao Instituto, acabava empregado. Então ele veio, tornou-se um ótimo laboratorista, trabalhou com... com, com o Osório de Almeida.

NB – Miguel Osório?

AB – Miguel Osório de Almeida, na, na Fisiologia, tá certo?

NB – Mas o senhor.... já estava aqui há muito tempo, não é? Quando ele veio?

AB – Eu já, já. Eu era veterano. Eu dos veteranos sou... sou... tem poucos, tem poucos. De 1920, 1921, tem poucos.

NB – O senhor podia falar um pouco, já que o senhor tá lembrando, dos seus colegas do laboratório da seção de protozoologia, ainda, que trabalham com... o senhor, aqueles que o senhor... comandava, não é? Que o senhor era o primeiro auxiliar, não é?

AB – É, eles me deram esse destaque, não que eu fosse o melhor, mas, em questão de organização sempre eles escolhem um, pra olhar, compreende? Eu era faxineiro, eu era datilógrafo, eu era confidente do médico, eu era... eu era tudo! (*risos*)

NB – O senhor podia contar um pouquinho, desse dia-a-dia no laboratório? Como é que era, esse dia-a-dia? Os trabalhos que o senhor fazia?

AB – Ah! Esse dia-a-dia, tem passagens... tem passagens magníficas. Tem, tem muitas brincadeiras, tem coisas que eu vou contar só pra si. Temos, temos que fechar a gravação.

NB – Mas então, o senhor não pode contar sobre o seu trabalho, quer dizer, o que que o Senhor tinha que fazer, por exemplo? Quais eram as suas atribuições? Quem eram?

AB – Do modo geral, nós tínhamos no laboratório como auxiliar, nós tínhamos toda a rotina de laboratório. Era preparação, esterilização, autoclavagem, é a seco, velas, toda filtragem, toda a preparação de material. Inoculação, controle, exames rotineiros, diário, culturas, estas culturas, repique...

### **Fita 1 - Lado B**

RG – Quantas pessoas trabalhavam, no laboratório? Mais ou menos, não precisa ter precisão.

AB – Nós éramos uma média de 4, 5, época de 6, porque tinha muita coisa pra fazer... o, o Cunha.

RG – Dentre auxiliares, em média...

AB – O Cunha esse que hoje é meu compadre, e que a Fundação não deu um lugar a ele, ele até ficou muito triste, mas ele optou pra... pra estatutário. O Cunha, passou a criar camundongos, chegou a atingir 3000 camundongos, ele tinha caixas grandes, ele tinha uns camundongos brancos, tão lindo! Era um indivíduo trabalhador, inteligente, menino inteligente. Inteligente ele até hoje, porque a velhice não... não estragou ele, não. Inteligente, muito inteligente.

NB – Mas e... e entrava muita gente nova, no laboratório? Por exemplo, este de protozoologia?

AB – Entrava. Em Manguinhos era tão gostoso, que quem entrava nunca mais saía... (*risos*)

NB – E todos os seus colegas moravam aqui também, como o Senhor falou?

AB – Não, não, não... a moradia...

NB – Quem é que morava aqui?

AB – A moradia era para filhos do interior, que vinham para o Rio de Janeiro e não tinha onde ir. Do modo geral os paulistas, os mineiros, então o administrador dizia: apanha uma cama no hospital, apanha um travesseiro, toalha de banho, então a gente lá no primeiro dia, ia, apanhava a roupa de cama, apanhava, quer dizer, ficava por aqui.

RG – Quer dizer que era uma coisa meio improvisada, não era um lugar especial, onde as pessoas dormiam?

AB – Era... Não, era improvisada porque Manguinhos tinha muitos pavilhões. Tinha o antigo Instituto Soroterápico.

NB – É uma casa, não é?

AB – Que era uma casa, onde é a Rockefeller.

NB – O senhor chegou a conhecer?

AB – Pois eu morei lá. Tinha famílias à beça. Tinha uma família com os filhos, as filhas que depois todas se tornaram normalistas, que era Joaquim... José Joaquim Dias Paredes, que era o encarregado do meio de cultura. Era o chefe da seção de... de meio de cultura. Tinha José de Vasconcelos com a, coma esposa, com três filhos, uma filha e dois filhos. Que foi acidentado, que recebeu um tiro em cima do pé, eu não sei se você... ouviram falar nisso.

NB – Não! Não senhor.

AB – Numa caçada, que se fazia, que Lauro Travassos fazia aqui pela fazenda, tinha um bicho em cima do coqueiro. E quando, e quando Lauro Travassos com... com a espingarda, apontou, esse bicho jogou-se do coqueiro em baixo. E José de Vasconcelos, que era o auxiliar dele, correu pra apanhar o bicho pra segurar o bicho. E Lauro Travassos desceu com... com o rifle e atirou. Pensando atirar no animal, atirou em cima do pé do José de Vasconcelos. Então, José de Vasconcelos ficou inútil. Mas não deixou... ficou, morreu com aquela ferida, não é? Porque estraçalhou o pé, mas não deixou...

NB – O senhor tava aqui nessa época?

AB – Não, não, no acidente eu ainda não... eu ainda não, não... não estava no Instituto. Mas foi pouco tempo, pouco tempo antes. E José de Vasconcelos, enquanto pode trabalhou com Adolfo Lutz... naquela... naquela sala, lá na frente, na ala esquerda, do 1º andar que nós estamos, nós estamos no 1º andar.

RG – O Lutz trabalhava aqui, no Castelo, nessa época?



AB – Trabalhava!

RG – E pensei que fosse no prédio do Quinino, lá atrás não? Ele era daqui?

AB – Lutz, não! Lutz quando morreu, saiu daquele... trabalhava, já nessa época, Joaquim Venâncio e José de Vasconcelos, eram os dois. Sendo que o José de Vasconcelos veio trabalhar com o Lutz, depois do acidente.

RG – Por que aí... era um tipo de trabalho que ele podia fazer, apesar da perna?

AB – Podia, podia, podia... É, é, é, andava pouco, compreende?

NB – O senhor nunca chegou a trabalhar com o Lutz não?

AB – Mas conhecia, entrava no laboratório dele, cheguei a entrar... Ele era muito esquisito.

NB – Seco?

AB – É, é. Tem uma... Tem uma visita dele, isso são coisas que... tá ligado? Então, vamos desligar. (*interrupção de fita*)

NB – Seu Attílio... A gente parou aí, quando a gente tava falando da protozoologia, seção de protozoologia, onde o senhor trabalhou. E eu queria saber, quando é que o senhor sai da protozoologia, quanto tempo o senhor ficou lá e quando é que o senhor sai, pra onde o senhor vai?

AB – Eu quando... Eu trabalhei alguns anos na protozoologia. Alguns anos mesmo. Até 1930, se não me falha a memória, 31 ou 32. Quando morreu o auxiliar do Carlos Chagas, do nosso diretor Carlos Chagas, José Borges. Para minha surpresa, porque foi realmente surpresa. Eu fui chamado à Diretoria, juntamente com os meus dois chefes, Júlio Muniz e Aristides Marques da Cunha. E a eles foi dito, por Carlos Chagas, que eu tinha sido escolhido para substituir o José Borges, que havia falecido. Então iniciei uma nova fase na... na minha vida de laboratório. Atendendo a um pedido do nosso diretor, para que procurasse reformular parte da... do que estava dentro do laboratório. Então passei para novas funções. Criando... Separando espécies de triatona. É... abrindo cadernos com data de postura, data de nascimento das larvas, fase de ninfa, fase de adulto. Então, afinal de contas, uma nova... uma nova estrutura o laboratório.

NB – Onde é que ficava o laboratório?

AB – Onde?

NB – É, qual é... Onde ele se localizava?

AB – Aqui, no 2º andar, em cima, onde nós estamos.

NB – Aqui em cima dessa sala?

AB – Aquela ala, à direita... A ponta.

NB – Ah! Sei.

AB – Aonde nós estamos aqui, era o gabinete do... do diretor.

NB – Nós estamos na sala 25, quer dizer, em cima era gabinete do... da direção?

AB – É, no segundo... É, do diretor. E ao lado, ao lado, aquela ala... A ala à direita, do 2º andar, era o laboratório.

NB – Que dá pra frente, não é?

AB – É, pra frente. E lá estive com ele até o dia que ele morreu.

RG – Agora, pro senhor deve ter sido, imagino, uma emoção, ir trabalhar como Chagas, porque o senhor disse, como o Chagas não houve igual, o senhor disse isso no elevador, quando a gente subia.

AB – Disse, e eu tenho que confirmar pelo seguinte. Como meu chefe, me distinguia... me tratava como se eu fosse um filho. Diziam que ele era muito nervoso, alguém por aí, que eu não quero citar, dizia: O Chagas, o Chagas é... é nervoso, você não vai se dar bem com ele.

RG – Mal humorado?

AB – E eu tenho... Mal humorado. Era um santo, era um santo. Não tenho outra expressão pra ele. Me tratava como se eu fosse um filho. Tive pela, pela sequência trabalhando com ele, pequenas coisas. Eu senti, que ele me queria bem. Passou a e querer bem. Bem, ele queria bem a todo mundo. Mas passou a... a me tratar com distinção. E...

NB – E nesse trabalho no laboratório, quer dizer, ele ensinou coisas em relação aos barbeiros. Essa coisa do tripa... tripanossoma...

AB – Não, porque ele cuidou... ele cuidou... de pequenos detalhes de esclarecimento da, da... sobre moléstia de... de Chagas. Ele aí passou a ser mais um conselheiro. E ia recebendo gente nova, como recebeu, recebeu no período que eu estive lá, o Valter Oswaldo Cruz e o Emmanuel Dias, que eram primos-irmãos. Não sei se, se, se sabem disso.

NB – Não, não sabia disso não.

AB – Porque o Ezequiel Dias, pai do Emmanuel Dias, que era de Belo Horizonte, era cunhado de Oswaldo Cruz.

NB – Ah! Isso a gente não sabia não.

AB – Ele foi, ele foi tomar conta do, do Instituto filial e eram primos-irmãos.

NB – René Rachou. Que chama lá em Minas, não é não? É Instituto como, que chama lá?

AB – É Instituto Ezequiel... Na época era...

NB – Ezequiel Neves?

AB – Na época era filial do Instituto Oswaldo Cruz. Após a morte de Ezequiel Dias, passou a se chamar, Instituto Ezequiel Dias. Bom...

RG – Mas, o Chagas, então nessa época, ele devia ter muitos afazeres, não é? Ele não podia ter tanto tempo pro laboratório... ele era diretor.

AB – Bom, ele aí era... Ele tinha a saúde pública, ele tinha o professorado, ele, ele era, era da faculdade de medicina. Ele tinha o Instituto de Manguinhos, ele tinha um relacionamento muito grande, internacional, exposições, tinha, tinha viagens à Europa.

NB – E, o curso, o curso de aplicação... Era curso de aplicação, que chamava dentro de Manguinhos?

AB – Era aqui ao lado.

NB – Ele dava aula no curso?

AB – A minha memória, não lembra Chagas dando aula. Pode ser que antes, mas eu acho que nessa época ele já tinha passado aos seus assistentes. Na época, já Manguinhos era cheio de médicos e... e com muita fama.

NB – E esses alunos, não é? Eles nunca chegaram... os estudantes que vinham para o laboratório ficavam subordinados... é, como é que era a relação do senhor com esses alunos, por exemplo? Que vinham pros laboratórios.

AB – Era ótima. Era ótima... o Walter Cruz...

NB – E quem ensinava esses alunos? Hum?

AB – Eles entravam com o curso médico né? E depois iam praticando. Escolhiam suas especialidades, e iam praticando. Emmanuel Dias, caiu em moléstia de Chagas, agarrou-se à moléstia de Chagas. Valter [Oswaldo] Cruz, hematologia, escolheu uma...

NB – O estudante podia escolher?

AB – Não, já vieram formados, os dois.

NB – Sim, mas eles escolhiam a área, que eles queriam trabalhar.

AB – Escolhiam. E Chagas, por exemplo, Chagas acatou esses dois, né? Quer era de família, da casa, etc. E colocou-os lá comigo.

RG – E o senhor que orientou eles inicialmente?

AB – Não, não foi bem uma orientação. Foi aí foi mais uma... o dia-a-dia, foi o dia-a-dia.

RG – A gente, quer ver assim, é o papel, não é? De um auxiliar, de um técnico, da pessoa que justamente não é o médico, na formação desses jovens cientistas?

AB – Bom, mas os médicos, os mé... os médicos, esses dois, esses dois... Ao Chagas, eu pedi um auxiliar, e ele me deu.

NB – Pra trabalhar com o senhor?

AB – Comigo, porque como tinha animais de, de... inoculados, essa coisa toda. Tinha que carregar bichos, pra cima e pra baixo, e eu falei: “Dr. Chagas, eu precisava de um auxiliar”. Aí escolhe, ele mandou eu escolher.

NB – Isso. Quem era o auxiliar que o senhor chamou?

AB – Foi o Antônio Maria Correa Duarte. Eu queria o Melo, eu queria o Melo que trabalhava com... com o doutor Travassos. Mas o Dr. Travassos me disse: “Ô Atílio, você trabalhando com o Carlos Chagas, você pode tirar, você tem força pra me tirar o Melo. Mas não faça isso.” Eu digo: “Pode ficar descansado”.

NB – Era o braço direito dele?

AB – É... Devia ser. O Melo foi um bom auxiliar.

NB – Como é que é o nome dele todo? O senhor lembra?

AB – É, José de Carvalho.

NB – Carvalho Melo?

AB – Mas como eu tinha um veterano vigia, aqui de Manguinhos. Tinha, era Melo, então passou-se a chamar o sobrinho, Melo Melo, Melo, Melo. E ficou o Melo velho, o Melo do meio e tem agora este, que voltou agora, pra Manguinhos, que é filho do, do... do que foi funcionário, aqui.

NB – Como que é o nome dele, o senhor sabe?

AB – É esse é... é Carvalho. Acho que José de Carvalho, o nome do pai. Convém perguntar a ele lá, sabe?

RG – Eu queria fazer uma pergunta: o senhor nos falando assim, numa hora que a gente não tava gravando, né, disse, como era importante o Instituto naquela época, não é? Como ele era bem visto, não é? Internacionalmente, inclusive, não é? Como era assim, uma vida muito efervescente, não é? Cheia de acontecimentos, descobertas de muita... de muita empolgação, parece, não é?

AB – Era realmente.

RG – Das pessoas envolvidas. Seja médicos, seja auxiliar, todo mundo...

AB – Realmente era. o fabrico de soro, o fabrico de vacinas, cuidava-se de tudo.

RG – E havia também, condições assim, econômicas favoráveis, quer dizer, se as pessoas eram bem pagas, se tinha material?

AB – Isso eu vou lhe contar, eu vou lhe contar como é que Manguinhos conseguia, o dinheiro, a verba, para isto.

RG – Isso. Como é que era?

AB – Quando eu vim para o Rio de Janeiro, já Alcides Godoy e... e Astrogildo Machado... Alcides Godoy e Astrogildo Machado, tinham descoberto a vacina contra a peste de Mangueira, que até hoje é fabricada, neste país. Hoje na mão dos filhos e netos, aqui na, na... na Licínio Cardoso, ali, próximo ao Hospital Central do Exército. Então 25, não o total, quase o total, desta verba, era aplicado em benefício do Instituto. Pagamento dos funcionários, que não faziam parte do quadro, que chamavam, funcionários da Mangueira. Onde eu entrei, como funcionário da Maqueira. Era pago por esta verba. 75% compra de material, compra de equipamentos científicos, então não faltava dinheiro. Porque se vendia muito, para essas Repúblicas sul-americanas. Vendia-se muito, como se vende até hoje. Mas vem o Governo de Getúlio Vargas. Vem o recolhimento das tesourarias, para o Governo. Então, criou nos donos, nos criadores da vacina, Machado e Godoy, uma revolta. Porque eles tinham 25% (ruído) do que fabricavam. E o resto, e o resto, era em benefício do Instituto. Desde que, o governo arrecadou esta verba, eles retiraram os produtos, de dentro do Instituto. Então Manguinhos ficou sem verba, e eles foram fabricar particularmente, ficaram milionários, ficaram ricos.

RG – E não houve, uma outra verba que substituísse? Houve uma ruptura. Houve assim um vazio?

AB – Houve oficial, houve oficial. Mas também, não sei politicamente, se o governo sentiu-se melindrado. Sei que o dinheiro daí pra frente, não passou a ser muito não.

RG – Quer dizer, que nessa época, que o senhor tá falando, porque eu me lembrei de perguntar isso, porque o senhor falou porque eu pedi um auxiliar pro Chagas, ele me arranhou um auxiliar. Então eu pensei, quer dizer, que era fácil, naquele momento, se conseguir as coisas necessárias, pro trabalho andar bem?

AB – Era, era menina... Vai sentir o seguinte, isto aqui pertencia ao Ministério da Justiça. E cada chefe, vamos admitir, cada, cada figurão como Chagas, como Lutz, como um Assis, como um Vital Brazil, do, do Butantã, eram figuras, que não tinham anda negado. O Governo nenhum tinha coragem de negar a uma personalidade, como Carlos Chagas, compreende? Então, eles tinham o poder, eles tinham o poder de administrar uma independência, que não se vê hoje. Hoje é um escalão, a pessoa tem que prestar aquela obediência. Mas é um... chagas tinha um... tinha, tinha o poder de... dar uma licença e um doente, a um funcionário doente. Ele tinha autoridade de tirar um funcionário daqui, e mandar para Belo Horizonte, se refazer de uma tuberculose, que naquela época era... era uma coisa! Não é? E ele era o responsável, e ninguém pedia satisfação a ele. A autoridade, dessa gente, era uma coisa... E merecida! E merecida!

NB – O Senhor sabe das ligações do Chagas? Se o Chagas era getulista ou alguma coisa com Getúlio? O que, que era?

AB – Era apolítico.

NB – Apolítico?

AB – Se ele quisesse ser político, se ele quisesse ser político. Uma frase que eu, eu... no discurso do filho, um discurso falando na televisão ou aqui dentro mesmo, do Instituto, não sei. Se ele quisesse ser político, ele estria lá em cima.

RG – Ele tinha esse dom, essa habilidade.

AB – Ele tinha, e o relacionamento. Ele era amicíssimo, daquele que foi Ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Mello Franco. Que era amicíssimo, vinha aqui no Instituto, era íntimo dele. Que o Carlinhos, que eu chamo Carlinhos, que ainda quando, quando fui almoçar com ele, chamei de Carlinhos. Fiquei tão vermelho, tão sem jeito.

AB – Ele disse, não Attílio, é assim mesmo que eu quero, que você me trate. Pois, se você me conheceu mocinho. Por que que você vai me chamar de professor?

NB – Seu Attílio. O senhor falou uma coisa agora, aí por último, que me chamou a atenção.

AB – Fala, fala.

NB – O senhor tava dizendo: a tuberculose, daquela época, era uma coisa!

AB – Era.

NB – O senhor podia falar um pouquinho, da tuberculose, quer dizer, havia algum desenvolvimento de trabalho aqui dentro?

AB – Minha filha, primeiro não existia cura, primeiro que não existia cura. Um caso de tuberculose em família era uma tristeza. O isolamento, aquela coisa toda.

NB – Mas havia assistência? Hospitais? Havia isso? Nessa época?

AB – Não havia, medicamentos. Hoje, nós temos, hoje nós temos...

RG – Depois da guerra?

AB – Assim mesmo, ainda se morre muito, ainda se morre muito. Naquele tempo, não existia nada. Quando começou a aparecer antibióticos, tuberculose, corria atrás de antibiótico, como, como um indivíduo, corre atrás da vida.

NB – Mas havia muito tuberculose na cidade?

AB – Muito, muito. Aqui dentro, de Manguinhos mesmo, morria à beça, tuberculoso.

NB – E porque, que a pessoa ficava tuberculosa, o senhor sabe?... A que, que o senhor atribui?

AB – Eu atribuo... Eu, eu na minha ignorância, atribuo a tuberculose a... a alimentação, boca...

NB – Sim.

RG – Falta de boa alimentação?

AB – Vida saudável, onde há boa alimentação e vida saudável, raramente existe tuberculose.

NB – Mas, o Rio de Janeiro, tinha hospitais, pra tratamento de...

AB – Poucos, poucos. No [Hospital] São Sebastião, um, um...

NB – O Chagas, não tinha maior preocupação, em relação a isso? Porque o Chagas, tinha um departamento, como diretor do departamento Nacional de Saúde Pública, ele criou um serviço especial.

AB – Tinha, tinha, tinha... Tinha, tinha, mas depois de declarado, minha filha, era quase que morte certa.

NB – Ele nunca chegou a lhe falar nada, sobre isso? Não? Desse interesse dele?

AB – Não. Não. Eu sei, que ele cuidava, ele não tinha... não podia ter essa intimidade, comigo, de... mas ele cuidava de Saúde Pública. Ele tinha um interessa, não só sobre tuberculose, sobre venéreas, sobre tudo, tudo, tudo.

RG – Quer dizer que o sr...

AB – E segundo me parece, e segundo me parece, trabalhou de graça, não percebia, não recebia da saúde pública...

NB – Do Departamento Nacional de Saúde Pública, é?

AB – Trabalhou de graça, uns cinco ou seis anos. Eu estou procurando lembrar, quem foi o substituto dele na saúde pública e não lembro. Não sei se foi, Lafayette de Freitas...

NB – Não sei, a gente pode até ver...

AB – EU acho que foi Lafaiete de Freitas.

NB – Mas o Chagas é que contratou, quer dizer, ele foi quem entrou em contato com a Fundação Rockefeller não foi não?

AB – Contato?

NB – É o contato com a Fundação Rockefeller era Rockefeller se instalar aqui, não foi não?

AB – Ah! Ele tinha, tinha. Isso eu não posso garantir, porque devia ser assunto privado, deles, não é?

NB – Sei, sei.

RG – Isso aconteceu antes do Senhor ir trabalhar com ele... O senhor na verdade, o senhor conheceu ele melhor na, naquela época, em que trabalharam juntos, não é? Antes ele era o diretor, mas...

AB – Ah! Foi, eu o conhecia como diretor, e à distância. Eu era procurador, mensal, cheguei a ser procurador de 18 médicos de Manguinhos.

RG – Ah, é?

AB – E eles não queriam sair de Manguinhos, e o Valdemiro, que mandava em mim, porque era filho de São Luís do Paraitinga, e era conhecido de Oswaldo Cruz, e figura de destaque, era mandão, aqui dentro do... do Instituto Oswaldo Cruz, dizia: “Attílio, você vai ser o procurador de fulano”.

NB – E o que é que era esse trabalho?

AB – Esse trabalho, é receber o vencimento. Então, eu ia no Tesouro, assinava a folha.

RG – No Centro é na Cidade?

AB – No Cento, na Av. Passos, onde, onde é aquele terreno baldio, ali era o Tesouro velho. Então, eu pegava no livro e os, e os, indivíduos atrás, querendo assinar, e eu, toca a assinar, assinar, assinar... E eles, contando dinheiro, e eu, pondo no bolso. Naquele tempo, não havia assalto, não havia nada. Vinha eu, com 30, 40 contos, que era... Eles ganhavam dois contos, cada um.



NB – Isso era um bom salário?

AB – Era bom salário! Dois contos, eram 2, 2, fa... falavam-se contos, é... Eram dois mil cruzeiros.

NB – Na época, né? Mas como é... Era difícil, o acesso daqui, de Manguinhos à cidade, por exemplo? Como é que o senhor ia e vinha?

AB – Tá gravando? Vagabundagem esses médicos, que não queriam, queriam comodidade.

NB – Não... Sim, mas, pois é, mas eu tava perguntando pro senhor como é que o senhor ia pra cidade, e voltava de trem? Como é que era?

AB – Trem, trem.

NB – Tinha já, trem, nessa época?

AB – Trem. Não tinha ônibus! Nós... Nós tínhamos como estrada, a grande estrada, o grande slogan de Washington Luiz Pereira de Souza, “governar é abrir estradas”. E ele abriu aquele pedacinho, da Rio-Petrópolis, que margeia a Leopoldina, aquele estreitinho. Então, a gente subia ali, entrava na portaria de Manguinhos. Agora, imagina se posteriormente, não abriu a Presidente Vargas e não abrem a Av. Brasil, como é que a gente, ia entrar ou sair do Rio de Janeiro.

RG – É. Exatamente.

NB – O senhor tava aqui é... O senhor era getulista. Já perguntar sobre a Revolução de 30, o senhor tava aqui no Rio, não é?

AB – 30. Eu era, eu era contra o Getúlio.

RG – Ah, é. Por que?

AB – Eu era, Washington Luís. Primeiro, por ser paulista, aquele bairrismo desgraçado que o paulista tem. Então, eu seguia a política paulista. Júlio Prestes, era o candidato do, do Washington Luís...

NB – Foi em quem o senhor votou?

AB – Foi em quem eu votei, contra o Getúlio. Votei contra o Getúlio, mas depois eu comecei a amadurecer, e senti o Congresso, Congresso, a democracia e tal, mas comecei a sentir um credulismo da politicália. A deputados, Senadores e tal, e... Hora está pra cá, hora está pra lá. Então, aquilo estava um pouco fora da minha formação. Então, quando Getúlio deu o Golpe, em 37, que fechou... Eu passei a ser getulista. Porque eu senti uma alegria de acabar com aquela, com aquela comedeira. Passei a ser getulista.

NB – E em 32, na Revolução Paulista, o senhor ficou contra o Getúlio, ou a favor dele? Na Revolução de 32. A Revolução Paulista!

AB – É. (*risos*). Desliga (*risos*).

NB, RG – Não! (*risos*) Por favor pode falar sobre a Revolução Paulista.

AB – Aí... Aí, não tem nada pra contar. É brincadeira.

RG – Brincadeira, faz parte...

AB – Não, não, aí eu já tinha uma mentalidade mais ou menos. Eu não, continuei a favor de São Paulo, mas, eu não podia...

NB – Claro! Era paulista.

AB – Não podia interferir, não tinha... Mas, aqui dentro nós cavamos um, um...

RG – Uma trincheira?

AB – Cavamos um mimeógrafo, cavamos um mimeógrafo, daqueles antigos, não sei se vocês conhecem esse modelo...

NB – Não senhor, não senhor.

AB – Vocês, conhecem do moderno.

NB – Como é que é, esse mimeógrafo?

AB – Esse mimeógrafo, era um reproduutor de cópia, compreende?

NB – Sim!

RG – Era alto, esse mimeógrafo era a álcool?

AB – Que hoje, vocês tiram cópia.

NB – Era a álcool?

AB – Não, era uma tinta, um rolinho, era, era... uma coisa antiga. Um rolinho, e a gente girava aquilo. Primeiro, escrevia à máquina, num papel que furava, não é? Furava aquilo. Então, a gente passava aquilo e tirava umas cópias. Então, Boletim Revolucionário, no Rio de Janeiro...

NB – Que maravilha, senhor Attílio! Não sabia disso.

AB – Muitos, muitos, muito boletins foram feitos por mim. Faz favor de desligar (*risos*)

NB – Por favor... Isso é uma coisa... olha, o senhor sabe que...

AB – Então havia confusão aqui nas notícias, Ladeira falava, o César Ladeira, houve isso, falava lá de Campinas, São Paulo pra cá. Então, todo mundo ouvi no Mayrink Veiga...

NB – E o senhor na maior torcida pelos paulistas.

AB – Hem?

NB – O senhor na maior torcida pelos paulistas.

AB – Torcida e falando o boletim (*risos*). Que nós estávamos aqui, que nós estávamos avançando, que nós já estávamos em Cruzeiro, que nós já estávamos avançando.

NB – Mas os paulistas, quase que ganham mesmo, não é?

AB – Hem?

NB – Os paulistas, quase que ganharam.

AB – Não! Que nada, que nada. Ninguém podia com Góis, Góis Monteiro. Góis Monteiro, era um cabo de esquadra, que ele foi cercando paulista, dominou aquilo. Aquilo foi, aquilo foi loucura.

NB – Mas o senhor nunca ouviu falar de que, o Góis, em certo momento estaria meio assim, em relação ao Getúlio, e teria apoiado São Paulo? O senhor nunca ouviu falar isso não?

AB – Não teve dificuldade nenhuma, pra vencer São Paulo. O Rio de Janeiro, não teve dificuldade. Ele foi aqui pela, por, pela Serra do Mar, cercou paulista... Era uma mocidade patriótica. Um patriotismo de moço.

NB – O senhor nunca pensou em se apresentar em São Paulo, não?

AB – Eu sou antimilitarista; sou pacifista. Um pacifismo, quase à moda do Gandhi. Eu não gosto de... de militar, não é que eu não goste, do militar em si. Não gosto de militarismo. Acho que o mundo, devia viver...

NB – De guerra.

AB – Sem navio, sem canhão, sem... não é? Se entender pela palavra. Tão bonito isso, não é? Então, nem, nem... nem reservista da ativa, eu sou.

NB – O senhor não serviu?

AB – Não. Posso lhe contar?

NB – Pode! Pode contar.

RG – Claro!

NB – Eu estou cuidando aqui...

AB – Naquele tempo, as cidades do interior, as Câmaras Municipais, os vereadores, os prefeitos, é que determinavam os seus filhos, para servir, em determinadas regiões. E eu...

### **Fita 2 - Lado A**

NB – Pode falar seu Attílio.

AB – E eu, fui escalado pra servir em Campo Grande, Mato Grosso.

NB – Sim.

AB – Não me apresentei porque foi uma questão de vingança política numa cidade pequena do interior, contra meu pai, que tinha sido Prefeito e houve divergência política e etc.

NB – Ah! O seu pai foi Prefeito?

AB – Foi.

NB – Ah sim!

AB – E eles, me mandaram para Campo Grande. Então, fiquei calado. Já no Instituto!

NB – Ah! O senhor estava já aqui?

AB – Já, no Instituto! Não me apresentei. E fui indo, fui levado, fui levando a vida.

NB – E não vieram aqui, lhe buscar não?

AB – Não, mas de vez em quando, havia reforma de papeis, assinatura e etc... Eu digo, é agora que vão me pegar.

RG – E nunca pegaram?

AB – Mas os anos foram passando, e eu, fui vivendo do susto. Até que fizeram, 10 anos. E prescreveu, após 10 anos, prescreve. Então eu precisava de um certificado de Reservista. Porque eu não podia ficar sem Certificado de Reservista.

NB – Era um documento, não é?

AB – É um documento. Então, eu fui a São Paulo, fui à Capital, e retirei esse certificado que eu tenho em casa. Certificado de Reservista, de 3ª categoria, mas como tinham muitos na

minha situação, nós fomos obrigados a marchar, na Av. Rio Branco. Tipo um juramento de Bandeira, aqui. E eu, sem instrução militar nenhum etc., fui obrigado a marchar dali até... daqui de cima ali no Hotel Avenida. Naquela época, até o Municipal.

NB – Sei.

AB – Até lá embaixo. Lá eu, jurava-se bandeira e tal, e, dispersava-se.

NB – Quando foi isso? O senhor Lembra? Esse juramento mais ou menos?

AB – Eu já era casado.

NB – E quando foi, que o senhor casou?

AB – Eu me casei em 29. Eu estou com, 55 anos de casado. 56 anos de casado!

NB – A sua esposa, é daqui do Rio? Ela era carioca?

AB – É, é, é.

NB – Hum! Como é que é, o nome dela?

AB – Ana, Ana da Cunha Borrielo.

NB – Quer dizer, que o senhor quando fez o juramento, já estava casado? Então, foi na década de 30, por aí, 30 e poucos?

AB – É... Não foi muito, foi muito depois...

NB – Depois?

AB – Porque já tinha acabado a Revolução, em São Paulo.

NB – Foi depois de 32, então?

AB – Houve duas Revoluções, lá, não? Uma foi do Klinger e outra foi... São Paulo, São Paulo...

NB – Mas uma foi em 24.

AB – Foi em 24.

NB – Que juntou lá, com a Coluna Prestes, depois, que Luís Carlos Prestes. A outra foi em 32, que o senhor disse que fazia os manifestos, aqui no Rio, favoráveis à Revolução.

AB – Eu não tenho assim uma memória, tão, tão viva.

NB – Sei. Não tem a menor importância, mas eu queria perguntar o seguinte: o senhor chegou a conhecer o Pedro Ernesto, Prefeito do Rio de Janeiro?

AB – Muito! Muito, mas muito mesmo.

RG – Por que que o senhor conheceu?

AB – Prefeito, nosso prefeito do, do...

RG – Como é que o senhor conheceu ele, em que circunstâncias?

AB – Política, política aqui... getulismo aí já getulismo.

NB – Mas aí o senhor já tava getulista, como é?

AB – Já, já, estava getulista.

NB – Mas o Pedro Ernesto, foi preso pelo Getúlio né?

AB – Foi, porque essa divergência momentânea, compreende? Intriga, como acabou Getúlio também. O que abusaram do Getúlio Vargas, porque no fim considerei Getúlio, um dos grandes presidentes do Brasil. Não sei se são da mesma opinião?

NB – Acabei de fazer um trabalho sobre o Getúlio.

AB – Eu considero, considero o Getúlio, um Kubitschek, um Getúlio Vargas, é o que a gente precisava. O nacionalismo do Getúlio, esse indivíduo sabendo que a gente, os Estados Unidos mandam na gente, domina isto aqui. E a capacidade, a inteligência, desse homem, contemporizando e conseguindo tudo, dos Estados Unidos. Conseguindo siderúrgica, quando os Estados Unidos nos oprimia e ele foi conseguindo, conseguindo, conseguindo. Na guerra, opinião dele em quanto pode, aquela simpatia, a favor do eixo, quando não pode mais! Quando o americano, já, já, descia em Natal, já tinha invadido território é... Compreende? Quando não sabemos, quantos navios brasileiros, foram postos pelos alemães, enquanto pelos aliados, hum?

NB – O senhor participou dessas manifestações, contra afundamentos dos navios?

AB – Não, porque aí, aí, eu sou um brasileiro, não é? Eu sou um brasileiro. Pois é, mas o senhor, mas aqui dentro do Instituto Oswaldo Cruz, por ser filho de italiano. Em pleno refeitório, um dia, me chamaram de 5ª coluna.

RG – Acontecia dessas coisas, naquela época, não é?

AB – É.

NB – Os alemães, também sofreram muitas perseguições, não é?

AB – É. Tive uma casinha, onde eu moro, que foi construído por um rapazola, alemão, que estudou em Hamburgo. E era meu colega de, de cafezinho à noite, então, um colega. Um conhecido, um amigo. E acabou aprendendo numa dessas viagens, acabou aprendendo construção. E construí minha casinha. Parte à vista e parte em prestação. Quando estoura a guerra, vem uma ordem para que não se pagasse nada a súdito do eixo. Nem italiano, nem alemão, nem japonês. E ele, tinha várias construções. Ele disse: “Attílio, você vê a minha situação, agora, não querem me pegar”. Eu disse, não eu. Porque quem fez a casa pra mim, foi um amigo, não foi um alemão. Não tendo nada com isso. E continuei a pagá-lo. Até o fim. Pois muitos, deixaram os alemães para... os italianos, sofreram.

RG – É.

NB – O senhor teve algum outro tipo de perseguição, assim o senhor sofreu?

AB – Não, nenhuma, nenhuma.

RG – Não. Aonde que é essa casinha, aonde o senhor mora até hoje?

AB – Onde eu moro...

RG – Aonde que é? É aqui perto?

AB – É, é aqui em Bonsucesso, em Higienópolis. Muito modesta, não é?

RG – O senhor morava... o senhor foi decidir morar numa região...

AB – Eu fiz pelo seguinte, eu fiz pelo seguinte. Me perguntam: por que que você fez a tua casinha? Porque eu vinha a pé de lá ao Instituto Oswaldo Cruz. Porque não havia transportes. Então, eu fiz essa casinha em Higienópolis. Eu saía de lá, chegava na portaria, tinha um carrinho que nos trazia cá pra cima.

NB – O senhor saiu daqui, quando o senhor casou, então, porque o senhor foi morar nessa casa!

AB – Não, eu fui em casa de aluguel. É onde... Moramos em casa.

NB – Quer dizer, quer dizer, o senhor morou aqui até casar?

AB – Até casar, morei aqui no Instituto Oswaldo Cruz. Até 20... até 20... 28 de dezembro de 29. Eu me casei em 29 de dezembro de 29.

NB – Pode falar! Attílio falta!

RG – E nesse lugar que o senhor foi morar, tinham outros colegas, aqui de Manguinhos? Ou assim, outras pessoas que o senhor conhecia?

AB – O bairro, não... O bairro, tinha mais empregados de Manguinhos. De maneiras que a gente vinha sempre com um colega, mas a pé. Sempre a pé. Na época, que eu me casei, o único automóvel que tinha, dentro de Manguinhos, era o do Diretor.

NB – Ao Chagas. Ninguém mais, tinha carro. O carro do Chagas?

AB – É.

NB – Na qual o senhor andou?

AB – É. Ninguém mais tinha carro. Depois, um médico ou outro, o... Burle de Figueiredo, apareceu com uma lancha, aí. Todo mundo ia ver, mas que beleza de carro! Depois, mais um outro apareceu aí. Depois, Souza Araújo, terceiro; mas ter carro aqui, dentro de Manguinhos... Hoje tem tanto carro quanto funcionário. (*risos*)

NB – O senhor me pergunta...

RG – Exatamente!

NB – Voltando, um pouquinho ainda, aquela coisa do Pedro Ernesto, eu queria lhe perguntar: o Pedro Ernesto, chegou a vir aqui ao Instituto? Por que ele era Prefeito, da cidade, não é?

AB – É. Eu tenho lembrança de político, gravado, gravado, gravado, um discurso no refeitório, um almoço muito bonito, o Távora. Juarez Távora, como Ministro da Agricultura. Sendo saudado pelo, pelo Carlos Chagas e ele... E ele retribuindo Pedro Ernesto, não me lembro. Washington Luís, me lembra. Getúlio, mais uma vez.

NB – Esteve aqui?

AB – Pequenino... Ah, Getúlio, me lembro! Este aqui tem até um, um pedaço de jornal pequenino, deste tamanho na rua, o Getúlio em Bonsucesso, se ele e ele perto assim do Getúlio. Esse daqui era um fã do Getúlio.

RG – Seu filho?

AB – É, este... (*risos*)

NB – O senhor nunca, nunca pertenceu, a partido político nenhum, nessa época né?

AB – Não, eu era apenas um votante. Nunca fui assim, um... Aqui em Manguinhos, votava muito no Henrique Dodsworth. Um que foi Prefeito, Deputado, professor do Colégio Pedro II.

NB – Foi ele, quem substituiu o Pedro Ernesto na Prefeitura, não é?

AB – Foi. Isso mesmo.



RG – Manguinhos votava nele, porque ele atendia...

AB – Foi... ele, não... Aconteceu esta coisa do Henrique Dodsworth, quando ele era sobrinho do Paulo de Frontin, do senador, certo?

NB – Certo!

AB – Tá certo, não é?

NB – Tá certo.

AB – Foi o homem que colocou a água, no Rio de Janeiro, em poucos dias, aquela história toda. Ele, era mocinho, professor do Pedro II e tal. Depois, se meteu em política. Então andou, aquela cabala de votos, etc... E conseguiu dum funcionário, que um funcionário do Instituto Oswaldo Cruz, fosse cabo eleitoral dele: Abílio Lopes de Oliveira, esse Abílio Lopes de Oliveira, era um veterano, trazido pelo Dr. Gaspar Vianna, da Santa Casa de Misericórdia.

NB – Ele trabalhava lá...

AB – Vocês conhecem mais História do que eu. (*risos*)

NB – Não senhor o senhor viveu, isso eu não conheci, não.

AB – Hem?

NB – O senhor viveu. Eu só conheço depois de ter lido.

AB – Por história, não é?

NB – É. O senhor que viveu.

AB – Este rapaz, adquiriu a leishmania *brasiliense*, em Botucatu. Era um lavrador baiano, que tinha ido pro Estado de São Paulo, lá, apanhou as úlceras, veio para o Rio de Janeiro, e o Gaspar Vianna fazia estágio de manhã, na Santa Casa de Misericórdia. E lá começou a tratá-lo, mas pra que ele ficasse mais perto, pra que ele ficasse mais perto do Gaspar Vianna, o Gaspar Vianna o trouxe para Manguinhos, e ele, começou a mexer numa coisinha ou outra, acabou um ótimo funcionário. Passou, a conhecer a anatomia patológica, o Abílio, né? E ficou aqui no Instituto e acabou como funcionário. E o Gaspar Vianna, acabou se contaminando, apanhando aquela tuberculose.

NB – É, foi uma coisa muito triste, mas ele era o cabo eleitoral então? Do Henrique?

AB – Ah! Bom. Então, como eu ia dizendo. Então, ele passou a ser o cabo eleitoral do Henrique Dodsworth.

NB – Como é, que ele fazia pra conseguir voto? Qual era a conversa, dele?

AB – Engraçado, os tempos, como como mudam. Primeiro, aquela conversa e tal. A maioria dos funcionários de condições muito modesta, queria um almoço.

NB – Até hoje é assim.

AB – Bom, eu sei.

NB – Não sei se eles mudaram, hoje, o esquema.

AB – Eu sei... Não, não muda, não muda, não muda, não. O que muda...

RG – Essas coisas essenciais são as mesmas.

AB – O que muda a... o... o Mário Ventel, tinha... Disse “que muda só a mosca, que o excremento é o mesmo”. (*risos*) No fundo, no fundo, é uma verdade, compreende? Bom! Que Deus salve o Brasil e a nós todos, é o nosso desejo. Mas o Lopes, trazia do, do Henrique Dodswoth um dinheirinho e, distribuía. 2 mil réis, 3 mil réis, 5 mil réis, então, o indivíduo descia, votava, comia um sanduíche ou almoçava; naquele tempo tinha muito restaurante barato, essa coisa toda. E assim, aquela sequência. Depois é que a coisa foi mudando, não é? Mudando, mudando... eleitores, foram procurando outros partidos, não é?

NB – O senhor já tá... tinha mencionado em relação ao Getúlio, que quando veio os golpes, de 37 não é?

AB – 37.

NB – O senhor o senhor gostou do Getúlio, quando ele fechou... Porque acabou com aquela politicagem, né?

AB – Passei a ter getulista até a morte dele. Até a morte dele! Até a morte...

NB – Mas, o senhor...

AB – Apesar... Apesar menina, de reconhecer que no lado do Getúlio Vargas, tinha uma camarilha, como usavam e abusavam, do nome de Getúlio Vargas, como falava de uma mulher que deve estar no céu, que era Darcy Vargas. Como falavam!

NB – Falavam mal, o senhor quer dizer.

AB – Chegaram a falar dela com Pedro Ernesto, você sabe disto, é histórico, é histórico, é boca do povo. Uma santa! Uma santa.

NB – Por que o senhor achava ela santa? O senhor tinha algum contato?

AB – Porque as obras filantrópicas dela estão aí. A vida pública do marido era uma, a vida de casa, de dona de casa dela não era de primeira dama, é uma dona de casa. Tudo isso faz a gente analisar a personalidade da mulher. Os filhos, o carinho com os filhos.

NB – Por falar no Getúlio, eu lembrei aqui sobre as leis trabalhistas, não é?

AB – Que ele criou.

NB – Pois é. O senhor quando veio pra cá, não tinha nenhum benefício?

AB – Nada! Nada, nada, nada, nada.

NB – Podia falar um pouquinho sobre isso.

AB – Tudo é de Getúlio. Tudo, todo trabalhador deve rezar para Getúlio. Tudo, tudo que nós temos é de Getúlio Vargas.

NB – O senhor não tinha férias, não tinha décimo terceiro, não tinha carteira assinada, como é que era a suas condições de... essa coisa do trabalho?

AB – Nem discutia isso minha filha! Nem se discutia isso.

NB – Quem o senhor disse, eu me lembro, uma vez, que a turma que trabalhava aqui, que andava por aqui muito pé descalço, e que quando entrou Getúlio, depois das leis, que a turma usava sapato... quase ninguém usava sapato.

AB – Ah tinha, trabalho de trabalhador de campo era pé no chão. Não tinha garantia nenhuma. Não ia pra rua, porque como eu acabei de dizer, Carlos Chagas entrava não saía mais. Aqui entrou, não saía mais. Só se quisesse ir embora, não é? Primeiro que era um corpo de funcionários desde o servente até, até lá em cima, gente muito boa. Procuravam cumprir as obrigações, era raro ter um... ter um relapso, era raro.

NB – O senhor mencionou, um pouco aí...

AB – Tem o Aristides Marques da Cunha, me lembrei agora do Estanislau Ramos. Esse era o barbeiro, pessoa de alguma idade e conseguiu um empreginho, aqui dentro do Instituto. Mas era displicente! Não era meu, não. Mas era displicente. Então, o indivíduo ficava com ele no laboratório, seis, oito meses depois, mudava de laboratório e tal. E um dia Dr. Aristides me disse, quando viu o Estanislau, de volta pois a seção de protozoologia: Ah! O Estanislau está aí, consegui fechar o ciclo. Coitado, ele tanto andou que voltou pra seção de protozoologia. Ah! O Estanislau, conseguiu fechar o ciclo. (*risos*)

RG – Seu Atílio, o senhor antes disse também, que era como se fosse uma grande família, não é? Isso aqui no começo. Todo mundo conhecia todo mundo? Era assim...

AB – Conhecia, conhecia sempre. Não era tão grande, não é? O senhor tem ideia? Não, não era, era... Não era tão pequeno, mas pegava um, pegava... Entrava numa oficina, entrava... Precisava um maçarico, uma coisa qualquer no laboratório. Precisava um pingo de solda, saída, apanhava aquele objeto, entrava no bombeiro. Seu Caetano, Seu Caetano era o chefe

da... tinha... Caetano Ferrari era, era... bombeiro, caldeireiro. Tinha o seu César Anibal, era um mecânico.

RG – Todos italianos, não é?

AB – Esses dois. Vitor Polidoro, o chefe a carpintaria, italiano...

RG – Os artesãos...

AB – Domingos dos Santos, português, chefe da pintura, Domingos dos Santos. Bom! O que eu estava dizendo era o seguinte, um objeto precisava um conserto, o pessoal apanhava aquilo. “Ô seu Caetano, dá um pingão de solda aqui. Seu César, quer dar um pulo lá no laboratório, que isso não está funcionando”. Então, havia esta liberdade. Eu não sei, eu não sei se isso é... É uma família mesmo, é uma família! Eu Não posso dizer outra coisa.

NB – Era comum essa rotatividade dos auxiliares, que o senhor tava dizendo? Quer dizer, porque o que a gente tem informação é de que as pessoas que entravam em Manguinhos, e passavam por vários locais de trabalho, não é? Era carpintaria, lá, o Senhor tá citando, né, vários lugares...

AB – Mais ou menos verdade porque o indivíduo entrava pra aprendiz de carpinteiro.

NB – Sei.

AB – Ia fazer caixinhas, umas caixinhas pra manqueira etc., mas começava a demonstrar aptidão, assiduidade, compreende? Então, amanhã ou depois uma vaquinha no laboratório, apanhava, aproveitava esse menino.

NB –E quem decidia isso eram os chefes de laboratórios, quer dizer, os cientistas?

AB – Ah, o chefe de laboratório, mandava muito, muito mesmo! Um chefe de laboratório, um médico, mandava demais! A distância hierárquica dele para o auxiliar, era muito grande! Tanto que ele chamava servente, o meu servente!

ABJ – Por causa das escadas.

AB – Hein?

ABJ – Pelo caso das escadas das subidas, daqui. As subidas que os funcionários...

AB – Vem cá, Lilo, teu pai... Dá graças a Deus... Não é bem assim. O indivíduo, cada degrauzinho, o, o... o auxiliar, cada degrauzinho, que subia, custava muito! Ele precisava demonstrar aptidão, personalidade, compreende? Pra ir subindo. Eu por exemplo, cheguei ao máximo como auxiliar. Eu saí daqui, no máximo! Eu falava com um médico, eu falava com um médico de cabeça erguida. Porque o meu comportamento, permitiu durante 30 e tantos anos isso. Agora, outros era... Porque eu não sou muito humilde, não. Sou correto! Mas, muito humilde, não sou, compreende? Então, eu cheguei a ser escolhido. Eu tive a glória de

ser escolhido por Carlos Chagas para trabalhar com ele. Quando ele trabalhou com um que veio de Oswaldo Cruz até morrer.

RG – O Borges?

AB – O Borges! O José Borges. Depois do Borges fui eu, até que ele morreu. E eu, tive mais sorte, fiquei e estou...

RG – O Senhor ficou com quem, depois do Chagas?

AB – Heim?

RG – Depois que ele morreu, com quem que o senhor ficou trabalhando?

AB – Voltei para a seção de protozoologia.

RG – Ah é!

AB – Para a minha antiga...

NB – Eu só queria lhe perguntar ainda, o senhor tava citando, sobre o abismo que existia entre, o chefe do laboratório e os auxiliares, não é? E eu queria lhe perguntar: e o senhor tinha falado sobre que alguma coisa anterior fora do microfone, é sobre o cigarro, que vocês não fumavam, frente aos médicos... A questão do elevador, como é que era?

AB – Ah! O princípio de hierarquia era muito grande. Muito grande. Muito grande...

NB – As escadas... o senhor podia contar um pouquinho, isso aí.

AB – Mas a gente, ia tudo e, o avental era de cor diferente.

NB – Eles, lhe chamavam de servente?

AB – O avental, o que no... o indivíduo, tinha um avental pardinho, pardo que era o servente. Depois, quando ele ia subindo de posição, ele passava a usar um avental branco. E isto, era um orgulho! Era uma categoria média...

RG – Era um privilégio né?

AB – Privilégio, para cima! O refeitório, tinha um refeitório dos humildes, tinha um refeitório que está até hoje, que é o caramanchão.

RG – Lá no caramanchão, só comia médico?

AB – Médico ou...

RG – Auxiliar categorizado?

AB – Eu saí da... Eu saí daqui, comendo no caramanchão. Era uma vaidade tola, mas, a gente sentia-se bem em...

NB – Mas é claro!

AB – Compreende?

NB – Mas é claro! Agora, nessa história da, o senhor disse, que há um abismo entre uma posição e outra, não é? Havia uma possibilidade de interferência, dentro do laboratório, já que o senhor como o senhor tava falando fora do microfone... que o laboratório, tava entregue às suas mãos, quer dizer, o senhor recebe ordens do chefe do laboratório por exemplo, o Chagas, não é? No caso do barbeiro, aquela descoberta que ele fez, de como é que se fazia contaminação, não é? E o senhor é quem trabalhava lá, todo dia, não é?

AB – Claro! Quem executa é o auxiliar.

NB – Então, eu queria lhe perguntar o seguinte, há alguma possibilidade de interferência do seu trabalho de... no trabalho do cientista?

AB – Bom! Eu cheguei...

NB – Ajudando à pesquisa?

AB – Eu cheguei da protozoologia, tanto eu quanto o Cunha, que é o meio compadre e que entrou pra aqui com 11 anos de idade, e hoje é um ótimo técnico, à confiança que os médicos, que o pesquisador faz nos seus auxiliares. Porque sem que o auxiliar corresponda ao pedido do cientista, ele não faz grande sucesso. Ele tem que confiar, naquilo que ele mandou fazer, que foi feito na exata. Eu tive uma... o Dr. Aristides, teve uma dúvida comigo, porque eu, como disse anteriormente, eu cuidava do regime das culturas. E ele, fazendo um trabalho de identificação de leishmania, por aspecto de cultura em placas, um dia ele me disse: “Ô Atílio, eu acho que você trocou a amostra China”. Eu nunca me esqueço, isto; eu disse: “Dr. Aristides, se eu troquei a amostra China, inconsciente, porque por maldade, não.” O assunto morreu porque eu não ia trocar, conscientemente eu não ia trocar, mas o aspecto não correspondia. O aspecto da pesquisa não correspondia àquilo que ele queria. Então, ele admitiu, que eu tivesse trocado a amostra. Eu... Tá gravando?

RG – Mas o que que aconteceu depois?

NB – Tá! O que aconteceu?

AB – Olha! Então, então, no final de um ano ou dois de pesquisa, que ele esclareceu tudo que queria. O aspecto, um aspecto, em... estria, outro aspecto arredondado etc... Ele chegou perto de mim, pediu desculpa...

RG – Isso, que eu ia perguntar. Como é que tinha ficado as relações de vocês?

AB – E disse: “Attílio, me desculpa, porque eu concluí que você não trocou. O senhor me desculpe”.

RG – O senhor aceitou? O senhor não ficou com rancor?

AB – Aceitei. Absolutamente! Eu gostava dele à beça!

RG – Porque essa, é uma situação constrangedora! Não é? Pra pessoa...

AB – Mas o... A atitude dele, de vim pedir desculpas, porque ele podia não dar satisfação nenhuma.

NB – Isso era comum? Essa humildade nos cientistas? Esse reconhecimento.

AB – Não! Porque precisava que o indivíduo, subisse passo a passo, durante uma existência. Compreende? Temperaturas, temperaturas, tipo exantemático, febre amarela, é tudo, tudo, tudo. Aquilo que eu dizia: a temperatura é tanto, tá aqui o caderno, a temperatura é tanto. Não era, não era discutido, era... aceitavam, aceitavam, porque era confiança absoluta no auxiliar.

NB – É porque... porque o auxiliar, tem esse poder, não é? De desviar a pesquisa, os resultados da pesquisa.

AB – No fim, no fim, eu tinha um companheiro, já morreu, o Rocha né? E eu cuidava muito, pro Júlio Muniz, de... cultura em massa de tripanossoma cruzi para o fabrico do antígeno. Mas no manuseio, eu tinha uma... um percentual de contaminação, de 15, 20%. Balões contaminadores, sangue, aquela coisa toda, mas não é possível, meu Deus, pois, pipetas esterilizadas, balões esterilizados ontem, isto e aquilo. Então, eu passei a desconfiar da esterilização, porque eu tinha outros empregos fora, pra poder viver. E eu, deixava um auxiliar encarregado do forno. Então, eu dizia, este forno 160, 180 graus de esterilização a seco. 160, 180 graus durante uma hora. Pois não, dizia um auxiliar, pois não, pode ir descansado. Eu saía, no outro dia ia trabalhar e eu tinha contaminação. Então, eu passei a desconfiar da esterilização. E um dia saí, e minutos depois voltei, e o forno estava apagado.

NB – O forno?

RG – E. É forno.

AB – É, era esterilização a seco. O forno Pasteur, o forno Pasteur. Então, deixa de merecer confiança, aquilo que tem que ser laboratório, aquilo que tem que ser, tem que ser.

RG – Num caso desse, o que, que acontecia? O senhor... ficou evidente que aquela pessoa...

AB – Nada! Nada, nada, nada, arranjava um outro... arranjava um outro setor pra...

NB – O senhor transferiu? O senhor transferiu?

AB – De menos responsabilidade. Não havia, não havia maldade. Não havia...

RG – Não havia o que? Não entendi o que o senhor disse.

AB – Era uma coisa toda...

NB – Ele falar que não havia maldade. Havia um certo descuido, até por um certo desconhecimento da pessoa, da importância do que tava fazendo, é isso? O senhor acha isso?

AB – É, é, é, é, é... Agora, nem todos, nem todos os médicos eram assim. Nem todos! Nem todos...

NB – Assim como seu Atílio?

AB – Bondoso! Procurando perdoar, procurando corrigir.

NB – O senhor tem algum caso que tenha acontecido?

AB – É porque a gente... Ah, a gente corrige. Não se põe numa penitenciária, um indivíduo, porque errou uma vez. Tem que dar oportunidade, para que... não é?

NB – Sim! Mas o senhor lembra de algum caso que tenha acontecido, de uma pessoa ter sido punida, por um médico? Assim...

AB – Tenho! Eu tive um companheiro, eu tive um companheiro...

## **Fita 2 - Lado B**

AB – Eu tive um companheiro, não vou citar nome.

NB – Não precisa!

AB – Que me intrigou, com Júlio Muniz. Deixamos até de falar. E ele, foi pra um lado e eu fui pro outro, etc... Mas com a ida dele... Eu estou detalhando demais?

NB – Não senhor! É isso mesmo que nós queremos.

AB – Com a ida de Aristides Marques da Cunha, para chefiar o Hospital Evandro Chagas, o Júlio Muniz, ficou chefiando de novo, a seção de protozoologia. E esse indivíduo, que tinha feito esta entrega, que fez... esta intriga, caiu em minhas mãos. Foi trabalhar sobre minhas ordens. Com a reestruturação dos laboratoristas, ele foi trabalhar sobre a minha direção. Então, ele disse a alguém: “Estou perdido! Porque agora, voltei a trabalhar com o Atílio”. Concluindo, passou a trabalhar sobre a minha direção, sendo o mais distinguido auxiliar. Só não morreu de, de... não sei, de vergonha ou de... porque eu o tratei com distinção, dava as melhores... Era inteligente! Era um indivíduo inteligente. Mas, passou a ser distinguido por mim, mas ele sentiu, que a forma de castigo foi severa demais. Que eu podia na... não era



nenhuma personalidade, eu podia lhe dizer um desaforo, uma coisa qualquer e morria ali o assunto.

NB – Mas o senhor acha que esse tipo de ciúmes, havia muito aqui dentro?

AB – Hein?

NB – Havia muito ciúmes, aqui dentro do Instituto? E competição, e disputa entre os serviços dos auxiliares?

AB – Tinha! Mas era só sobre um assunto, era o dinheiro... Aumentar um colega em 30 mil réis que esse aumento não fosse geral, dava uma inveja de morte, que a senhora não faz ideia.

NB – Tem muita fofoca.

AB – Porque os aumentos, os aumentos, eram de 30 em 30 mil réis. Aumentos pequeninos. Então, tinha uma turma lá de laboratorista, ganhando 110. No próximo pagamento vinha... Eu, por exemplo, ou um outro qualquer, 140, mais 30. Ah, minha filha! Aquele que foi aumentado, tinha que padecer. Porque não merece, é proteção... Mas isto, existe até hoje. O mundo é o mesmo. O mundo não modificou.

NB – Senhor Attílio...

AB – Heim?

RG – O senhor falou, que não havia tanto reconhecimento, não é? Ao papel, do auxiliar que era difícil que era uma luta, não é? O auxiliar subir dentro dessa hierarquia...

AB – Bom, o auxiliar, o auxiliar, quando ele era bom, o médico agarrava ele pro resto da vida. Tem indivíduo que entrou pra trabalhar com um médico, 30 anos depois tava ali, com o mesmo médico. Porque, afeiçoava-se, correspondia. Agora, o grau de instrução não era muito. Era num modo geral, todo mundo primário. Época muito difícil, miséria o estudo, muito difícil, só apanhava uma classe mais ou menos, compreende? Então, era um ou outro, que conseguia procurar colégio, fora disso, era... Fazia o primário, os pais logo punham pra... não é?

RG – Ganha um dinheirinho, não é? Começar uma profissão!

AB – É, mas era gente séria, gente, gente boa, gente humilde. Agora, tinha uns, que iam subindo devagarzinho, muitos, muitos se fizeram médicos, entraram como auxiliares. Se fizeram médicos aqui.

RG – Receberam apoio do chefe né?

AB – Compreende? Ah, tinham, tinham apoio, compreende? E esforço, um esforço muito grande, pra estudar, né?

NB – O senhor nos falou, que o senhor estudava à noite né? O senhor fez o preparatório no Pedro II, não é?

AB – Fiz, fiz, fiz, na... Houve depois da [gripe] espanhola de 18, negócio de colégio, então, o governo permitiu que se fizesse 4 matérias, por ano. Eram 12, 12 matérias de preparatório. Não cheguei a fazer todos, não. Então, eu ia pro Liceu Literário Português à noite, como eu já contei. E fim de ano, eu pagava uma taxa de 15 mil réis de matrícula, e requeria a matéria, que eu tinha estudado. Então, fiz francês, fiz geografia... de português, Carlos Carvalho de, de... de geografia e astronomia, foi Homero Maisonette, foi um que foi professor do, desse que foi ministro da guerra, do Lott. Era nosso professor, lá no Liceu. Bom, fiz algumas matérias e, não concluí.

NB – E nessa área... mas e nessa área das ciências exatas, né? Como se chama, biologia, enfim, havia... o senhor fez alguma matéria por aí, não?

AB – Lia muito.

NB – Mas, havia matéria... havia possibilidade matemática... O que que havia de matérias que você pode...?

AB – Havia, havia, havia, havia português, por exemplo, eu fui aprender com um, com um velho, que foi diretor de Instrução Pública do Rio de Janeiro e que tinha caído em pobreza, e morava na estação do Rocha, e chamava-se... esqueço o nome dele.

NB – Não tem importância! Depois, o senhor lembra.

AB – Me dava aula, de português, a 10 mil réis, por mês. A necessidade, desse homem. Aqui, na Estação do Rocha.

NB – Mas, seu Atílio, eu estou lhe perguntando sobre essas matérias de biologia. Havia possibilidade...

AB – Essa facilidade?

NB – É. Quando o senhor foi fazer no Liceu, por exemplo. Havia... lhe ofereciam o curso de biologia, o senhor podia fazer o curso de física, química, matemática?

AB – Não era tão fácil, não.

NB – Não era assim?

AB – Era difícil!

NB – O senhor escolhia algumas matérias?

AB – Hein?

NB – O senhor é que escolhia algumas matérias?

AB – Se eu escolhia? Era. Eu me sentia mal, vamos admitir, matemática, português, geografia, latim, me sentia bem, então eu requeria, eu requeria. Pagava a taxa e requeria. Era no tempo, era no tempo do... do Raja Gabaglia. Era no tempo do, um de português, que era muito severo... Esquece, não tenho mais memória.

NB – Quer dizer, que o conhecimento que o senhor teve depois, de biologia, foi lendo! Já aqui dentro?

AB – Lendo, lia muito e trabalhando, e trabalhando, e trabalhando, e lendo, lendo e trabalhando.

RG – Teve algum, desses cientistas, que lhe orientou nesses estudos?

AB – Não.

RG – Foi tudo, uma coisa sua mesmo?

AB – É, um pouco de vaidade também, de, de, sei lá...

NB – De curiosidade?

AB – Pouco de curiosidade, um pouco de eu acho que mais vaidade, sabe? Mais vaidade.

NB – Sim, mas vaidade, num sentido de que, o senhor queria saber o que o senhor tava fazendo?

AB – Ah bom! Isso, eu sempre fiz de direito. Sempre fiz de direito e sempre evolui porque o doutor Aristides, o senhor Muniz, diziam: “Ô Atílio, vamos fazer isto”. Eu dizia: “Pra que?” Era um pouco de ousadia. Então, não é, porque nós vamos esclarecer, este fato, aquele, aquele e aquele outro. Então, eu me sentia pesquisador também, eu não era nada, mas, como ele tinha me dado, aquela liberdade, eu me sentia dentro da pesquisa. Então, eu fazia aquilo com amor. Fazia aquilo, com carinho. Porque eu me julgava também, alguma coisa da vida. Eu não era nada, mas era m auxiliar dileto já me satisfazia, compreende?

NB – O senhor tá dizendo, que o senhor não era nada. Eu acho que o senhor era muito! Eu tô querendo chamar a atenção do senhor pro trabalho dos auxiliares, que nos parece, quer dizer, hoje em dia, não é? Os auxiliares tem outras funções, que não as de sua época, me parece, não é?

AB – É o grande mal, o grande mal, no meu parecer, da Fundação. É que ele, não tem corpo de auxiliares à altura.

RG – Hoje em dia?

AB – Eu falo, o auxiliar, um indivíduo de nível médio com o conhecimento de laboratório, que Manguinhos, não transmitiu à Fundação. A Fundação não tem culpa! Eu acho, que os médicos de Manguinhos, não fizeram escola.

RG – Por que será hein?

AB – Não sei! Mas, quem são os discípulos dos antigos, aqui dentro? Houve um, um lapso, uma, uma... um período de, de... A fundação está procurando subir, está procurando refazer uma coisa que foi abandonada. Isso, é que me parece, não sei se eu estou certo.

RG – A gente tá tentando ver isso, não é? Conhecer melhor o que que aconteceu aqui dentro.

AB – Não sei, não sei se eu estou certo. Porque, Manguinhos, tinha ótimos auxiliares, ótimos laboratoristas. Ótimos laboratoristas!

RG – Que foram formados na prática, não é?

AB – E foram morrendo, morrendo, morrendo, morrendo...

RG – Foram aprendendo. E, hoje em dia, tem um curso né?

AB – E não custava, meu Deus, o médico... Um médico, tinha o seu assistente. O assistente, tinha o seu auxiliar. O auxiliar, fazia o seu filho, o seu neto. E isto, continuava. Porque a impressão que eu fiquei, é que foi uma vida efêmera, de 1905, 1907, 1908 até poucos anos atrás. E apagou.

RG – Quando o senhor saiu daqui, ainda havia esse fogo ou o senhor acha que já era uma fase...

AB – Não, já estavam correndo, já estavam correndo, cada um pro seu cantinho.

NB – Mas por que isso, o senhor não sabe?

AB – Primeiro, os vencimentos não eram grandes.

NB – É, o senhor tinha falado da verba da manqueira, que acabou, né?

AB – É. Os vencimentos não eram grandes. Então, um grande número de médicos, procuraram ter, novas atividades. Um laboratório, uma clínica, uma coisa assim. Então, deixou a pesquisa, deixou de ser 100% onde o indivíduo entra a ia dormir, lá em cima, e ia ver sua esposa, no fim da semana.

NB – A dedicação integral, tinha acabado.

AB – Uma das coisas que eu atribuo, que houve muita influência negativa, para Manguinhos foi o ponto.

RG – O ponto foi implantado quando? O senhor lembra?

AB – Foi depois do DASP.

NB – O DASP é de 38, eu acho, 37, por aí.

AB – Porque o médico, o médico arrumado e seu paletó, dizia assim: “Acende este autoclave, e esteriliza isso, e faz isto, faz isso, faz aquilo, faz aquilo outro. E o indivíduo ficava até 7, 8, 9 horas da noite. Não tinha ponto. No outro dia chegava meia hora atrasado, uma hora atrasado, não tinha ponto! Ele não era punido, ele tirava seu paletozinho e começava a trabalhar.

NB – Mas, ele não recebia mais, por aquelas horas que ele trabalhou a mais?

AB – Nada, nada, mas se ele ficava doente, se ele tinha um mal estar, ele, ele, amparado, ele, ele, ele era amparado. Eu contei, que Chagas mandava até funcionário para Belo Horizonte, pra se refazer. Ele tinha amparo. Então, ele retribuía, dando tudo de si para a repartição. Muito bem! Veio o DASP cria o ponto. Entra um funcionário administrativo e diz: “Senhor tem que entrar às 9 horas, até 9 horas”, 9 e 5, ponto abaixo, ponto riscado. Chegava de tarde, dizia o médico, faz isto. E o servente diziam, dizia. Não senhor! Olha aqui, tá chegando a minha hora, 4 horas. E ia embora. Se exigiam hora de entrada, ele também tinha o direito de exigir a hora de saída. Quando não existia ponto, o indivíduo não tinha horário. Eu acabei contando que trabalhei...

RG – Sei! Foi uma mudança no sistema...

AB – Teve período de trabalhar de sentir o dia clarear, trabalhando.

RG – Pois é! O senhor me disse também antes, quando o senhor chegou hoje aqui de manhã cedinho, que pelo fato do senhor morar aqui, muitas vezes o senhor quebrava o galho de um colega, não é?

AB – De outros, que iam pra o colégio. Esse de leishmania, do Gaspar Vianna, estudava à noite. Em períodos, que eu não estudava. Quantas peças anatômicas, eu tirei para ele. Dentro do fixador, mudando de água, de lavagem quantas!

RG – Então, com essa mudança, acabou de haver todo esse companheirismo, por que a coisa, ficou mais assim formalizada, não é?

AB – Agora, não sei... Está... Manguinhos, está lindo, está lindo, Manguinhos está um amor de bonito. A gente entra aqui, meus olhos enchem d’água. Tá um amor. Porque, naquele nosso tempo, era terra, era... Ta um amor. Agora, cientificamente, eu não sei porque eu estou há 30 anos afastado. A ousadia, de eu querer julgar um pesquisador, um médico, é uma ousadia. Eu não posso julgar. Não estou à altura de julgar ninguém, mas o que a gente sente, é que houve uma separação, meu Deus. Um período que deixaram isto aqui, quase à morte. Aquela troca de diretores. Aquela... Porque nós tivemos, Oswaldo Cruz, até a morte. Tivemos Chagas, até a morte. Tivemos fontes, até a morte.

RG – Depois o Aragão?

AB – Entrou o Aragão. Aragão, procurou levantar, procurou dar aquela, aquela firmeza, aquela, aquela administração, tipo. Oswaldo Cruz. Bom, depois, um Ministro aí, colocou, Olympio da Fonseca, se não me engano. O elemento feminino, é muito bonito, muito útil, é a coisa que eu mais admiro hoje, mas em Manguinhos, não trabalhava mulher porque Oswaldo Cruz não queria.

RG – Ela achava que atrapalhava?

AB – Não, porque era uma repartição de homem e a... o serviço, era uma coisa mais bruta, mais perigosa, mais para homem. Eu acredito, que uma mentalidade, Oswaldo Cruz não era contra as mulheres em si. Era contra o trabalho, que era um trabalho rude, um trabalho de construção, um trabalho perigoso. Então, não era para um elemento delicado, era mais para o pé de boi, que é o homem. Bom! Do governo de Washington Luís, foi vice presidente da República, Gaspar Vianna, Melo Viana! Melo Viana, um mineiro. Não sei que de Melo Viana. E, como vice presidente da República, arrumou um lugarzinho pra irmã dele, dentro de Manguinhos.

RG – (*risos*) Inaugurou uma nova era?

AB – E doutor Carlos Chagas, acho que por boa política, aceitou. E ela, foi trabalhar com Olympio da Fonseca, e Leão, e doutor Leão, Area Leão.

NB – Area Leão!

AB – Area Leão, lá no pavilhão do Quinino. E, ficou lá datilografando.

NB – Ela fazia serviço de escritório?

AB – É, serviço de escritório, não dava muita satisfação, muito caladona porque nem eu daria sendo irmã do vice presidente da República, não é? Bom! Lá ficou uma temporada, até que, não sei se arrumaram coisa melhor ou ela morreu. Eu sei que, não posso lhe contar detalhes. Mas o doutor Olympio da Fonseca, é viva esta, diante do exemplo, acabou colocando uma prima irmã, que é Edith da Fonseca [Nogueira Penido]. Desenhista, que acabou, acabou casando com Penido, com doutor Penido, que me esquece o primeiro nome.

NB – Paulo Penido? Pedro, Pedro Penido?

AB – Não. Não, não é... doutor Penido esqueci... o primeiro nome, José Nogueira Penido, acabou casando com Edith. Ele morreu, e ela parece é pensionista aí aposentada. Segundo me contaram, ainda vive. Bom! Foram as únicas duas mulheres. Aragão sai, entra Olympio da Fonseca. Não sei, se chegou a conhecer, Olympio da Fonseca, não. Pequeno, muito valor científico e tal, mas a influência da esposa sobre ele, segundo o que eu... o que... o que eu analiso, não sei. Começo a colocar aqui funcionárias. Funcionárias, funcionárias... E isto encheu! Hoje é esse jardim.

NB – (*risos*) Quer dizer que foi o Olympio que introduziu as mulheres aqui?

AB – Foi, foi na direção dele.

NB – O senhor sabe, que isso era um mistério pra gente, a gente não sabia quem é que tinha feito isso. Foi ótimo o senhor ter contado. A gente tem os escritos que se tem, os documentos que se tem é de que a mulher é uma coisa que eu disse, não tinha mulher aqui dentro né? Só que a gente não sabia quem é que tinha trazido as mulheres pra cá. Foi o Olympio.

AB – O motivo? Ah! De ter esse número? Foi na direção dele.

**Data: 27/06/1986**

### **Fita 3 - Lado A**

NB – Seu Attílio, na última entrevista nós tínhamos... nós falamos sobre vários assuntos. O senhor falou muito sobre política, né?

AB – Eu falei de política?

NB – Falou. Sobre a década de 30 e a gente conversou sobre muitas coisas, mas em relação ao Instituto, a gente tinha parado mais ou menos aí, por 31, 32, quando o senhor nos contou que morreu o auxiliar do Chagas.

AB – Que já vinha de Oswaldo Cruz.

NB – José Borges... Que já vinha... Que era o auxiliar de Oswaldo Cruz.

AB – Era o auxiliar de Oswaldo Cruz. Morreu, ele continuou com Carlos Chagas; depois ele sofreu uma septicemia. Consta aqui que ele mesmo preparou uma vacina e injetou-se. Consta isso.

RG – Por que seria?

AB – Porque ele mesmo, coletou o pus da pústula, preparou a vacina e tomou.

RG – Mas assim porque ele queria ficar doente ou foi por uma experiência?

AB – Não, não, talvez por falta de conhecimento, consta que ele injetou o germe vivo. Falta de conhecimento, não é? Porque aquilo é... tendo conhecimento é simples: recolhe-se o pus, faz-se cultura, faz-se a emulsão, mata-se em banho-maria, quer dizer, o germe morto, não é? É um anticorpo que... mas ele parece que tomou e tinha germe vivo e acabou pegando uma septicemia.

RG – Horrível!

AB – E aí não teve...

RG – Morreu?

AB – É.

NB – Bom, aí o senhor foi convidado pelo Chagas para trabalhar com ele, não é isso? O senhor tinha nos contado.

AB – Fui substituir justamente o Borges.

NB – O José Borges.

AB – É.

NB – E que o Júlio Muniz, não gostou muito dessa história do Senhor ter ido lá pra cima, não é?

AB – Bom, é natural. Eu dou razão ao falecido Júlio Muniz que me perdoe. Eu era um auxiliar mais ou menos bem visto. Então, a minha retirada daqui prejudicava aqui a seção de protozoologia. Mas ele fez... ele não gostou pelo seguinte, porque ele me disse particularmente: “Tá bem, você vai, mas você fica na obrigação de auxiliar aqui embaixo”.

NB – Dois trabalhos ao mesmo tempo?

AB – Não, uma assistência, uma coisa... E eu disse, está bem. Mas quando me apanhei belo e folgazão lá em cima, eu fui deixando (*risos*). Eu fui aos pouquinhos, deixando e isso não agradou muito a ele. A insatisfação dele foi essa. Foi que eu, não cumpri com a assistência aqui embaixo.

NB – E também, ele não ia dizer não ao Chagas, né?

AB – Hem?

NB – Era possível ele ter dito não ao Chagas? Oh, não vai levar o Borrielo daqui, não.

AB – Olha, olha, dizer não a Carlos Chagas era impossível. Porque ele era uma personalidade tão distante dos demais, se me entende, ninguém aqui dentro tinha coragem de contrariá-lo.

NB – E quem era o chefe da protozoologia? Nesse momento?

AB – Primeiro, primeiro, foi Aragão, que foi o fundador... E foi me buscar no almoxarifado e me trouxe para o laboratório. Parece que eu falei isso aqui.

NB – Foi... o senhor... já contou... é.



AB – Então o Aragão ficou comandando aqui, montando lâminas, montando uma série de coisas. Eu também colecionava tudo aquilo, punha rótulos, fichários. Eu fazia de um tudo aqui na protozoologia.

RG – Foi ele que foi lhe ensinando essas tarefas, essas atividades?

AB – Não, ensinamento não foi muito, mas foi de Aristides Marques da Cunha e Júlio Muniz que foram os dois que ficaram aqui.

RG – Eles que foram...

AB – E eles é que, faz isso, faz aquilo, meio de cultura, faz isso, faz aquilo, repique. E eu fui assimilando, assimilando, assimilando. É natural, não é? Porque a sequência de dias, tudo que é difícil a gente acaba aprendendo, não é?

NB – É, claro!

AB – Então, quando foi em [19]30, 31, Aragão já não vinha muito por aqui porque eles estavam, não digo inimigos, mas, já não tinham aquela assiduidade de visita...

NB – Talvez porque tivessem...

AB – Na febre amarela de [19]26 e 28, houve uma...

NB – Estremecimento?

AB – Uma ciumada, um tipo de... O pesquisador gosta muito de um e outro. Um quer saber o que o outro está fazendo, qualquer coisinha, não é? E eu, estava nesse meio, pra lá pra cá. Trabalhando lá, trabalhando aqui, não é? Eu não falei isto aqui?

NB – Falou, mas não estava gravando.

AB – Não gravaram?

NB – Não!

AB – É, então não vamos gravar, mas está gravando!

NB – Tá gravado, tá gravado! Mas não tem importância, não. Isso não tem importância, não. Porque a gente até... a gente tem entrevistado, alguns cientistas, e que eles nos contam isso, não é? E que é uma coisa muito natural, nesse trabalho.

AB – Como eu citei... Como eu citei, que o princípio hierárquico aqui dentro, era muito grande! Então, o chamado servente, o chamado auxiliar, era humilde. Ele não se envolvia em coisas que não nos diziam respeito. Agora eu tinha um auxiliar mais ativo, mais... que via, sentia as coisas. Tinha muitos, que deixavam passar. Mas tinha uns bisbilhoteiros, que gostavam dele.

RG – Mas isso...

AB – Então, a gente percebia, não é?

RG – Mas o senhor disse mesmo que o Aragão, chamava o senhor pra conversar, não é? Quer dizer, ele...

AB – Chamava. Ele foi muito meu amigo.

RG – Ele tinha muita confiança no sr.!

AB – Doutor professor Henrique de Beaurepaire [Rohan] Aragão, foi muito meu amigo. Me encaminhava, me aconselhava, queria que eu estudasse medicina. Mas a gente começa a namorar, começa aquilo coisa e tal, e, adeus viagem.

RG – Agora, dizem também, que ele era uma personalidade um pouco difícil, não é? O Aragão, não era uma pessoa...

AB – Era.

RG – Assim um pouco difícil, de temperamento ou não?

AB – Era, era, era mais ou menos, afastado, compreende? Não era ele só, tinham alguns. Era o Figueiredo Vasconcelos, era o Cardoso Fontes...

NB – Lutz.

AB – Aragão.

NB – E o Lutz?

AB – Ah! O Lutz era... papai conselheiro.

RG – Por que? é porque ele tinha uma sabedoria muito grande, não é? Um renome mundial. Então muita gente se aconselhava com ele.

RG – Mesmo um... o senhor diz cientistas ou ele também tinha uma relação boa com os auxiliares?

AB – Não, ele não... Ele tinha boa relação. Nós não assimilávamos, não dava, diferença de cargos. Ele não... Tinham médicos que davam liberdade ao auxiliar, brincavam com o auxiliar. Mas a maioria, não.

RG – A maioria mantinha distância?

AB – Ah! Mantinha, mantinha distância. Isto aqui, tinha um princípio hierárquico que era uma maravilha.

NB – O senhor tava nos contando então, que o senhor foi trabalhar lá com o Chagas. E lá, o senhor até falou uma coisa muito interessante, que o Chagas pescou dois é... assistente, não é? Médicos que eram, o Valter Oswaldo Cruz e o Emmanuel Dias.

AB – Esses dois assistentes... Entraram aqui da seguinte maneira, eu quando estive com Carlos Chagas Filho agora num almoço, na Ilha, perguntei ao professor Chagas, que eu chamava de Carlinhos, hoje ele tem um renome mundial, mais do que o pai talvez, mais do que o professor, professor mas sem jeito, porque eu conheci Carlinhos meninote, estudante, então, eu perguntei a ele se Valter Cruz e Emmanuel Dias eram da turma dele. E ele me respondeu: “Éramos os três da mesma turma.” Ele optou por um concurso, na faculdade de Medicina, em Física. E acabou fundando o Instituto de Biofísica, que saiu agora há meses, por... eu acho que por idade, não é? E deixou um substituto, mas ele continua lá, indo todo dia. Bom! E o Emmanuel e o ...

RG – Walter?

AB – E o Walter, fizeram o Curso de Aplicação, no Instituto Oswaldo Cruz. E uma vez, terminado o curso, ficaram trabalhando no Instituto Oswaldo Cruz. Trabalhando onde? Trabalhando com o professor Carlos Chagas. Como eu estava lá, então, conseguiu-se ele, Alberto Cachoeiro, morreu já, e o outro, que eu tinha escolhido pra mim, acabou ficando com Emmanuel.

NB – Mas e quando...

AB – Emmanuel Dias.

NB – E quando o Walter e o Oswaldo... E o Walter e o Emmanuel vieram trabalhar, quer dizer, eles tinham prática nessas áreas de pesquisa?

AB – Ah, isso eles adquirem com uma facilidade muito grande. Pelo seguinte, porque além de um bom curso de medicina, eles têm uma assistência dos pais. O Walter, filho do grande Oswaldo Cruz, só podia ser grande também. Emanuel Dias, filho... sobrinho de Oswaldo Cruz, o pai, médico, o...

NB – O Ezequiel né?

AB – O Ezequiel Dias. Então vai dando aos filhos, um conhecimento de pesquisa antes da formatura. Então, eles quando entram, entram relativamente capacitados, e depois, aqui, tinham apoio da...

NB – E o Chagas, assim... O senhor viu o Chagas ensinando a ele ou orientando? Como é que era, essa relação deles com o Chagas?

AB – Ah! Isso eles tinham palestras, vinham aqui pro gabinete, deixavam o laboratório pro gabinete, tinham liberdade. Naturalmente, conversavam compreende? E a orientação dentro do laboratório, eles ficaram com plena liberdade. Filho de quem era, ficavam com plena liberdade dentro do...

NB – Instituto Oswaldo Cruz, do Laboratório? E o senhor tinha alguma interferência nessa pesquisa dos dois?

AB – Não, a minha interferência... Não. A minha interferência, era, praticamente nenhuma. Porque, como auxiliar, quando me pediam um corte histológico, me pediu uma inoculação etc. Eu, fazia aquilo com máximo de boa vontade, não é? Era um relacionamento... E como eu não era criança, por essa época, eu já não era mais, eu tinha mais idade do que eles.

NB – Do que eles. É.

AB – Então, havia, havia até uma... alguma ascendência, alguma... tinha um respeito, muito bom. Eu queria muito bem ao Valter Cruz e ele a mim. Emmanuel Dias, idem. Depois, Emmanuel acabou descendo porque quando... por morte, de Carlos Chagas. Eu desci pra antiga seção e o Emmanuel veio também.

NB – Veio com o senhor?

AB – Ah! Veio. Ele desceu. Com a morte do Chagas, entrou Cardoso Fontes, Antônio Cardoso Fontes. E você na história da... Na sequência de Diretores do Instituto deve estar. Então, eu desci, Emmanuel desceu e Walter Cruz ganhou um laboratório e carregou o auxiliar, o Cachoeira, Alberto Cachoeira. E o Antônio, Antônio Maria, que trabalhava comigo, ficou praticamente, trabalhando com o Emmanuel porque aí, eu voltei para a seção de protozoologia. E eu tinha os meus antigos companheiros. E foi assim, que eu saí de Chagas, mas no Chagas, eu não sei se passei uns dois ou três anos. Aí num convívio mais diário porque ele todo dia vinha ao laboratório. Tinha a parte burocrática, que era uma sala pegada, e o laboratório, onde ele ia ver os bichinhos dele, as inoculações, as lâminas etc... Como estava a criação de barbeiros, etc... Mas já ele começou a dar mão forte ao Emmanuel Dias, porque Emmanuel Dias, especializou-se moléstia do Chagas.

NB – Não fez outra coisa.

AB – Ele tinha muita coisa ainda a fazer. A parte imunológica que era pouco estudada e muita coisa se fez, não é? Eu tive um período aqui, na seção de protozoologia, quando voltei do Chagas, que eu fui o técnico de laboratório, que mais reações de machado guerreiro fez no mundo!

NB – Manchados de que?

AB – Machado guerreiro. Era uma reação sorológica para diagnóstico da moléstia de Chagas. Eu tive semana de fazer 300, 400 reações. Não tinha ninguém no mundo. O serviço que mais fazia era Júlio Muniz. E o técnico, que...

NB – Trabalhava?

AB – Que perpetrava aquilo tudo. Fazia lista, então, era eu. Depois me aposentei, outros tomaram a... Mas até a época, eu fui quem trabalhei mais em...

NB – O senhor falou, que trabalhou muito assim intimamente com o Chagas, não é? É, ele chegava a lhe ensinar coisas? Ele interferia no seu trabalho? Como é que era, essa relação com ele?

AB – Bom!...

NB – Assim nesse dia-a-dia...

AB – A relação, era só trabalho. Só trabalho, nada.

NB – Sim! Mas assim... Mas que tipo de relação: ele ensinava ao senhor ele se interessava?

AB – Ele perguntava. Como estava, como não estava, como ia a criação de barbeiro, as inoculações. Quais os animais positivos, quais os negativos. Era, era um...

NB – Era diferente do que o [Henrique] Aragão, tinha como senhor então?

AB – Bom, eu tive um período com o doutor Chagas, que eu o considerei seu pai. Porque ele tinha uma atenção comigo.

RG – Especial?

AB – Eu acabei confessando que ele era uma personalidade muito estática. O senhor Chagas era um destaque em relação aos demais. Eu tenho uma impressão, que eu fui dos poucos funcionários humildes, modestos, que descia no carro com ele, muitas e muitas vezes. Muitas e muitas vezes. Eu fui o procurador dele, recebia o dinheirinho dele...

NB – O senhor falou.

AB – Entregava no Café da Ordem, era um... hoje deve ser uma casa de fazendas. É rua da Carioca, descendo da praça Tiradentes em direção ao Largo da Carioca, à direita, na esquina. Na esquina à direita, tinha um café chamado Café da Ordem. Quem conhece história do Rio de Janeiro, sabe disto. E eu, recebia o dinheirinho de Chagas, na Av. Passos. Onde tem lá um terreno baldio. Quase próximo à Praça Tiradentes. Descia a Rua da Carioca a pé e ele estava sentado lá numa mesinha, com a sua piteira, seu cigarrinho.

RG – Sozinho? Sozinho ou com amigos?

AB – Sozinho, sozinho. Não me lembro se alguma vez ou outra, eu então: “Boa tarde, dá licença?”.

NB – Quer dizer, que ali era um lugar que ele frequentava sempre? Era?

AB – Pelo menos nos dias de pagamento, ele estava lá.

NB – Estava lá (*risos*).

AB – É possível que outros dias, não... Era uma figura boníssima, boníssima. Falava baixinho. Dava um tratamento, pelo menos a mim, a mim, dava um tratamento magnífico, magnífico. Nunca me chamou à atenção.

NB – O Chagas...

AB – Nem de leve, nem de leve. Era uma coisa fora do comum.

NB – O Chagas, tinha muitas relações políticas com o governo, não é?

AB – Correspondência?

NB – Não. Relações políticas com o Governo.

AB – Eu tenho uma impressão que ele não era político.

NB – Não, mas...

AB – O filho mesmo, citou isso: “Papai, se quisesse ingressar na política, faria carreira.” Mas eu acho que ele era apolítico. Apesar, que o relacionamento dela com os figurões da política era muito grande. Amicíssimo dele, era o sogro do Carlos Chagas Filho, Afrânio de Melo Franco, que foi Ministro das Relações Exteriores, pai deste jurista que está cuidando da Constituição. Embaixador, esteve na Europa etc... E outros, outros figurões. O relacionamento de Chagas, era o melhor possível.

NB – Nessa época, seu Atílio, o senhor tá falando do laboratório do Chagas que tratava lá das doenças, não é? Da doença de Chagas. Falou da protozoologia e quais eram as outras áreas de trabalho? O senhor lembra disso? Tinha alguma outra área assim importante de trabalho, aqui dentro?

AB – Nossos laboratórios?

NB – Isso é!

AB – Ah! Tinha, tinha.

NB – Quem eram as outras pessoas que tavam nesse... Na década de 30?

AB – Nós tínhamos [Carlos Bastos] Magarinos Torres, chefiando a seção de anatomia patológica. Tendo outros assistentes, tendo hoje vivo Alvares Pena, que por acaso lembrei o Alvares, que era um outro anatomopatologista. Tinha Burle de Figueiredo, três.

NB – Fazia o que, o Burle Figueiredo?

AB – Também na anatomia patológica!

NB – Na anatomia patológica.

RG – No laboratório?...

AB – E foram discípulos de um americano. Chamava-se ele, a pronúncia não sei bem, [Bowman C.] Crowell...

NB – Ah, a gente procura. Deve ter aí na... Crowell.

AB – Este veio, antes de 21. Antes de eu chegar no Instituto.

NB – Sei. Foi quem fundou a anatomia patológica?

AB – Sim! Organizou o fichário, aquela coisa toda, os chamados VCs, as caixinhas com blocos, incluso em parafina, para ser cortado em micrótomos etc.

RG – Quem trabalhava com esse pessoal, o auxiliar... os auxiliares, o senhor era amigo deles, conhecia bem?

AB – Eu me lembro bem de um, que era o Abílio Lopes de Oliveira, que tem uma história que eu já contei aqui. Ele veio com leishmaniose, do Estado de São Paulo, veio pra Santa Casa do Rio de Janeiro...

NB – O senhor contou.

AB – Conte isso aqui, não é? E foi sem... Foi sem... foi ser tratado pelo falecido Gaspar Vianna.

RG – Isso o senhor contou.

AB – Que é uma figura história, aqui de Manguinhos, foi um acidentado também. Bom! Depois, quando ele começou... O tratamento foi (inaudível) e médico. Isto está em livros, está em Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, mas para estar mais junto de Abílio Lopes, ele o trouxe para...

NB – Manguinhos.

AB – Para Manguinhos. E ele acabou sendo um ótimo auxiliar. Acabou sendo um ótimo técnico, cortando e incluindo. Quando eu vim para, para o Rio de Janeiro, Crowell já tinha ido embora.

NB – Embora?

AB – O Torres tinha um auxiliar que eu não me lembro o nome. Burle de Figueiredo, tinha este, Abílio Lopes. E Ostino Pena...

NB – Ah! Não tem importância.

AB – Não, não, não. Tem que sair, tem que sair.

NB – O senhor quer lembrar? (*risos*)

AB – Amaro, Amaro.

RG – Amaro.

AB – Eu sei que é Amaro. Não sei se José Amaro! Era Amaro. Era um português. Com Ostino Pena. Trabalhava aqui e trabalhava na cidade, que Ostino Pena tinha um laboratóriozinho de análises clínicas. E ele à tarde, carregava esse Amaro pra lá.

NB – O senhor tinha uma boa relação com ele? O senhor conversava?

AB – Todo mundo! Todo mundo. Minhas relações com o corpo de auxiliares era total! Não tinha...

NB – Desavenças?

AB – Não tinha inimigos, não tinha desavenças, não tinha...

NB – E quais eram os outros laboratórios, que o senhor tá lembrando? Tinha anatomia patológica...

AB – Anatomia patológica.

NB – Que mais tinha?

AB – Anatomia patológica. Tinha aqui no 1º andar, na ponta, Gomes de Faria. A especialidade não me lembro. Na 2ª porta, tinha um grande mestre que era um entomologista, chamado Costa Lima. Na segunda. Na terceira, tinha Heráclides César de Souza Araújo, fazia lepra, curava e pesquisava o mal de Hansen. Depois, aqui no cantinho, o princípio eu não me lembro, mas depois, veio Fábio Werneck, Fábio Lone Werneck, cuidava de piolhos. Espécies classificava espécies, aquela coisa toda. Depois, na porta pegada...

NB – A da frente?

AB – Não, mas pelo corredor aqui.

NB – Ah! Sim, é.



AB – Tem essa sequência, dobra. Ali era o gabinete de desenho. O desenho chefe era, Castro... Castro Silva.

RG – Ele fazia desenho pra todo mundo?

AB – E tinha desenho... Não, desenho científico.

NB – É, mas pra todo mundo, ele fazia?

AB – Pra todo... Ah! Pra todo... Todo o Instituto. Todos de Instituto.

NB – Todos os pesquisadores? Ham! Hum, hum!

AB – Ele tinha dois desenhistas auxiliares. Um era o Catembaqui, Luis Catembaqui, Luis Catembaqui. E outro, é possível que seja vivo, Porciúncula de Moraes. Se estiver vivo, é velho, velho como eu. Ou mais. Era Luiz Capembaqui. Não me lembro. Acho que era Luis Capembaqui e Porciúncula de Moraes. Ah! Esqueci-me de um, que fazia desenho aqui e que quando eu cheguei, ele foi para São Paulo. Era Raymundo Honório [Daniel]. Raimundo Honório...

NB – Ele trabalhava com o Castro Silva, também?

AB – Trabalhou aqui. Depois foi para São Paulo e depois voltou para o Instituto. Já nesta época, tinha um auxiliar do Leite que aprendeu desenho e começou a desenhar, no Instituto. Mas nessa época já, Catembaqui, tinha morrido. O primitivo, que era... que eu dei o nome dele, o Castro e Silva. Tinha morrido! Então o [Antônio Viegas] Pugas era, o primeiro nome, não me lembro. Pugas, ficou desenhando aqui. E o Honório, Raymundo Honório [Daniel], foi para a Prefeitura. É possível, que seja vivo até hoje. Este Honório, tem uma história muito interessante porque Oswaldo Cruz o apanhou, garotinho, no Amazonas. Tipo meio bugre, meio índio e trouxe para o Rio de Janeiro e o educou.

NB – Ele fazia muito isso, né?

AB – Fazia.

NB – O senhor sabe... por que isso?

AB – Essa gente era muito boa. Muito boa! Eu fico emocionado, porque eu levei minha vida aqui dentro. E eu, tenho saudades, não é? Eu gostaria de ver essas fotografias todas...

NB – O senhor vai ver! A gente, vai convidar o senhor quando tiver ele pronto assim, pra mostra ao senhor... Pro senhor ver as fotos.

AB – Porque eu tenho saudades, não é? Tenho saudades!

NB – Aí o senhor tava lembrando. Bom! Isso aqui, tudo no 1º andar, não é? Os laboratórios no 1º andar? E no segundo, tinha algum laboratório?

AB – Espera aí!... Deixa ver.

NB – Ah! Ainda não acabou?

AB – Castro e Silva, nós terminamos a...

NB – A ala da frente.

AB – Ali o desenho.

NB – É.

AB – Depois, tinha uma porta, que era a tesouraria. Antes de chegar no elevador, ainda tem uma sala.

NB – Isso! Isso.

AB – Tem a do canto, que é a maior.

NB – É. Hoje quem tá lá, é o Morel. Na sala que ele tá falando.

AB – E tinha uma menor, que dava a frente pra varanda e fundos.

NB – Isso!

AB – Ali, era o tesoureiro. Meu conterrâneo, Valdemiro Rodrigues de Andrade, que eu não soube dizer o nome dele, Valdemiro Rodrigues de Andrade. E o pai dele, que eu também não soube o nome na primeira vez. Era João Cândido de Andrade.

RG – Ah, mas esse senhor o senhor lembrou.

NB – Acho que o senhor lembrou!

AB – Lembrei, Andrade e tal...

NB – João Cândido de Andrade, isso!

AB – Mas João Cândido de Andrade, que era juiz de direito em São Luís do Paraitinga. E que levou o pai de Oswaldo Cruz para clinicar, em São Luís.

NB – É isso mesmo! Isso tudo o senhor contou.

AB – Lá nasceu Oswaldo Cruz e nasceu este velho aqui, também por acaso (*risos*) na mesma casa. (*risos*)

NB – Bom! Tinha a tesouraria e qual era o outro laboratório?

AB – Agora vamos. O seu Gomes aqui nesta porta, o zelador...

NB – Aqui ao lado, da onde a gente tá?

AB – Manoel de Souza Gomes. Aqui no cantinho. Aqui era fabri... Era ampola. Fábrica de ampola. Tinha os maçaricos, aqui aonde nós estamos. E aqui no canto o Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz. Saiu bom.

NB – Nessa sala ao lado?

AB – É, entrada aqui e saída aqui na frente. É um salão comprido, grande.

RG – É onde é o museu hoje em dia. E o Gomes, era zelador? Ficava lá tomando conta?

AB – Era o zelador. Muito severo! Muito esperto!

RG – Muito severo com que? Com que, que ele fazia?

AB – Na administração. Essa severidade, não é perseguindo ninguém, não. Exigente, um bom administrador.

RG – Mas quais eram as tarefas dele?

AB – Hein?

RG – Onde ele...

AB – Era ver tudo. Ver tudo. Ia tudo, tomava conta do pessoal.

RG – Mas tinha um grupo com ele, não é? Ele trabalhava sozinho?

AB – Não. Ele era sozinho. Sozinho. Esperto! Esperto!

RG – E essa fábrica de ampolas, tinha funcionários que trabalhavam lá produzindo?

AB – Eram 5 ou 6 funcionários, aqui.

RG – Eles sopravam vidro?

AB – É. Eles recebiam a vara de vidro, o tudo de vidro. Faziam o fundo e a ponta.

RG – Isso vinha do lab...

AB – No fim do mês, punham aquilo... punham... Contavam tudo aquilo e recebiam no fim do mês.

RG – Esses funcionários, eles também se relacionavam com...

AB – Tem um vidro ainda, que é o Ambleto.

RG – Ah, ele fazia isso?

AB – Não sei.

NB – Ah! É esse que fazia ampola?

AB – Ele está tão doente.

NB – Mas ele tá vivo?

AB – Está vivo! Ele tem hoje, um outro nome. Porque passaram a chamá-lo de Ambleto.

NB – Por que?

AB – Não sei. Ele vai explicar isto aqui, o porquê. Hoje...

### **Fita 3 - Lado B**

NB – Pode falar.

AB – O nome dele hoje é Hamlet William [Aor]. Tão diferente de Ambleto, mas ele diz: Ah, aquela italianada, lá em casa, é Malet, Hanret. Aquilo foi a corruptela. Foi indo, foi indo, foi indo, Ambleto.

NB – Ficou Ambleto?

AB – Eu o conheci na tipografia. Porque, eu quando cheguei, me puseram na tipografia, que eu nunca tinha visto uma tipografia, estava ele, margeando bula. Da vacina contra a maqueira. Com 10 anos, 11 anos, já trabalhando.

RG – Ele era mais moço que o senhor então, não é? O senhor veio com 15 anos...

AB – É, é, ele tem uma diferença bem boa, mas tá mais acabado que eu. Está agora, porque ele foi, foi um atleta, foi remador, foi campeão no Rio de Janeiro.

NB – Foi mesmo, é?

AB – Ah! Foi, tinha um físico! Ele foi campeão double, barco do Vasco da Gama.

NB – E tá adoentado, assim velho?

AB – É, coração, né? Talvez esforço de mocidade. Boa pessoa!

NB – Quer dizer que ele trabalhou...

AB – Meio... meio... Curso de Aplicação.

NB – Não... o senhor tava falando sobre os laboratórios, né? O senhor falou, que o Gomes trabalhava...

AB – Vidro.

NB – Os vidros. E quem trabalhava aqui era o Ambleto, né?

AB – Ambleto e vários. Miranda, que eu lembro...

NB – Sei!

AB – Miranda, o Hassafeni. Quem mais? E mais uns três ou quatro que tinha. Era uma turminha boa!

NB – Aqui do lado era o Curso de Aplicação?

AB – Aqui. Entrava aqui, saía ali.

NB – Onde é o museu.

AB – Tinha umas mesas compridas, maçarico, microscópio. Quando eu vi, era auxiliar de curso, José Marques. José... José Marques.

NB – Qual era a área de trabalho dele? O senhor lembra? O que, que ele fazia?

AB – Era todo o programa... todo o programa...

NB – Sim, mas ele era pesquisador também, não era?

AB – Quem?

NB – O José Marques.

AB – Não.

NB – Não?

AB – Era auxiliar como eu.

NB – Ah, era auxiliar também?

AB – Era auxiliar. Cada professor, cada médico, vinha dar a sua matéria. Um exemplo, um exemplo, Júlio Muniz e Aristides Marques da Cunha dividiam o programa deles. Aristides, dava a metade; Muniz dava a outra metade.

NB – Sim! Mas o José Marques fazia o que?

AB – José Marques era o auxiliar, para dar atendimento aos alunos.

NB – Mas e que trabalho que ele fazia com eles?

AB – Ah! Tem muita coisa. É... Corantes, preparo de corantes, encher bateria. Muita coisa, tem muito. O serviço de auxiliar tem muito, muita coisa pra fazer.

NB – E porque eu pensava... Bom, esse Curso de Aplicação tinha essa parte prática toda, não é? Não era um ano teórico, né?

AB – Tem a parte prática tem. A teoria, é o professor, é que vem. Cada especialista vem. Agora, ali tem um, ali tem um auxiliar dentro do curso para dar atendimento ao professor e aos alunos. Buscar um animal para inocular. Ajudar a inocular ou inocular. Tem muita coisa, muita coisa.

RG – Quer dizer que...

AB – O célebre, cafezinho: (*risos*) Que tem cafezinho, compreende? Isso, os alunos pagavam. Pagaram uma...

RG – O senhor quer um cafezinho, por sinal? Você conseguiu um cafezinho pra nós?

NB – Pra nós também, já consegui um cafezinho pra nós.

AB – Então, então tinha ali já... No tempo de José Marques eu não me recordo, de cafezinho, mas depois, José Marques saiu do curso, o motivo eu não sei, e foi substituído por Antônio Muniz Filho, que era um veterano...

NB – Parente?

AB – Não, não é parente do... de Muniz, era um outro. Era filho de um veterano, do tempo de Oswaldo Cruz, Antônio Velho... O velho Antônio Muniz. Que trabalhou, como Machado e Godoy, no preparo da vacina contra a manqueira.

NB – Manqueira. Hum, hum!

AB – É o pai deste, que veio pro curso.

NB – Sei, então...

AB – Tá dando pra compreender a minha...

NB – Claro!

AB – Inclusive, o senhor tá mencionando essa coisa de filho, quer dizer, ele é um auxiliar que é filho de auxiliar, não é? Isso é um assunto que a gente queria falar. É. Porque de modo geral, do modo geral, quem estava aqui trazia um parente. Valdemiro, trouxe meu irmão mais velho, o Antônio, que éramos filho da mesma cidadezinha do interior. O meu irmão mais velho trouxe o meu irmão Benedito. Depois deu-se uma vaguinha em... modesta, trouxeram um tal de Attílio, que está aqui. Posteriormente trouxemos José.

NB – É irmão mais moço do senhor?

AB – Mais moço do que eu, já é morto também, que Olympio da Fonseca quando fez concurso para parasitologia na Faculdade de Medicina, o carregou.

RG – E ele ficou anos com ele.

AB – Ficou em Botafogo, está lá enterrado no São João Batista. Depois, acabou vindo Salvador. De triste memória, porque acabou se... acabou se suicidando.

RG – Morreu muito moço?

AB – Acabou se suicidando. Fez-se com 23 anos, porque ele contaminou-se aqui. No período que eu estava no Chagas, ele com o Cunha, que é meu compadre, José Cunha, e que ainda é vivo.

RG – Quem nos deu notícias do Cunha foi o doutor Domingos Machado porque o Cunha trabalha com ele lá em Nova Iguaçu.

AB – Com ele, pois é... Mas... Eu pensei no Machado. É ótimo indivíduo para mandar o Cunha aqui.

RG – É. Já mandei recadinho. Mandamos recadinho.

AB – Compreende? Encaminhá-lo e trazê-lo para aqui. Se ele não quiser vim aqui, porque ele tem... A Fundação, não o aproveitou, compreende? E ele ficou triste, então um dia ele me disse: “Ah, entrei com 11 anos, pequenino”. O Cunha...

NB – Mas a gente vai entrevistá-lo.

AB – Meu compadre, meu compadre, Cunha.

RG – A gente chega até ele.

NB – Mas seu Attílio, o senhor dizia que isso era uma coisa muito comum, não é? As famílias de técnicos e auxiliares, não é? Não é isso? O senhor atribui isso a que, seu Attílio?

AB – Sei lá. Não sei.

NB – Por que? O Instituto Oswaldo Cruz tinha muito prestígio, assim, pras pessoas trazerem os seus parentes. Porque eu fico pensando que...

AB – Não havia muita... Muita credibilidade. Quando eu dizia, fulano é bom. Dizia, então, traz, mas eu não deixava de ficar responsável. Pelo menos moralmente. Bonsucesso está... Vinha um mundo de empregados daqui, de Bonsucesso porque fulano morava em Bonsucesso... eu tenho um menino lá bonzinho, traz! O Gomes dizia, traz.

RG – Um vizinho, né?

AB – Então, dava um ótimo auxiliar. Tem aí no meio disso tudo, uns como eu contei aqui, a história de um, que o meu chefe, o Aristides dizia: “É, o Estanislau fechou o ciclo porque ele ficou conosco”, dali foi prum outro laboratório, foi prum outro, foi prum outro, porque ele era displicente, já meio idoso. Coitado, fiquei até com saudades dele, compreende? Tinha um dia, o doutor Aristides anotado no laboratório. O Estanislau aqui, fechou o ciclo. (*risos*)

RG – Rodou o Instituto todo, foi e voltou.

AB – Coitado do Estanislau.

NB – E me diz uma coisa, que eu tenho uma curiosidade, seu Atílio, trabalhar no Instituto, nessa década, nesse momento, década de 30, era uma coisa que lhe dava assim, status, lhe dava prestígio? Era uma profissão valorizada, fora do Instituto.

AB – Para nós auxiliares, não, mas o médico, o médico fazia questão de colocar na sua clínica, diplomado pelo Instituto Oswaldo Cruz porque aquele que passava pelo Instituto, tinha gabarito.

NB – Mas me diga uma coisa, assim. Entre os... assim... Entre as pessoas com quem o senhor vivia, não é? No seu bairro, onde o senhor morava, o senhor disse que morava aqui em Bonsucesso, não é?

AB – É. Eu morava aqui até casar.

NB – É. Antes aqui, não é? Depois o senhor foi morar um Bonsucesso.

AB – É. Depois, uma menina me enfeitiçou e eu acabei casando.

RG – Da onde que apareceu, essa menina?

NB – Que o senhor casou.

AB – Hein?



RG – A menina que o enfeitiçou apareceu como na sua vida?

NB – Como o senhor conheceu ela?

AB – Sei lá. A gente quando moço... A gente quando moço, faz coisas que depois de velho se envergonha.

NB – Se envergonha de contar (*risos*)

RG – Não se orgulha não?

AB – Não, não, se envergonha, porque eu saía daqui, eu saía de Manguinhos, após o expediente, e à noitinha tinha uma capelinha aqui, tinha uma fazenda muito bonita, aqui ao lado do Instituto, e era o Luís da Fazenda. Fornecia melões, figos pra mercado, saíam aqueles barcos ali de... desses canais. E, tinha uma capelinha, então, mês de Maria, mês de maio, ladainha. Então vinham aquelas senhoras, velhinhas. Suas cabecinhas cobertas, porque maio já era frio, e traziam suas filhas. E nós, saíamos do Instituto e íamos rezar. Carolas, também, não eram muito de verdade. Apesar que eu sou sobrinho de padre, tio de padre, eu tenho padre na família, não é? Mas a gente ia lá, cantava ladainha, meio desafinado, mas cantava. E aquilo vai-vem, vai-vem, vai-vem, namora daqui, namora dali. E acabou dando em casamento, não é? Isso não quer dizer que, outras onde eu ia dançar lá, no fim de semana, também arranjava outros namorinhos, mas é... Esta é que me agarrou!

NB – Esta é que lhe enfeitiçou.

AB – Heim?

RG – O nome dela?

AB – Ana. Ana da Cunha Borrielo.

NB – E a doutora Ana, nesse momento, fazia o que? Ele trabalhava?

AB – Não! Trabalhava não. Rezava aqui (*risos*).

RG – Morava aqui pertinho?

AB – Morava aqui em Bonsucesso. A mãe tinha um chalé, de portugueses, não é? Olaria, fábrica de tijolos etc... E a gente vai acompanhado, acompanhando, quando quer sair, não pode mais!

NB – Já era casado, né? Mas voltando aquilo que eu tava lhe perguntando. Assim, entre as pessoas que, eram da sua classe social, que viviam com o senhor... Por exemplo, aqui o senhor morava no seu bairro, trabalhar em Manguinhos era uma coisa assim que lhe dava prestígio entre... a pessoa... os seus...

AB – Olha, minha filha...

NB – Entre o seu círculo de amizades?

AB – Na nossa idade, na nossa... Hoje é tudo muito mais evoluído. A mocidade de hoje, sabe o que quer. A instrução é outra. E a mentalidade é outra. Naquele tempo, a pessoa era meio... indiferente. Desde que tivesse um ordenadinho, não discutia camada. A não ser os que já vinham duma camada superior. Então a gente atravessava uma vida, praticamente, sem evolução. A não ser, raros casos. Eu já citei, que tiveram aqui uns funcionários que se formaram e etc...

NB – E o senhor trabalhava em outros lugares, não é?

AB – Ah, isso foi posterior. Depois de casado...

NB – O senhor casou em [19]29, não é?

AB – Eu comecei a sentir que o vencimento era pequeno, mas durante 60... 21... 65 anos de Rio de Janeiro é o que eu tenho. Eu nunca procurei emprego, sempre fui convidado para trabalhar. Então, eu atribuo hoje que eu devia ser muito bem relacionado porque um indicava, alguém indicava. Eu trabalhei em vários laboratórios pela cidade.

NB – E havia, assim, muitas oportunidades de trabalho, em laboratório?

AB – Muitas, muitas, não, mas eu sempre fui convidado. Até este último que o... depois que eu saí daqui, assassinaram o filho dele, o Luís Franco. Eu falei aqui, João Franco, não é? Assassinaram o filho dele, era a 12, 15 dias passados. É o diretor do Instituto de Hematologia do Estado.

RG – É o rapazinho que foi assassinado, não é?

AB – É, o mais novo. Chorei tanto abraçado ao Luís... Coitado! Dois filhos só, dois acadêmicos de medicina. Eu o conheci também acadêmico, hoje é um grande hematologista, mas mantém comigo ótimas relações, sabe?

RG – É, isso foi um acidente muito trágico, não é?

AB – Bom... mas não sei o que é, que eu estava falando.

NB – O senhor estava falando sobre... eu perguntei ao senhor se o senhor trabalhava em outros locais, não é?

AB – Ah, sim! Sempre convidado, sempre convidado.

NB – E se havia muita... Havia muitos laboratórios no Rio de Janeiro?

AB – Alguns, alguns, com Júlio Muniz mesmo, eu dei uma mãozinha ligeira, lá no 7 de setembro.

NB – Ele tinha um laboratório?

AB – Tinha um laboratorozinho de análises clínicas, pequenino! Não é?

RG – Os médicos daqui quase todos tinham atividades particulares?

AB – Depois, no princípio, no princípio, com Chagas, não, mas depois a coisa foi evoluindo e eles então...

NB – O senhor acha que... o senhor atribui isso a...

AB – A crise.

NB – A crise financeira, não é?

AB – É. Porque os aumentos aqui não eram grandes, não é? A situação social dos médicos... não sei, mas deviam exigir uma... uma remuneração melhor, não é? Então eles foram se esparramando. Me lembro o Oswaldo Pena, tinha. Olympio da Fonseca, chegou a ter. Júlio Muniz, tinha. E mais uns...

NB – A diferença do seu salário...

AB – Aragão... Aragão chegou a ter um Instituto de Manqueira. Não era laboratório de análises clínicas, não. Era um grande Instituto, era um industrial.

NB – Como é que chamava o instituto, o senhor lembra?

AB – O nome do instituto, não lembro.

RG – Fazia o que esse instituto?

AB – Ah! Fazia soros, vacinas, não é?

RG – Do Aragão, é?

AB – Aragão.

RG – Da família dele?

AB – É.

NB – Era dele próprio, não é?

AB – É... heim?

NB – Era dele próprio? Dele, Aragão?

AB – Dele, Aragão. Dele, Aragão.

NB – A diferença de salário entre um auxiliar como o senhor qualificado, e já com muito tempo aqui dentro, né? E o médico, não é? O assistente... o médico... não, o médico, o pesquisador, era muito grande a diferença?

AB – Ah, era, era.

NB – O senhor nos contou que...

AB – Dez vezes, talvez.

NB – Dez vezes mais?

AB – É, é.

NB – O senhor nos contou que...

AB – Quer ter uma ideia? Da minha aposentadoria?

NB – Sei!

AB – Eu me aposentei em dezembro de 57, com 2000 cruzeiros. Como técnico... primeiro, primeiro eu cheguei a bióloga auxiliar. A minha carteirinha de trabalho de 1943, eu e mais um éramos biólogas auxiliares porque o chefe do laboratório era biólogo. E tinham dois biólogos auxiliares, eu e o Charles, um que trabalhava com o Costa Lima aqui no 1º andar. Depois, por currículo...

NB – Só tinha esses dois?

AB – Só.

NB – O senhor e o Charles?

AB – Só.

NB – Isso em 43?

AB – Só. Em 43. Se for oportuno, mando minha carteirinha pra vocês confirmarem. Bom, depois, eles assaram a pesquisadores. Os biólogos, passaram a pesquisadores.

RG – Sei.

AB – Eu não podia ser... Podia ser auxiliar de pesquisador, não podia ser pesquisador, porque eu não tinha universidade, mas sabe o que fizeram comigo? Puseram ao contrário, em vez de pesquisador auxiliar, auxiliar de pesquisador. É diferente, não é?

RG – Aí rebaixou... rebaixou de cargo.

AB – É diferente, não é?

NB – Rebaixou o senhor.

AB – Eu acho que é diferente. Auxiliar de pesquisador e pesquisador auxiliar, é diferente. Então, eu fui aposentado como técnico de laboratório. Atualmente, no dia de hoje, no dia de hoje, eu tenho de aposentadoria, do Ministério da Saúde, Cz\$ 4.000,00. É meu ordenado. Eu não posso viver com Cz\$ 4.000,00. Então fui obrigado a trabalhar fora. E juntava um pouquinho dali um pouquinho dali e conseguia comer, ficar barrigudinho e tal. E estou aqui até hoje, não é? Mas a vida... o Cunha...

NB – Mas assim mesmo, o senhor disse, que o salário dos próprios pesquisadores também baixou.

AB – Era pequeno, era pequeno também.

NB – Não era uma grande coisa também, não, né?

AB – Não, não, era pequeno.

NB – Apesar de ser muito distante dos salários que vocês tinham, não é?

AB – Ah, tinha. Havia uma distância muito grande de salário, entre médico e auxiliar.

NB – O senhor tava falando pra gente... Eu queria voltar pra cá, que eu tenho muita curiosidade.

AB – Pois diga!

NB – Sobre os laboratórios aqui. Lembra?

AB – Ah! Sim. Nós ficamos no curso.

NB – Essa divisão do espaço aqui.

AB – Ficamos no curso.

NB – Isso!

AB – Depois tínhamos a seção de protozoologia, três laboratórios, aponta, onde você me levou pra mostrar.

NB – O Museu que é o museu.

AB – O museu. A do meio, onde nós, fazíamos o nosso museu, as nossas lâminas, cortina escura, pesquisa em... em microscopia, etc, fichário e a ponta, onde nós fazíamos inoculação. O terceiro laboratório. Aqui trabalhamos com muita coisa perigosa. Trabalhamos com tifo-exantemático, eu e este Cunha. Como trabalhamos com tifo-exantemático! Que matou um médico e o auxiliar lá em Butantã, em São Paulo, que eles tavam triturando carrapatos, estavam triturando carrapatos, era inoculação e acabaram morrendo. Eles atribuem, que uma gotícula, boca, um nariz, um... porque eram carrapatos pequeniníssimos. O borricéfalo é um carrapato chamado pólvora. É uma coisa...

RG – Conheço!

AB – Quase que invisível.

RG – Horrível, né?

AB – E eu e este Cunha, tínhamos uns cristalizadores de vidro. Uns frascos de vidro retangulares, onde nós colocávamos o cobaia, tinha ume estrado de madeira. Colocávamos o cobaia em um tubo cheio de carrapato em cima desse cobaia. E tínhamos que tomar temperatura deste cobaia, duas vezes ao dia. Como é que íamos segurar esse cobaio?

RG – Cheio de carrapato!

AB – Cheio de carrapato! Carrapato enfestado com Tifo-exantemático.

RG – Como é que os senhores faziam?

AB – Como é que nós fazíamos?

RG – É.

AB – Eu vou contar o que eu e Cunha fazíamos... a temperatura é a retal; no termômetro, nós colocávamos graxa em volta do termômetro. E nos pulsos, um anel de graxa. Um pegava o cobaia e mantinha em cima do cristalizador. O outro, introduzia o termômetro no reto. Tomávamos a temperatura, introduzíamos o termômetro e as mãos no desinfetante. Carrapato que estava na graxa para baixo, ficava no desinfetante, no lison, e o cobaia ficava ali, mas isto, isto foi engendrado por mim e pelo Cunha.

RG – E a graxa...

AB – O recurso...

RG – Ele, não passaria pela graxa?

AB – Não, não. Porque ele chega na graxa. Não passa nessa graxa de carroça.

NB – Quer dizer, não havia nenhuma preocupação, quer dizer, se esse tipo de preocupação...

AB – O médico, o médico, o médico, que era um alemão, chamado Paulo Regendau, e que estagiava conosco, e que comandava a pesquisa. Mas neste momento, ele saía do laboratório. Ficava eu e o Cunha. Estamos todos dois vivos, mas trabalhávamos assim. Acredita que nós trabalhávamos assim? Quando se dá o acidente do médico e o auxiliar triturando o carrapato em São Paulo. Então, o Chagas desce, o grande Chagas desce e diz: “Muniz e Aristides, de hoje em diante cessa a pesquisa de tifo-exantemático”. Então matamos o cobaia, matamos os carrapatos, eliminamos tudo e parou a pesquisa.

RG – Eles achavam que era perigoso demais, vocês não tinham condições de tomar as precauções necessárias pra evitar um acidente aqui dentro.

AB – Injetava-se o cobaia, o cobaia aparentava o rickettsias, então precisava-se fazer raspagem. Abria-se cobaia e no abdome fazia-se raspagem interna com um bisturi e esfregava nas lâminas para pesquisa de rickettsias. Nós recebíamos ordem para fazer isso e o célebre Paulo Regendau abandonava o laboratório na hora em que nós estávamos autopsiando a cobaia.

RG – Era preá, esse animal?

AB – É um tipo... É idêntico. É o cobaia que eles trabalham até hoje, que é o animal mais usado em laboratório, mas tivemos fase de perigo, mas fases que o perigo nos trazia esclarecimento. Isso, essa manhã esta manhã que eu apanhei de laboratório pra ganhar o meu dinheirinho fora, eu agradeço ao Instituto Oswaldo Cruz e seus diretores de seção. Porque quanto mais trabalho, mais eu e Cunha, o Cunha é um ótimo auxiliar, eu considero o Cunha um ótimo auxiliar.

NB – Mais o senhor aprendia?

AB – Mas mais aprendia!

NB – O senhor e o Cunha, foram companheiros durante muitos anos?

AB – Muito, muito. O Cunha entrou aqui em 20... em 24, quando perdeu o pai. Não sei se ele vai contar essa história. Já estava no laboratório, quando o Aragão formou a seção de protozoologia, eu vim e já encontrei o Cunha, eu vim do almoxarifado, e já encontrei o Cunha aqui, neste corredor, trabalhando com o Aldemar e com o Aristides Marques da Cunha. Quer dizer, o Cunha tem de laboratório uns esses mais do que eu.

RG – E vocês foram... fizeram o mesmo itinerário?

AB – Ah, muito. Aí fomos, fomos juntos...

RG – Uma dupla?

AB – Dupla. Só me afastei o período que...

RG – Do Chagas?

AB – É. E voltava pra... (*risos*)

RG – Ele não se ressentiu, não?

NB – Eu lembrei também dessa história.

RG – O Cunha não se ressentiu, do senhor ter ido trabalhar com Chagas?

AB – Não, não. O Cunha é um elemento superior, magnífico, genioso! Genioso, estourado.

NB – Olha! Mas eu não vou...

AB – E ele aqui no refeitório, só brigava por comida. Apesar de eu ser filho de italiano e ele não... ele brigava por um bife, ele brigava, não é? Comilão até hoje!

RG – O senhor podia contar a história do jogo de damas, não é?

AB – Ah, que é engraçadíssima.

RG – Porque o senhor não contou na hora da entrevista, foi depois.

AB – Não, mas e...

NB – Ah! Conta pra gente, a história do jogo de damas, é muito engraçada!

AB – O que?

NB – A história do jogo de damas!

AB – Não. Porque ele disse um... um nome feio.

NB – Não, mas o senhor não fala o nome feio.

AB – Não!

NB – Pode contar a história, quando tiver o nome feio o senhor para

AB – Não. Mas isso... Isso depois fica feio pra mim!

NB – Não fica, não!

AB – Este camarada, que tinha na conta de um bom auxiliar, é, vinha jogar dama!

NB – Quem dizia isso? Júlio Muniz, não é?

AB – Não. Não é Júlio Muniz.



RG – Borrielo que está dizendo.

AB – Desliga, desliga.

NB – Ah, fala!

AB – Não. Depois, depois, mas então, numa dessas... Numa volta de São Paulo, numa excursão para a Europa ou Argentina, precisou arrumar um laboratório pro [Artur] Neiva aqui. Então, o grande Chagas desceu, procurou Gomes aqui e diz: “Vamos ver um laboratório pro Neiva.” E o seu Gomes, dizia a mim quando eu passava: “Acaba com esse jogo de damas, que um dia vocês vão se dar mal!” Eu dizia: “Olha, seu Gomes, a gente não joga damas.” Há! Então eu não sei! Para com isso! Bom! Ele possuía uma chave-mestre. A chave-mestre, é a chave que abre todo o Instituto. Uma única chave. O zelador, tinha a chave. Estou eu, Cunha, Alfredo e acompanhando, nós três, um tabuleiro de dama.

RG – Quem é o Alfredo?

AB – O Alfredo, é um auxiliar, um auxiliar que trabalhava com Penido, com Dr. Penido, Nogueira Penido, que não houve meio de lembrar.

NB – Na outra vez?

AB – É. José...

NB – Nogueira Penido?

AB – José Carlos Nogueira Penido. É. Da família Penido, de Minas, que tem até um Bispo, tem...

RG – É.

AB – É em Aparecida, se não me engano, não é?

RG – Era uma família importante.

AB – Deputados. É a família mineira tradicional. Bom! E nós escutamos um barulhinho de chave. Não está gravando, não?

NB – Tá, tá gravando!

AB – Minha filha!

NB – Mas o que é que tem? Qual é o problema?

RG – O senhor ainda não contou nada!

NB – O senhor não contou nada!

AB – Minha filha, ó!

NB – O senhor não contou nada!

AB – E nós escutamos um barulhinho de chave. Entra Gomes, e atrás de Gomes, Carlos Chagas.

NB – Minha, Nossa Senhora!

AB – Você imagina...

NB – O senhor tava no seu horário de trabalho?

AB – Faltava minutos, pra 4 horas. Faltavam minutos. Você imagina, o meu semblante, o do Cunha e do Alfredo.

NB – Pediram pra morrer, né?

AB – Ah, não.

NB – Que vergonha!

AB – Se houvesse buraco... Eu tenho impressão, que nós furamos a cerâmica.

RG – O senhor estava ali, naquela salinha ali do lado?

AB – No segundo, tem uma ponta, no segundo.

NB – Na segunda porta?

AB – É, na segunda. E o... E eu, de vez em quando, abria o avental, um avental branco, comprido. Nós enfiamos o tabuleiro de dama, embaixo da estufa, mas a estufa era uma ingratitude. As pernas compridas, a estufa lá em cima. Quer dizer, só olhar pro chão, tava vendo o tabuleiro no... Aí, ali... Por isso, é que eu digo, Chagas era pai, e ele ao invés de olhar pro chão, só olha pro teto. Ele fazia assim.

NB – Ele não queria ver mesmo!

AB – É, esse não dá pro Neiva. É, Gomes, esse não dá pro Neiva. Não dá, não. É muito pequeno. Que horas são heim? E o Gomes puxou de relógio, é cinco pras quatro. É não dá. E saiu assim, olhando pro chão.

RG – Finíssimo, né?

AB – Ah, meu Deus, do céu!

NB – Que maravilha!

AB – Que bondade de homem! Que bondade de homem!

RG – Mas...

AB – Pra não ter que punir, três funcionários.

RG – Só vocês, que jogavam damas ou os outros também...

AB – Não...

#### **Fita 4 - Lado A**

NB – Mas quer dizer, que era um vício, então, a dama, né?

AB – Heim?

NB – E o Chagas, foi muito bondoso, não é? Ele era um bom chefe, não é?

AB – Um dia eu descí com ele... no automóvel e tinha um cozinheiro aqui, chamado Artur. Artur cozinheiro. E era natural, era o cozinheiro, o resto de cozinha, bolsa. Não vejo crime nenhum nisso. Um indivíduo que cozinhava pra 200 pessoas, 300 pessoas. E... e nós vamos no carro, eu, na frente com Jacinto, ele, trás. E na curva, lá na curva onde hoje é um depósito de material, era a cocheira velha, chamada cavalaria velha. E, eu estou na frente, vendo o seu Artur carregando as duas bolsas. Eu disse: “Ah, meu Deus! Chagas vai ver”. E do lado oposto, era a chácara do Amadeu. Legumes, berinjela, alface, uma maravilha! Fruta de conde, coisas magníficas!

NB – Tudo isso, aqui dentro, né?

AB – E ele...

NB – Tudo aqui dentro da... de Manguinhos?

AB – Tudo! Aqui dentro da fazenda. Lá atrás da... onde era a carpintaria. E Chagas vira-se, pro lado oposto do Artur, e disse: “Ih, mas como está linda a nossa chácara!”. E ficou esperando, lado oposto. E eu analisando: “Isso é um pai, meu Deus, isto é um pai”.

NB – Ele nunca comentou com o senhor o jogo de damas, não?

AB – Ah, nunca! Ele não dava... Ele não... É como eu te disse: ele estava tão... tão acima da gente, que ele não dava esta... mas era uma bondade, era uma bondade.

NB – Mas teve um dia também, que o Júlio Muniz, lhe pegou jogando dama, não teve?

AB – Hem?

NB – O Júlio Muniz também lhe pegou jogando dama, não foi?

AB – O Júlio, porque nós ficávamos... aí eu estava no Chagas.

NB – Hum!

AB – Aí eu estava trabalhando com Carlos Chagas.

NB – O senhor descia...

AB – Mas enquanto, enquanto, Chagas tinha horário de chegada, tudo prontinho. O Júlio, chegava nove, nove e meia. Então o Cunha ficava aqui no mármore na sacada! Ô Atílio, Atílio. E eu fazia. E eu descia. Mas a gente... Vinha o ônibus, pegava lá na estrada de ferro, na Estação de Carlos Chagas, hoje. E trazia. Então, quando o ônibus vinha bbrrr, aquele barulho, a gente espiava na janela e Júlio Muniz. Então, guardava, mas o demônio, esse dia entrou, ele entrou sem... Entrou, o tabuleiro, era o papelão rasgado no meio e amassado com barbante. Então, quando o Cunha dobrou, eu perguntei isso a ele. Quando ele dobrou, as pedras caíram todas pelo chão...

RG – Escândalo!

AB – Eu também fiquei com aquela cara. E o Cunha, também levou um carão do Júlio Muniz.

NB – Deu um carão em vocês?

AB – É. E eu não tive outra... outra saída. Bom, Cunha, depois eu volto, aqui na esquina. Bom, Cunha depois eu volto. Olhei pra trás e tal...

NB – O Júlio Muniz, com a mão na cintura?

AB – Aí soltou aquele palavrão?

NB – Aquele palavrão, né.

AB – É.

NB – Isso... Bom, e aí.

AB – Acabamos amigos, hem!

NB – É?

AB – Acabamos amigos! Júlio Muniz, cheguei a ir à casa dele umas três vezes, antes dele morrer. Me recebeu muito bem.

NB – Tá vendo!

AB – Dizendo, dizendo: “Olha, Atílio, eu lhe considero. Tenho por você uma grande admiração”. Nunca me disse isso, aqui.

NB – O jogo de damas.

AB – Júlio Muniz.

NB – Sim! Mas ele não falou nada de senhor, depois do jogo de damas...

AB – Não, não falou. Tenho por você uma grande admiração. Me atendeu muito bem, mas a última vez, eu fui pedir, pelo meu filho, que já era Fundação. E ele estava lá no Pavilhão, onde puseram o Rostan [Soares] agora, lá embaixo. Perto do campo de futebol. E eu não fui bem recebido. Não fui, porque ele teve um atrito com meu filho. Meu filho ficou trabalhando com ele, mas houve muita intriga, houve, houve... tinha uma mocinha trabalhando, e ele parece que ele ficou com ciúmes do meu filho. Colega de colégio do... do científico. Essa menina que trabalhava lá, foi colega do meu filho. E ele dizia: “Bom, você, pra deixar de trabalhar comigo, só eu te pondo no serviço da malária, fora da... do Instituto”. E meu filho chegou em casa e disse: “Papai, eu não aguento mais o Júlio Muniz”. “Que, que há?”, “É isso assim, assim, assim. Eu vou ter um atrito com ele, sério”. Moço, não é? Sangue quente. E eu disse: “É um problema”. Júlio Muniz, tinha um prestígio que... que ele estava aqui dentro, mas todo mundo tinha medo dele! Todo mundo tinha medo de Júlio Muniz, mas eu estava muitíssimo bem relacionado com Oswaldo Cruz Filho, que na época era diretor daqui porque eu tinha um empreguinho no hospital do INPS, o Hospital de Bonsucesso, e vinha diariamente com Oswaldo Cruz. Estava um pouquinho afastado do Oswaldo Cruz, mas sabia que ele era diretor. Então eu resolvi, vim falar com Oswaldo. Antes de eu expor o que queria, ele me mostrou fotografias da casa do pai dele, da minha casa. Disse: “Olha! Estive lá, estive na tua casa lá, olha eu na janela e tal”. Então, depois, me ofereceu um cafezinho. Aí eu fui ao que queria: “Dr. Oswaldo, nunca lhe pedi nada, mas venho pedir um negócio, pra não falhar!”, “Fala”, diz ele, fala. E eu, este caso assim, assim, assim... preciso retirar meu filho... de Júlio Muniz, “Já tirou”, diz ele assim pra mim, já tirou. Diz a ele que não precisa nem voltar lá. Conversamos um pouco, apertei-lhe a mão, cheguei em casa e disse, meu filho, parece... ele foi pra um Sílvio, Dr. Sílvio, que eu acho que é da Fundação, sobrenome, não conheço. Depois voltou pro... Rostan.

NB – Mas como é que foi essa briga do... com Júlio... quer dizer, o senhor disse, que não foi muito bem... Briga, não. O senhor não foi muito bem recebido?

AB – Não foi bem uma briga, não!

NB – Mas foi nesse momento, que o senhor foi encontrar com Júlio Muniz?

AB – Fui pedir, antes.

NB – Ah, antes de falar com Oswaldo Cruz?

AB – Amigavelmente... Antes.

NB – Ah, agora que eu entendi. Depois, é que o senhor veio ao Oswaldo?

AB – É, eu não dei detalhe. Eu fui no Humaitá.

NB – Atrás do Júlio Muniz.

AB – Júlio Muniz! Bati palma...

NB – Ele mora lá? Morava lá?

AB – Morava. Na, na, embaixador Morgan, o número eu não me lembro, é 60 e pouco, 80 e pouco...

NB – Rua bonita, né?

AB – Me fez subir, qual é o assunto? O assunto é... Dr. Muniz, nós estamos dois maduros. Vai o senhor agora... meu filho. Ah, mas ele me desrespeita! Com aquela, aquela... Ficam lá de deboche comigo. Era... Não me lembro o nome dela, tão boazinha, a menina. Muito alegre!

NB – O Muniz, era mais moço que o senhor ... ele era mais moço que o senhor?

AB – Dois anos mais velho.

NB – Mais velho que o senhor?

AB – Dois ou três anos mais velho.

NB – Sei!

AB – E ele ouvindo aquelas minhas ponderações. Não! Não! Tem que ser, tem que... Mas Dr. Muniz, é meu filho! Quem está pedindo é um pai! Vamos dar isso por acabado. Solta o menino! Porque filho é sempre menino. Solta o menino! Não! Não! Ou ele dá o fora do Instituto. E no fim, eu tanto insisti, que no fim ele me disse o seguinte: Se o assunto é só esse, tá tudo encerrado. Como que me despedindo. Eu fui até de jaleco de laboratório, que eu trabalhava na Capitão Salomão, lá em Botafogo, com o Sérgio Franco. Eu saí à tarde, do laboratório, e fui. Fui até a pé! Pra... Pra... É logo no Humaitá.

RG – É bem pertinho!

NB – É, perto dali. Eu morei ali perto.

AB – “Então, não tem solução, não é Dr. Muniz?”, “Não, o assunto, tá encerrado. Lamento!”, então foi que eu vim...

NB – Em Oswaldo Cruz.

RG – Mas aqui, aproveitando...

AB – Tinham apostas aí, de colegas, que eu não cito o nome. Apostas...

RG – Se o senhor ia ou não ia conseguir?

AB – Que ele... Não, não comigo, mas entre colegas com filho, que apostaram aí, diferença de dinheiro, não sei quanto por quanto, que ele não saía! Ele saiu! Então, todo mundo quis saber porque, que ele...

NB – Como é que ele tinha saído?

AB – Foi Oswaldo Cruz Filho.

RG – Pois é, eu queria aproveitar, que o senhor tá contando essas histórias... E...

AB – Conta a sua também!

RG – Queria aproveitar pra pedir para o senhor contar como é que foi a formação do seu filho, não é? Do Attílio, aqui dentro? Porque ele nos contou um dia...

AB – Bom, o Attílio... o Attílio... É interessante, é interessante, o que é o mundo. Meu filho, está colocado na fundação iniciando pela mão de Júlio Muniz. Este favor, eu devo a Júlio Muniz. Foi que colocou meu filho na cidade das meninas.

RG – Que cidade das meninas?

AB – A cidade das meninas... Existe a Fundação Abrigo Cristo Redentor. No tempo, do Mário Pinotti, que foi ministro da Saúde. Eles criaram, a Cidade das Meninas aqui na Rio-Petrópolis. Um casinhas muito bonitinhas, eles tinham abrigo Getúlio Vargas aqui, de meninos. E as meninas desamparadas iam para esta fazenda chamada, a chamada, Cidade das Meninas. E ficou com este nome até hoje. Posteriormente, Mário Pinotti, fez daquilo um Instituto de Malária. E o Júlio Muniz, comandava um laboratório lá. Comandava aqui e comandava lá. E eu insistia com Júlio Muniz, digo: “Dr. Muniz, eu tenho um filho que tá ficando mocinho. O senhor podia colocá-lo... Não! Não! Mas tanto eu insisti, que um belo dia; tá bem! Manda o garoto lá. E pôs o meu filho lá...

RG – Como estagiário?

AB – Não, como laboratorista! Pôs como laboratorista.

RG – Mas ele já tinha qual formação? O Attílio Filho, nessa época, estudava o quê?

AB – Ele estava, ele estava, ele estava... com ginásio! Não sei em que ano, não sei se tinha terminado. Era meninote. Foi pra lá. Então o Rostan era assistente, ele, ele e mais uns

laboratoristas e tal. Depois foi havendo mudança lá, então tinha um tal de doutor Rachou, Mário Pinotti afastou-se e Rachou ficou chefiando aquilo.

RG – O Mário Pinotti era daqui? Originalmente.

AB – Mário Pinotti era do estãõ do Rio, depois chegou a ministro, chegou a diretor de, de, de, de saúde pública.

NB – Mas ele não era pesquisador do Instituto?

AB – De Manguinhos não...

NB – Não, nunca foi...

AB – De Manguinhos, não. Bom, então houve uma reforma lá, de títulos, etc. E eles passaram pra parasitologista; os laboratoristas, alunos, passaram para parasitologistas. E eu fui ao Rachou nesse tempo, eu era bem relacionado por intermédio de Júlio Muniz, eu era bem relacionado com Rachou. E pedi ao Rachou um lugar de, de... para, para o meu filho e o Rachou me disse: “Eu só dou a estudante! Parasitologia eu só dou para estudante. Teu filho estuda?”. Ele estava fazendo o científico, agora que eu me lembro, ele estava fazendo o científico!

RG – Ele foi trabalhar e continuou estudando ou ele interrompeu?

AB – Isto, continuou estudando muito, não interrompeu. Bom, então ele ficou como parasitologista. Já passou a ganhar mais do que eu! O garoto passou a ganhar mais do que eu. Aí veio para o Instituto, veio para o Instituto aqui foi evoluindo, estudando e tal, hoje ele está bem! Hoje...

RG – Ele fez faculdade, ele chegou a fazer faculdade?

AB – Não, não chegou. Fez, fez biologia. Então, o quê que acontece, que ele ganha, ele ganha quatro vezes mais do que eu. ele! Eu tive uma vida de laboratório muito mais intensa do que ele. Mas a estrela de cada um! Que eu tivesse muitos filhos, todos eles bem.

RG – Claro, a gente quer o melhor pros filhos né?

AB – É claro, é claro.

NB – Você falar dos filhos.

RG – É, mas a...

AB – É, tô falando do filho lá da... da cidade das meninas.

RG – Eu tô perguntando, como é que foi a formação...



AB – E de lá, ela veio e queria, e de lá ele veio com Rostan, com Júlio Muniz...

RG – Ele está com o doutor Rostan até hoje?

AB – Está com o doutor Rostan até hoje?

RG – Mas ele tem um salário de nível de pesquisador né?

AB – É, é parece que é o título dele. Ele é muito retraído. Eu não sei quanto ele ganha; sei, por cima.

RG – Mais ou menos.

AB – Mas ele diz, não disse se sobrou dinheiro, se tem dinheiro, se guardou dinheiro; é moço! Conseguiu formar as duas filhas.

RG – Ele disse, que já está quase se aposentando!

AB – Tem... Ele tem três... Tá quase pois... quer ir embora. Eu digo, não faça isso, meu filho! Fica lá. Você...

RG – Ele é tão novinho, né?

AB – Você saindo...

NB – Quantos anos ele tem, seu Attílio?

AB – Hem?

NB – Quantos anos ele tem?

AB – 53...

NB – Ah! Mas ele é muito moço.

AB – Ou 54.

NB – Ele tá muito bem conservado.

AB – Tá, tá...

NB – E também é muito jovem assim pra parar de trabalhar, né?

AB – É, mas parece que quem, quem enerva ele é o Rostan. O Rostan é meio maníaco.

NB – O senhor conheceu ele, o senhor trabalhou com ele assim, não?

AB – O Rostan! Trabalhei, trabalhei uma temporada lá com Júlio Muniz, o Rostan... Mas eu não tenho respeito nenhum, nenhum ao Rostan, nenhum! Quero bem ao Rostan, mas eu e Rostan, a nossa palestra é...

RG – É de igual para igual.

AB – É de igual para igual; agora mesmo tava dizendo: “É Atílio tô tão sozinho!” Tá sozinho, compra uma bíblia! “... quero uma companheira!” Companheira Rostan? Pára com isso, Rostan.

NB – O senhor quer dizer, que o senhor não tem respeito pelo... Dr. Rostan? Por quê? Ah, não entendi direito, assim, quer dizer...

AB – Não. Esse respeito que eu estou falando é... não é... maltratá-lo. É... não tem cerimônia.

NB – Ah, sei!

AB – É cerimônia talvez o termo empregado.

RG – É, é, melhor. Não tem uma relação hierárquica. Né, mais ou menos...

AB – É, quando estive aqui, o meu filho levou pra lá, é, de manhã, antes. “Sozinho, agora... eu fiquei sem companheira, a companheira morreu...” Meu filho fica rindo lá no canto. Ô Rostan compra uma bíblia, vai ler a bíblia! Você não tem empregada em casa? (*risos*) Ora, ora, você ainda vai arranjar mulher pra te tomar o dinheiro. Ele disse... (*risos*)

NB – Mas o senhor trabalhou com ele em que época, quando... quando foi?

AB – Quando eles vieram da cidade das Meninas, que o Júlio Muniz trouxe pra cá, pra dentro de Manguinhos. Não era Fundação ainda, o, o Rocha Lagoa ainda não tinha... O Rocha Lagoa foi quem criou isso como Fundação; que uns elogiam, outros malham...

NB – O senhor chegou a conhecer o Rocha Lagoa?

AB – O Rocha não queria que eu me aposentasse.

NB – É mesmo! O senhor é amigo do Rocha Lagoa?

AB – Ati... pois ele, ele chegou a ir tirar sangue lá no laboratório com a gente, no Sérgio Franco. Ele onde me vê, me conhece; perfeitamente!

NB – Ele era um bom pesquisador?

AB – É... eu não tinha contrato assim; ele era encostado no Rocha Lagoa, no... no Castro Miranda. Mas...

NB – Que área era a dele?

AB – O bom pesquisador a gente vê pelos trabalhos; Memórias do Instituto Oswaldo Cruz.

NB – Mas qual era a área dele? O senhor lembra do Castro Miranda?

AB – Não me lembro muito não. O Castro era meio de vacinas, compreende; culturas, vacinas, (vacinas anti-estafilocólicas), vacinas anti-tífica; preparo dessas coisas. E o Rocha estava ali por perto.

NB – Ficava com ele...

AB – Mas ele não queria que eu me aposentasse lá. Eu vou embora que estou morrendo de fome aqui dentro! “Não vá Attílio, não vá! Por favor não vá.” Quer dizer, se eu fico na Fundação, eu tava mandando aqui!

NB – Pois é, mas como é que vem essa amizade do senhor com o Rocha Lagoa? De onde vem isso, se o senhor não trabalhou com ele assim!

AB – Que eles passavam por mim e... gostavam da minha cara. Eu não sei se eu era feio, se eu era bonito! (*risos*) Sei que... “Como vai, como vai? Bem! E o senhor, vai indo bem e tal.”

NB – Sempre lhe tratou muito bem?

AB – É. E assim eu era bem relacionado, cumprimentava todo mundo.

NB – E os seus outros filhos que...

AB – Só tenho um!... Só tenho dois! Tenho a... a Neuza, que é a mais velha. E o Attílio Filho, que é o mais novo. Diferença de um ano e pouco um do outro.

RG – Neuza...

AB – E cinco netos, cinco netos, dois da Neuza, três do filho. E uma bisneta, que me fez chorar.

RG – Deve ser uma gracinha!

AB – Eu estava em Itacuruçá e a minha mulher ligou pra cá, para saber como estava a casa. E minha filha disse: “Mamãe, tá tudo bem! A Cristiana é que fica na porta da sua cozinha batendo”. Ela tem um ano e pouquinho. Meus olhos encheram d’água, porque... ela pequenina, um aninho e pouco...

RG – É, isso é muito emocionante...

AB – É minha distração.

RG – Mas olha aqui, seu Attílio, o... a Neuza não estudou, enfim, uma moça casou, essas coisas?

AB – A Neuza, a Neuza... Tentou medicina. Tentou o primeiro vestibular, não passou, não tentou mais.

RG – Desistiu, né?

AB – Dona de casa, vive aí pelo subúrbio, faz sua comidinha, cuida dos filhos.

NB – Seu Attílio...

RG – Só pra acabar esse assunto aqui, da família: mas o Attílio Filho disse que tem uma filha que queria... que é bióloga, não é?

AB – É, é.

RG – Que queria entrar pra Fundação, que ele tem uma...

AB – É mais e... A Lúcia... É Carmen Lúcia, é casada.

NB – É a sua neta?

AB – Os filhos do Lilo, que eu chamo Lilo pra não chamar Attílio. Todos três são muito inteligentes. A Ana Cristina, a mãe desta bisnetinha, a Carmem Lúcia, que ainda não tem filhos. É seu tipo assim, longilínea, esguia. Ainda ontem, foi aniversário da mãe e ela trouxe um presentinho pra mãe, veio comer lá, pedacinho de pizza. E um que está fazendo engenharia, que é o caçula dele, que eu dou, não é por ser meu neto, mas eu dou para Nilo Cezar Pinto Borriello, eu dou uma inteligência excepcional, é um garoto formidável, mas também, fechadinho. Não diz o que faz, não diz... eu sei que tem uns caiaques, de fabrico dele, tem... Trabalha em uma fábrica de...

RG – Caiaques...

AB – Caiaques!

NB – Ele trabalha numa fábrica de caiaques.

AB – Eles expuseram lá no Rio Sul, que eles foram lá ver aquilo; e o deles tava em primeiro lugar. Pintura, acabamento. Agora ele está com aquelas... É mais ou menos isso, esse modelo, dessa mesa, aquelas pranchas. O acabamento que ele dá, encosta um americano... ninguém diz. Ótimo desenhista, ótimo projetista.

RG – Enfim, o senhor vê, um grande futuro pra esse jovem, não é? Jovem neto!

AB – Pra ele principalmente.

RG – Mas e a moça? Carmem Lúcia, como é o nome dela?

AB – Hem?

RG – Carmem Lúcia.

AB – Neuza.

RG – Não, não... a moça, Carmem Lúcia! A que queria entrar para...

AB – Carmem Lúcia; Carmem Lúcia! É idêntica ao, ao... ao Nilo Cezar. Autoritária! Não é autoritária malcriada, é um tipo de uma autoritária oportunista; num modo de pedir as coisas: vovô faz isto, faz isto. Vovô estou precisando de um negócio assim, assim, assim...

RG – Sabe o que quer, né?

AB – Sabe o que quer. Não pensa muito não é... Então sabe comandar. Ela sabe comandar que eu, eu brinco com o Alcides, o Cid, marido desse, tá aguentando um bocado de tempo com a minha neta.

NB – Ah, é o marido dela?

AB – É o marido dela, é, é...

RG – Mas é ela que é bióloga?

AB – É.

NB – E ela queria vir trabalhar aqui no Instituto?

AB – A outra é Letras.

NB – Ah, a outra faz Letras?

AB – É.

NB – Mas ela queria vir trabalhar no Instituto?

AB – Ela queria, mas eu disse: minha filha isso não pode ser assim porque, você fez carreira como, como secretária bilíngue, fala inglês e aquela coisa, você evoluiu, então você não pode trabalhar de graça, você tem a casa para manter. E eu estou vendo que as estagiárias aí, estão estagiando e esperando o quê?

NB – Sem dinheiro. Sem dinheiro.

AB – Pra no fim a política muda porque é, a Fundação não é o Carlos Chagas, que era até morrer; não era Fontes, que era até morrer; não era Aragão, que era até morrer; pode mudar! Se é cargo político, muda!

NB – O senhor sabe que os estagiários não recebem!

AB – Então você pode estar muito bem hoje minha filha, e amanhã ou depois pode ser demitida.

NB – Mas tem estagiários que não estão recebendo, não! Nem...

AB – Mas não tem... Mas não tem esse problema?

NB – Tem! E isso que o senhor está dizendo, também tem!

AB – Não estou falando certo?

NB – É, é verdade.

AB – Agora se desse um lugar nomeado...

RG – É, mas está impossível atualmente...

AB – Então aí teria CLT pra pôr na rua, tinha, tinha indenização, tinha... Mas o dedo dele diz: “Olha, amanhã não vem mais!” E o indivíduo não vem mais; a não ser que, que pegue um indivíduo com mais de 35 anos, que se for posto fora, tem aposentadoria! Pode se aposentar integral, né? Mas hoje em dia a gente entre 6, 8 meses, 1 ano, vai fora.

NB – O que é bem diferente da sua época, né?

AB – Ah, entrava aqui morria, morria.

NB – E me diz uma coisa, a gente estava falando sobre os seus outros trabalhos... E aí o senhor tava... eu ia lhe perguntar, como é que era a... O senhor não tinha ponto não?

AB – Hem?

NB – Não tinha que bater ponto não? Como é que o senhor saía?

AB – Ah, eu vou falar... eu vou falar sobre o ponto.

NB – Que o senhor saía pra trabalhar fora, né? Como é que ficava?

AB – Mas cumpria horário.

NB – Como é que era isso?

AB – Cumpria horário. Eu quando comecei a trabalhar fora, já tinha DASP, tinha ponto.

NB – Hum, pois é!

AB – Aí já tinha ponto. Agora, quando eu era solteiro não tinha ponto, nem pra mim, nem para os que tinham família fora, porque os que tinham família se precisava ficar até escurecer aqui, ficava à noite; dependia do chefe de laboratório. Manguinhos morreu com o relógio de ponto, eu atribuo isto.

NB – Mudou a relação, né?

AB – Quando... quando começou a exigir horário de entrada, que puseram um oficial administrativo aqui, disseram: “Na entrada é até 9 horas, passou 5 minutos é descontado”. Então, quando chegava dez pras quatro, que o laboratorista ia pro lavatório se lavar pra ir embora, dizia o médico: “Ah, mas... um... tem um bicho morrendo, precisa tirar sangue pra, pra passar pra outro porque... diz não! Eu penso assim que o que matou isto aqui foi o ponto.

NB – O senhor lembra quando foi?

AB – Foi depois que o Luís Simões Lopes, tá vivo ainda, com 80 e tantos anos.

NB – Eu trabalhei lá, na Fundação Getúlio Vargas.

AB – Trabalhei lá em Botafogo.

NB – Trabalhei. Isso, o DASP foi criado em 38, 39, alguma coisa assim...

AB – Tá gravando, não está?

NB – Tá sim, está gravando.

AB – Eu depois vou contar dos figurões de Getúlio Vargas. Simões Lopes, o pai dele, o senador... Não sei se já...

NB – Era... Como é que se chamava o pai dele, era Afonso?

AB – Era, era... O primeiro nome não sei. Era, era... Até houve um tipo aí na câmara, dado pelo Simões Lopes. Diziam até...

NB – Tiro? Tiro?

AB – É. Dado pelo pai, pelo pai deste!

NB – É!... Hum!

AB – Até diziam que, o Luís Simões Lopes, parecia muito comigo, quando eu era moço.

NB – Sabe que é parecido mesmo!

AB – É?

NB – O senhor é mais bonito!

AB – Muito obrigado.

(risos)

AB – E a menina é gentil demais! Porque ele, era bonito! Ele, é que era uma figura boni...

RG – Ah, é? Ele era bonito?

AB – Era, era.

RG – Então o senhor era mais, vai ver, porque a gente só conheceu o senhor agora.

AB – Mas, mocinho, ele, o Sarmanho, irmão da...

NB – Darci...

AB – ... da Darci, o Mendonça Lima, Ministro da Aviação, o Beschán, que era padrinho, que era afilhado do pai do Aragão... José Sarmiento Barata, que eu não sei se é vivo ou já morreu. Eu trabalhava num laboratório de análises clínicas, na Rua da Assembleia, onde essa gente do Ministério, de Getúlio Vargas, vinha bater papo, papinho, hem! Todo dia, todo dia, todo dia estavam pelo Centro... tá, muito obrigado! Agora sim! Agora eu... mas olha como eu tremo, ó! E Getúlio, vivia lá.

NB – É por isso que o senhor conheceu essas pessoas?

AB – Conheci! Todos eles!

NB – Inclusive o Luís Simões Lopes.

AB – E davam liberdade, lá sim, eles davam liberdade, contavam anedota, não é?

NB – E lá o senhor conheceu...

AB – Porque eles atrapalhavam o serviço! Mas eles sentavam até em cima de mesa! Não se podia dizer nada, eram figurões, todos! Figurões de política. Eu estou trabalhando! Quer dar licença, sai daí; precisava o banho-maria, precisava isso, precisava aquilo...

RG – Por que eles iam lá? Hem? Eu acho que eu...

AB – Conversar! Porque eles iam pra o centro, compreende? E iam conversar no laboratório. O laboratório era do Sarmiento Barata, um riograndense de Porto Alegre; o pai era industrial!



NB – Era ponto de encontro, né?

AB – Era ponto de encontro, e eu estou ali no meio.

RG – E aí o Senhor ouviu muitas conversas interessantes?

AB – Ah muito, muita política, muita política. Tem coisas que eu não posso nem contar. O Chagas Filho...

NB – Tá gravando seu Attílio.

AB – O Chagas Filho por intermédio do Chico, que eu não sei se é Souza, não sei... pra mim é Trombone.

NB – Todo mundo conhece ele como Chico Trombone.

AB – E o Francisco Trombone, mandou-me um recado que gostaria de almoçar com os veteranos.

#### **Fita 4 - Lado B**

NB – Pronto, seu Attílio.

AB – Fui eu, Francisco, Ambleto, Cunha, Venancinho... Não sei se tinha mais, mais um.

RG – Mas quando foi esse almoço, com o Chagas Filho?

AB – Tem poucos meses.

RG – Ah é?

AB – É.

NB – Mas vamos fazer o seguinte...

AB – Não sei se foi no princípio do ano ou se foi no fim de ano.

RG – E qual foi a ideia do almoço? Foi só para bater um papo, para encontrar ou ele queria alguma coisa?

AB – Foi matar as saudades porque eram veteranos, todos trabalhavam com o pai dele na direção.

RG – E vocês ficaram...

AB – Este amor, ele pelo pai, ele, então ele quis ver os...

NB – As pessoas que trabalharam com o pai.

RG – E vocês...

AB – Os velhos, compreende?

RG – Os veteranos.

AB – Então pagou lá o almoço, até lesamos ele, que ele gastou lá... comemos, comemos lá...

NB – (*risos*) Mas a gente tá com a... com essa... Vamos fazer uma... Vamos lançar essa ideia que o senhor deu aí, a gente fazer uma mesa redonda, a gente pode até tirar uma foto deles todos.

AB – O Ambleto até contou uma particularidade sobre, perguntou: “Eu posso contar?”, “Conta, conta”, então contou sobre, sobre o fabrico de, de ampolas, que eu não posso, não posso dizer um, um... em entrevista gravada, porque fere a honorabilidade do, do Gomes, fere a moral do Gomes. Então, não quero contar gravando.

RG – Que Gomes? Qual Gomes?

AB – O Gomes era o nosso zelador.

NB – Ah, o zelador!

RG – E porquê que isso fere a moral do Gomes?

AB – Mas ele contou, ele contou, o Ambleto, contou ao Chagas Filho, que o Chagas Filho desconhecia, o negócio de ampolas de Manguinhos. Porque que eles deixavam de fabricar ampolas, e o Ambleto que era ampoleiro, foi ao Chagas, tomou coragem, foi ao Chagas e contou o motivo ao Chagas. E o Chagas tomou as providências, fato que o filho não sabia e o Ambleto contou.

NB – Porque tinham deixado de fabricar ampolas?

AB – Compreende.

RG – Então foi um encontro muito, muito bonito?

AB – Ah, cordial! Foi, foi, foi um encontro cordial.

RG – Mas olha aqui, seu Atílio, vocês... Fazia muito tempo que vocês não se encontravam, esse grupo?

AB – De Chagas?

RG – Esse grupo que almoço, esse dia com Chagas...

NB – Os auxiliares.

AB – De vez em quando, eu vejo. Ah, nós lá?

RG – É.

AB – O Venancinho eu já não via há muito tempo. O Francisco, não. O Francisco tinha poucos anos, porque Francisco é, talvez, o indivíduo mais relacionado que eu conheço.

RG – Ah, é? (*risos*)

AB – Francisco trabalha em vários lugares. E é um indivíduo que não diz não a ninguém, eu já contei isso aqui. Se ele promete cem favores a cem pessoas, 10 ou 20% ele cumpre, 80 ele num... é impossível, compreende?

RG – É.

AB – Mas é bom, é bom indivíduo. E eu fui encaminhado pra... para a clínica de olhos, na Alameda Boaventura, em Niterói, pelo Francisco. Lá eu operei um olho e o outro eu operei aqui. Fui muito bem recebido, muito bem recomendado pelo Francisco. Francisco trabalha em Niterói, na Faculdade de Medicina, trabalha, parece, em Teresópolis ou Petrópolis, trabalha em vários lugares.

RG – Ele... Ele trabalhava com o doutor Moussatché, né? Ele é da fisiologia, ele era auxiliar de fisiologia...

AB – Era Moussatché, Miguel Osório de Almeida.

RG – Mário Vianna Dias?

AB – Mário Vianna Dias, que foi professor na Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha.

RG – O senhor conheceu também o Mário?

AB – Muito! Eu o encontrei lá, porque...

NB – O seu irmão não trabalhava lá.

AB – Quem?

NB – O seu irmão.

AB – O José Borriello trabalhava com o Olympio da Fonseca na parasitologia.

NB – Na Faculdade? Na Faculdade?

AB – Na Faculdade, na Faculdade. E eu fui trabalhar com um... na biofísica, na Praia Vermelha, porque Gilberto de Freitas, que andou estagiando aqui, parece que está em Brasília, trabalhava conosco na seção de protozoologia. E precisava defender tese em Niterói, que ele candidatou-se a professor de parasitologia, na Faculdade de Medicina de Niterói. E precisava alguém que cultivasse *Schizotrypanum cruzi* em quantidade, massa, que ele precisava defender tese, mas ele precisava de uma quantidade imensa. Então, ele montou um laboratório, na Praia Vermelha e eu... fui trabalhar com ele, na Praia Vermelha. Depois... o Gilberto é meio, meio tantã... Defendeu tese, foi aprovado, professorado etc. E deixou de aparecer... na Praia Vermelha. E eu fiquei recebendo um cachezinho de 3, 3 mil cruzeiros por mês. Tomava o meu chazinho lá numa copeira etc. e ficava até à noitinha. Mas como Gilberto não aparecia, não me dava mais serviço, um dia, eu falei com Chagas, Chagas Filho: “Dr. Chagas, Gilberto agora é professor em Niterói, não precisa mais de mim, então eu vou deixar de aparecer”. Então ele me disse: “Então está bem, nós tamos pra mudar para...”

RG – Fundão.

AB – Para o Fundão e “você fica sabendo do seguinte, se algum dia na vida não se der bem, me procure.” Muito obrigado, apertamos a mão e só vim encontrá-lo agora, 20 anos depois.

NB – Mas a gente... o senhor falou agora, do trabalho de novo fora daqui, a gente tava falando sobre isso e a questão do ponto, como é que ficava? O senhor parava de trabalhar aqui às 4 horas e aí ia para o outro trabalho?

AB – Ia para outro trabalho. Na guerra, na guerra, nesta última guerra, nós ficamos com crise de combustível, transporte e etc. então a opção era a Leopoldina, o trem. Se não me engano era diretor, Henrique Aragão. Era, porque foi ele que me deu a resposta. Olha que eu me dava muito bem com ele, ele se... mas ele foi muito severo. Realmente isto tinha caído muito no tempo do Fontes e precisava, ele tinha razão de ser severo. E o trem na Leopoldina, falta de carvão obrigou a Leopoldina a colocar trem de hora em hora, 3, 3 e pouco, 3 e pouco, 4 e pouco, 5 e pouco. E tinha um trem às 3 e 40 ou 3 e 45, poucos minutos par 4 horas, a saída aqui era 4 horas, tinha ponto. E eu, devido a bondade de Aragão para comigo, tomei a liberdade de ir a ele. Eu trabalhava na rua da Assembleia, neste laboratório do Sarmento Barata. Era Francisco Bruno Lobo, também era dono, que ainda até hoje, parece que é professor de histologia aí no Fundão? “Doutor Aragão, vim a lhe pedir um favor; o senhor podia me conceder uns 10 ou 15 minutos, todo dia, para que eu apanhasse o 340 ou 345 ou 350, que é para chegar na Cidade que eu tomava o bonde, em Barão de Mauá e ia até a rua da Assembleia. E ele ficou me olhando e respondeu-me assim: “Vou pedir à Leopoldina pra por trem para o senhor.” Eu fiquei olhando para ele, muito obrigado. Porque, eu perdendo o 340, eu ia 440 e ia chegar quase à noitinha lá, tinha que trabalhar duas, três horas, ia chegar quase à meia-noite em casa. Um funcionário da minha marca porque eu sou vaidoso nesse ponto. Porque vaidoso, não é, é uma vaidade real. Eu fazia tudo pra ser bom e pra me destacar, então, eu me senti no direito de pedir. E ele negou.

NB – E o senhor falou, que o Instituto tinha caído, né? Com a administração do Cardoso Fontes e que o Aragão então tentou...

AB – Ah, bom! Ele, ele deu, ele deu ao Instituto, a mesma severidade que Oswaldo Cruz deu.

NB – Por exemplo: além dessa, de cobrar o horário das pessoas.

AB – Por exemplo, por exemplo, eu tenho uma que... tinha um funcionário que trabalhava no Hospital Evandro Chagas, que ele pedia muitas plantas, porque ele tinha mania de parque, esta arborização toda é de Aragão.

NB – Antes, o senhor falava que não era assim, né?

AB – Hem?

NB – Antes não era assim, o senhor tinha falado, não é?

AB – Não, não, tinha umas árvores antigas aí, do tempo de... da fundação do prédio, mas era... e tudo que tem aí, este parque é todo de Aragão. E tinha um funcionário que dava muitas árvores, ele mesmo pedia. E um dia, o funcionário disse assim: “Dr. Aragão, o senhor podia me arranjar um pouco de estrume.” Porque tinha as cavalariças, tinha muito, tinha montanhas de estrume de bois, cavalos. E ele disse: “Não, não posso. Isso pertence ao Instituto Oswaldo Cruz e aqui não se pode dar nada.” No outro dia, no carro dele, que era o Jacinto, tinham vários sacos de estrume ensacadinhos, que ele comprou na cidade e mandou lá, o funcionário. Isso é um exemplo da...

RG – Ele era muito correto?

AB – Correto, em excesso.

RG – É.

NB – Nessa época, o senhor estava trabalhando aonde? O senhor já tinha... tinha voltado à protozoologia, depois que o Chagas morreu, não é, lá por 34? E aí o senhor voltou? Nessa época, o senhor tava aonde?

AB – Ficamos um pouco aqui.

NB – Na protozoologia.

AB – Ficamos aqui ainda.

NB – Sim!

AB – Depois, na direção do Olympio da Fonseca, Aragão saiu, entrou Olympio da Fonseca, se não me engano.

NB – É, é isso.

AB – Foi aquela coisa, que eu não quero repetir, que enfeitou isto aqui e tal.

NB – De mulheres?

AB – É. Então, Olympio conseguiu verba e fez aquele Pavilhão lá embaixo, que tá caindo aos pedaços, que na época quando, quando a empresa entregou o Instituto, já era um nojo. Canos entupidos, rede de esgoto, todo mundo estranhou que não houve fiscalização.

RG – Foi mal feito?

NB – Qual é esse prédio, que o senhor tá falando?

AB – Aquela biologia, pegado ao campo de futebol aqui, um prédio baixinho.

NB – Onde o senhor fez trabalhos?

AB – Onde está meu filho hoje.

NB – Sei! No prédio da biologia.

AB – E onde Olympio ficou até os últimos dias dele.

NB – Ah, ele trabalhava lá?

AB – E o Júlio Muniz também.

NB – Sei!

AB – O doutor [Rudolph] Barth, o Geth Jansen... Oliveira Castro, todos nós fomos acabar lá.

RG – Vocês foram pra lá.

NB – Quando foi que o senhor mudou pra lá? O senhor tá lembrando? Foi com o Olympio, então?

AB – Quando, eu não sei.

NB – Foi com o Olympio ou foi antes da direção do Olympio?

AB – Não, foi na direção do Olympio. Foi na direção do Olympio porque Olympio foi que recebeu esse prédio, ele já era diretor.

RG – Quer dizer, que o senhor ficou trabalhando com Júlio Muniz até se aposentar, aqui? O senhor ficou, o senhor ficou nesse, nesse...

AB – É até me aposentar.

NB – O senhor ficou na protozoologia, então?

AB – Na protozoologia.

NB – Chamava-se protozoologia ainda?

AB – Seção de protozoologia, até o final. Um pouco relaxado, no final, porque eu tive umas mágoas, embora... embora... eu era útil. Eu ainda cuidava dos meus repiques de cultura e meio de cultura, mas podendo fugir, eu fugia. Saía me... Olha, já tinha a Brasil, então, eu descia ali, tomava o meu ônibus e ia embora.

RG – Ali atrás da avenida Brasil.

AB – E tinha um preposto que... que batia meu cartão.

RG – Por que o senhor naquela vez...

AB – Um baiano muito camarada.

RG – Quando o Aragão lhe negou, não é? Sair 10, 15 minutos mais cedo, o senhor deve ter ficado muito revoltado, não é? Isso é uma coisa que deixa a pessoa muito...

AB – Mas eu não... eu não... eu acho que ninguém sabe disso, porque eu não comentava.

RG – Era uma coisa íntima!

AB – Ah, no íntimo, eu ficava. Eu tive uma... eu tive umas com o Olympio da Fonseca, eu tive umas... umas esperas porque o segredo é saber esperar. E eu, rebatia com luva. Eu contei aqui dois casos, que ele morreu, lá em cima, ele deve estar dizendo: “Aquele Borriello deve ser tremendo. Tremendo!”

NB – Como é a história, aquela, aquela da Facul... dos bichos?

AB – Dos bichos e... dos bichos, ele mandava buscar e eu, mandei um bilhete pra ele passar o visto. O empregado, Américo, até hoje não sabe, porque ele disse: “Me dá isto aqui!” e rasgou e disse: “Vai-te embora, pra Praia Vermelha! Vai-te embora, pra Faculdade!” Nem foi bicho e nem o Américo ficou sabendo de mim, o porquê. Sei lá!

NB – O senhor quer contar de novo, essa história, já que o senhor começou.

AB – Eu vou contar, eu vou contar...

NB – Pode contar, então, agora.

AB – Não, eu vou contar, porque eu usei de modéstia à parte, eu usei de inteligência. Nós, agora eu já não vou falar do Cunha, porque o Cunha foi um companheiro, um laboratorista à minha altura. Foi um indivíduo inteligente, capaz, trabalhador, esperto, hoje é meu compadre, meu amigo, mas nós mantínhamos além duma série grande de micróbios em culturas, uma

série de animais inoculados com várias coisas. Tripanossomas de várias espécies, espiroquetas, uma série de coisas que quando alguém precisava pra aula ou outros Institutos em intercâmbio, a gente fornecia. E quando queria pesquisar tinha os bichinhos em dia. A Faculdade de Medicina, onde Olympio era professor com seus assistentes, também tinha vários desses animais. E um dia aqui na subida dessa escada, eu, parece que estou vendo o Olympio pequenino, eu subindo e ele, descendo. “Borriello, boa tarde.” Boa tarde, professor. Ele gostava que chamasse... boa tarde, professor. “Você me dá uma amostra, dá um tripanossoma equino, assim, assim”, era uma amostra, se não me engano, do Norte. Eu dizia: “Doutor, essa amostra, está problemática porque nós injetamos”, nós injetávamos depois cortava a orelha e ia examinar se tinha no sangue circulante, tendo, tirava o sangue dele, passava prum outro animal, pra manter sempre o bicho bom. “Ele está meio problemático, porque não apareceu no sangue, não sei se perdemos a amostra”. Já pelo tempo, estava desconfiado. “Ah, mas não pode, Euclides”. O jeitinho dele: “Não pode, Euclides, você não pode perder isto. Não pode. Nós, lá na Faculdade, somos um número muito menor, não temos a mesma capacidade, não temos a mesma capacidade, e nunca perdemos amostra nenhuma”. Bom doutor a morte chega um dia, eu meio... (*risos*) A morte chega um dia. É, não se justifica. Que, que a gente vai fazer. Até logo! Até logo! Meses depois, não demorou muito...

RG – O senhor não se intimidava?

NB – Ele era diretor, ainda não?

AB – Hem?

NB – Já era diretor?

AB – Era diretor! Era di-re-tor! Meses depois, me aparece o Américo com uma cartinha.

NB – Américo, era quem?

AB – Era o laboratorista dele.

NB – Na Faculdade?

AB – Na Faculdade.

NB – Sei!

AB – O meu irmão era o conservador da cadeira e o Américo e mais uns dois lá, eram os laboratoristas.

NB – O seu irmão e o Américo, trabalhavam com ele?

AB – Trabalhavam. Então me chega uma cartinha do doutor Amílcar, o sobrenome eu, eu não me lembro. Era um assistente médico...

NB – Viana, não é Viana?



AB – Não sei, o sobrenome era, era um moreninho, muito bonitinho!

RG – Não é um que foi diretor aqui depois não, né?

AB – Não, não, não... Uma cartinha. Gostava de mim, os assistentes dele gostavam... Prezado Borriello e tal, a coisa aqui anda ruim e nós perdemos isso, perdemos aquilo. E agora, o Américo, sem que ele percebesse, ele desconhecia, me fez o favor, leva isso pro nosso diretor, dá um visto, porque é norma agora aqui. Então ele tomou o elevador, foi no segundo andar ali onde eu trabalhei com Chagas, ali era a diretoria. Desceu muito serviço, o que há? Professor leu, tomou da minha mão, leu, rasgou! Vai te embora! Sei lá, vai ver estava errado, morreu o assunto; mas o Olympio devia ter dito lá com ele, não é? O que ele devia, o juízo que ele devia, a ousadia, disse: mas aquele, aquele cara é um ousado tremendo, eu diretor do Instituto. Ele lembrou, lembrou na hora, passou um carão ali.

NB – Mas por quê é que tinha acontecido isso? Por que o senhor estava assim, com essa animosidade em relação ao Olympio? O senhor tinha feito alguma coisa assim...

AB – Não, não tinha nenhuma. Eu achava que o doutor Olympio seria o melhor diretor da história do Instituto, que ele, que ele tinha uma cultura científica muito grande. O indivíduo tinha corrido o mundo todo. Eu achava que o Olympio era, devia ser um administrador, porque ali não dava, então devia ser uma coisa colossal, ele era chefe.

NB – Ele era muito severo, também.

AB – Era severo, achava que, que ia ser um sucesso. Pra mim, não vi nada demais no Olympio.

RG – Foi uma decepção? O senhor esperava mais...

AB – Eu não sei, eu não sei sabe pelo que, minha filha, a gente julgar um indivíduo de nível, de cultura muito acima, uma pessoa pode dizer: mas quem é fulano para estar querendo julgar. E com razão, mas nós também temos o raciocínio, nós também temos nosso ponto de vista.

RG – É, é...

AB – Eu por exemplo defendo, o doutor Fontes, quando foi o chefe do serviço aí, substituiu o... o...

RG – O Chagas.

AB – O Chagas. Pra uns muito bem, eram cientistas, também de nome, mas eu acho que o Fontes matou o Instituto.

RG – Por que o senhor acha isto?

AB – Eu acho, porque eu acho que o Instituto morreu com o Chagas porque o doutor Fontes quando veio, pôs novo zelador, pôs novo cozinheiro, pôs novo não sei o quê, então eu senti; me tirou lá de cima! Então eu senti, que houve uma... um tipo de *vendetta*, um tipo de...

NB – Contra quê?

AB – Contra Chagas!

RG – Apesar de ele já estar morto?

AB – Porque o Chagas, o Chagas foi escolhido, acho eu, por Oswaldo Cruz. Eu não conheço a história, nem, nem nenhuma frase, mas eu acho que Oswaldo Cruz na sua, na sua agonia, devia, meu substituto deve ser Carlos Chagas.

NB – E com isso ele criou...

AB – Isto, animosidade. Isso é meu raciocínio, nunca ninguém me disse nada, nem ia dizer, porque eu não tinha uma situação de destaque, para ser ouvido, nem para ouvir. Mas eu atribuo, porque, foi escolhido; administrou isto com um amor, com um carinho... eu trabalhando com ele escutei, escutei frases com a insistência dele numa promoção de duas pessoas de cor aqui, dois serventes da limpeza, onde o... o... o Leocádio Chaves, o nosso secretário, trouxe os nomes, para que ele, porque ele é que assinava a promoção, era aqui dentro, era Carlos Chagas, com aquela letra, caligrafia feia que ele tinha, que eu devo ter até em casa os papéis de, de promoção dado por ele. E ele disse: eu estava arrumando umas revistas das... da Ligas das Nações; que Chagas fazia parte e o Leocádio entrou e disse: “Ô Chagas, tem aqui um, dois nomes de promoção”. Ele com a piteira disse: “Ô, ô Leocádio verifica bem quem é o mais antigo, porque eu não quero cometer injustiças”. Eu estou escutando, que eu estou dentro do salão, não estou tomando parte, não, eu estou na minha missão, arrumando minhas revistas e tou ouvindo o diálogo dos dois. E o Leocádio disse: “Não! Assina aqui...” “Não, não, não. Vai e verifica nos livros, quem é o mais antigo, que esta promoção é por antiguidade.” Chamava-se Luís e Balduino, o sobrenome, não sei era um crioulo, magro e esguio, outro, um baixinho. Eu continuava arrumando revista, quando Leocádio voltou e disse: “Ô Chagas, já verifiquei é Fulano.” A minha memória me trai, não sei se o promovido foi o Balduino ou se foi o Luís. Pode assinar. Tá bem! Pegou e assinou. Tempos depois eu soube que a promoção foi dada para o mais novo.

NB – Tinha sido... Mas como? A ordem do Chagas tinha então sido revogada.

AB – Hem?

NB – A ordem que o Chagas tinha dado, tinha sido revogada? Por quem?

AB – Não! O Chagas pediu ao Leocádio que verificasse qual era o mais antigo.

NB – Ele mentiu, então?

AB – Mentiu.

RG – Por quê?

AB – Hem?

NB – Por quê?

RG – Para favorecer um amigo, alguma coisa assim?

AB – Favoreceu a um candidato, naturalmente aqui, filhote de zelador ou disto ou aquilo ou daquilo outro. Porque isto aqui tinha, tipo de... uma panelinha dominante.

RG – Entre os próprios funcionários?

AB – É, não digo bem, aqui tinha uns funcionários que mandavam muito. O Leocádio Chaves, mandava muito.

RG – E era o braço direito do Chagas?

AB – Porque nem tudo, nem tudo ia direitinho par o ouvido do Carlos Chagas. E isto, e isto eu só vim a sentir, depois que eu fui pra lá. Antes eu não podia saber! Mas aqui tinha umas figuras, zeladora que mandava muito, Manoel de Souza Gomes, Valdomiro, meu conterrâneo, o tesoureiro e o secretário.

RG – O Leocádio.

AB – Esta era a trindade que quando resolvia uma coisa ninguém, ninguém quebrava. Por quê? Porque o meu querido diretor não sabia. Era como um presidente da República, não é? Quanta coisa se faz em volta? E ele vira, não se, não se admite mais ninguém. Em repartição pública, fica suspenso até num sei quando. Aquilo começa a encher, encher, encher. Não se usa mais carro oficial! E as donas, tão na feira, tão levando filho pro colégio, então... *(risos)* É a vida, não é? É a vida em todo mundo.

RG – Quando entrou o Cardoso Fontes, então ele substituiu esses cargos? Mudou completamente?

AB – Sim! Porque, porque... pela história que eu conheço, do Instituto Oswaldo Cruz, pela história... Chega, não? Vamos desligar?

RG – Não.

AB – Pelo que eu conheço da história, do Instituto Oswaldo Cruz, quando eu vim, na Direção do Chagas, quando eu vim garoto, para o Instituto na direção do Chagas. Tinha uns médicos afastados aqui, fontes, Figueiredo Vasconcelos, César Guerreiro e tinha um outro veterano aí.

NB- Afastados, que o senhor falou?

AB – Não, afastados assim. Vinham todo dia, cumprimentavam, compreende? Tiravam retrato! Mas não tinham diálogo com Chagas, porque eles não ficaram satisfeitos com a nomeação dele... de Chagas. Mas Chagas tão puro, tão correto, tão cavalheiro, tão diplomata, que nunca os hostilizou. Em coisa nenhuma. Chegou até a ser acusado aí, em artigos de imprensa, de que não tinha sido o descobridor do... da moléstia de Chagas. Ele teve que ir em conferência, provar tudo ao contrário...

RG – Essa acusação, partiu daqui de dentro?

AB – Hem?

RG – Essa acusação partiu de grupos?

AB – Um pouco de intriga, não é? Um pouco daqui, um pouco de... ah, o Aragão, também era do bloco.

NB – Dos afastados?

AB – Aragão, Figueiredo Vasconcelos, Fontes... Eram quatro!

RG – Era o grupo...?

AB – Aragão, Fontes Figueiredo Vasconcelos, Neiva não, Rocha Lima também não! Rocha Lima ficou na Alemanha, depois da morte de... de Oswaldo Cruz, que era um íntimo de Oswaldo Cruz. Trocavam correspondência!

NB – O senhor chegou a conhecer o Rocha Lima?

AB – Conheci, conheci! Casado com uma alemã bonita! Uma filha mais bonita ainda! Que ele foi pra São Paulo, e lá, fez aquele sucesso, não é?

NB – Ele, quando foi pra Alemanha, não voltou pra cá depois não, né? ele foi pra São Paulo?

AB – Não! Ele ficou lecionando em Hamburgo ou Berlim muitos anos.

NB – Muitos anos, é! Mas ele, não voltou mais pro Instituto não, né?

AB – Não. Teve aqui um estágio assim, umas visitas. Mas daqui, o Governo de São Paulo, deu mão forte e ele foi pra lá. Era um cientista de nome! Também.

NB – Mas quer dizer, então, que tinham quatro pessoas assim, que estavam meio marginalizadas na direção do Chagas?

AB – É, assim afastados, um cumprimento meio... compreende?

NB – E o Aragão?

AB – Quando um... Ele sentia que...

RG – Isto era comentado? Todo mundo via ou só poucas pessoas que estavam percebendo?

AB – Era... Eu tinha ouvido muito bom! Então as vezes eu passava e nunca tomei partido, nunca me manifestei. Pelo seguinte, a situação dum auxiliar, era uma situação muito modesta. E eles eram um mundo à parte. Então... Mas a gente sabia! O indiferente, não. O indiferente não estava... tinham muitos funcionários, que desconheciam isso. Mas o sagaz...

### **Fita 5 - Lado A**

NB – Quer dizer que essas pessoas, né? O Aragão, o Figueiredo Vasconcelos, essas que o senhor falou que estavam assim meio marginalizadas, na direção do Chagas...

AB – Sei, sei...

NB – Quando o Chagas morreu e o Cardoso Fontes foi nomeado...

AB – Foi convidado e nomeado pelo Getúlio Vargas! Aí houve, a política. Antes não! Antes não tinha política, não.

NB – O Cardoso Fontes... O senhor sabe porque o Cardoso Fontes foi nomeado pelo Getúlio? Através de quem ele foi nomeado? Quer dizer, quem indicou o Cardoso para o... O senhor não sabe isso.

AB – Não sei, não sei, não sei. Sei que ele era getulista e...

NB – E veio através de Getúlio... Bom... Mas aí então, essas pessoas, o Aragão, né? O Figueiredo Vasconcelos, quando veio o Cardoso Fontes...

AB – Ah, sim!

NB – Aí eles subiram juntos com Cardoso Fontes?

AB – Não, mas eles já estavam velhos!

NB – Mas eles não ficaram em melhor situação de que com Cardoso Fontes?

AB – Não, porque eles tinham boa situação. Eles eram chefes de serviço porque além dos chefes de laboratório...

NB – Mas quem era o grupo do Cardoso Fontes?

AB – Era o grupo aqui desta ala do segundo andar.

NB – Ah, quem eram?

AB – Era Figueiredo Vasconcelos na ponta, com César Guerreiro; pegado era Cardoso Fontes e no Pavilhão da Peste lá, aquele do relógio, era o Aragão.

NB – O que é que o Cardoso Fontes fazia? Qual era esse laboratório, era de quê?

AB – Era pegado, é igual, os andares são iguais.

NB – Sei, sei.

AB – O Figueiredo Vasconcelos era na ponta com César Guerreiro...

NB – O que é que ele fazia? O senhor lembra? Se o senhor não lembra...

AB – Era muito fechado, ninguém entrava no laboratório dele, eu pelo menos nunca entrei, compreende? O...

NB – Cardoso.

AB – O Cardoso Fontes...

NB – Trabalhava com quê?

AB – O José Duarte punha na estufa aqui embaixo uma série de tubos com culturas de microbactéria da tuberculose, que era a especialidade de Cardoso Fontes. O trabalho dele é sobre filtragem de toxinas... Tanto que jocosamente chamavam ele de “vela rachada”: “Doutor vela rachada”. (*risos*) Não sei se vocês escutaram isso.

RG – A Nara não conhece, conte pra ela.

AB – É?

NB – Você conhece já, Rose?

RG – É uma história do César Pinto, não é? O senhor conheceu o César Pinto?

AB – O César Pinto é meu amigo, eu tenho um livro de música (*risos*). Ele tem um trecho que ataca o Olympio da Fonseca.

NB – Então, o senhor podia contar a história da vela rachada. Conta a história da vela rachada.

AB – Não! Porque ele, ele, ele filtrava, aquela... aquele toxóide... Isso eu sei por cima, porque eu também, nunca entrei no laboratório dele, não é? E reproduziu a moléstia. Após filtragem, (vela e chambelão), que não deixa passar o bacilo, que retém o bacilo, não é? Então, eu escutei aí: “Ô doutor vela rachada”. Depois, parece que no fim, descobriram que ele tinha razão, o trabalho do Fontes era real, era científico, mas sabe, de colega a colega, sempre tem a tesourinha, não é?

NB – Mas olha!

RG – O que é isso? É inveja dos colegas?

AB – Tem! Tem!

RG – É ciúmeira?

AB – Isso existe! Existe! Para um médico do hospital de Manguinhos, que mandou muitos, muitos barbeiros para o Rio de Janeiro, de Minas para o Rio de Janeiro, e houve um acidente, parece que a carga caiu. E houve mistura de material. E o rapazinho, que era o auxiliar deste médico, apelou pro Atílio, pra dar um jeito naquilo, compreende? E eu fui! Separei direitinho, coloquei tudo nos eixos. E a frase que me veio aos ouvidos, posteriormente, deste médico, pra este auxiliar: “Ô Atílio, não mexeu em nada aqui, não tirou nada daqui?” Foi o agradecimento que eu recebi, mas eu não tenho mágoa porque é comum numa repartição. Não tenho mágoa, absolutamente nenhuma. Ele já é morto, que Deus o tenha no céu em descanso eterno. Não tenho mágoa nenhuma, nenhuma. Eu fazia por ele, fiz por ele, como faria pra qualquer um outro que precisasse de mim, compreende?

NB – Mas quer dizer então que...

AB – Mas havia essa ciúmeira, havia!

NB – Mas quer dizer então, que o grupo do Cardoso Fontes é esse que o senhor está dizendo. Quando ele vai ser diretor do Instituto, carrega esse grupo com ele!

AB – Não, mas não precisava, esses médicos eram independentes, não precisavam... Ele não levou nenhum médico pra administrar com ele.

NB – Não, não. Eu digo que estes pesquisadores que eram do grupo dele, ficaram com mais força dentro da instituição, não é?

AB – Praticamente... mas força, eles tinham! Chagas nunca tirou a força de ninguém. Tanto não tirou que todos eles eram chefes de serviço. Eram mais do que chefes de laboratório. Teve Figueiredo de Vasconcelos, Fontes, Aragão...

RG – Tinha Lauro Travassos também, nessa época?

AB – Lauro Travassos era uma figura, também, magnífica. Tinha os seus auxiliares, um ainda é vivo, é professor da PUC, Herman Lent. Da PUC não, da Santa Úrsula.

RG – Santa Úrsula, mas não fazia parte desse grupo que estava contra o Chagas?

AB – Não, não. Isso já é agora, com [Antonio Eugênio de] Arêa-Leão e muito do [Francisco] Laranja. Isso é muito depois de Cardoso Fontes, de Aragão e de Olympio da Fonseca. Aí a

política começou a... Entrava um, saía outro, entrava um, entrou o Laranja, o que me aposentou era...

RG – Xavier?

AB – Não!

NB – Em 57, era. Não era o Xavier, não?

AB – Até... ali, onde o Rostan trabalhava, no canto de cá, tem até... eu vi um retrato do Aragão, jogado lá. Um retrato feito por um, por um polonês, por um russo, Ismailovich.

RG – Ah é, Ismailovich?

AB – É, tem um retrato lá jogado do Aragão, lá no chão, assim, encostado. Óleo, uma pintura magnífica.

RG – Quer dizer que isto tem valor, né?

NB – Tem muito valor.

AB – Grande! Não sei se você já viu.

NB – O senhor encontrou agora? Agora que o senhor encontrou isso lá?

AB – Há meses, quando eu vim visitar o Rostan, que o Rostan ainda estava lá no pavilhão, eu vi, e foi, e depois do Aragão eu acho que foi... Depois do Olympio eu acho que foi este, que foi diretor, é doutor... um alto.

NB – Tito Cavalcanti.

AB – Me esqueci o nome dele.

NB – Depois de quem o senhor falou?

AB – Era... Foi em 50 e pouco.

NB – 57 que o senhor saiu, não é?

AB – Foi em 57. Quem era diretor?

NB – Era o... Tinha o Laranja, que ficou um tempo, acho que era o Laranja.

AB – E depois do Laranja?

RG – Deixa eu ver, aqui.



NB – É o Xavier.

AB – Xavier! Xavier.

NB – É o Xavier.

AB – Xavier, estava lá no canto onde o Xavier tinha o laboratório; esse retrato do Aragão.

NB – Mas seu Attílio, essa administração do Cardoso Fontes então, ele fez alguma reestruturação assim administrativa, dos laboratórios, colocou gente...

AB – Colocou, colocou alguns médicos aqui.

NB – Gente nova.

AB – Que eu não me recordo bem o nome. Um até era filho dele, o Murilo Fontes.

NB – Sei.

AB – Tinha um que, vivia tirando fotografia. Nunca fez um trabalho científico. Tinha um outro... de cachimbo... homem.

NB – O senhor por a... Por isso o senhor diz então que ele...

AB – Homem, homem vou lhe contar, não sei se está gravando ou não, mas isso eu, eu... Da aquisição de Cardoso Fontes, não vi aproveitamento científico de ninguém. Não via, não via na memória do, de Instituto Oswaldo Cruz nenhum trabalho publicado, nem nada.

NB – Por isso o senhor acha que o Instituto então decaiu nesse momento?

AB – Pra mim, decaiu. Eu acho que, eu acho, eu acho, é um, é uma, é um... O que estou falando, tem valor nenhum, nenhum, nenhum...

NB – Tem o valor dos eu depoimento.

AB – Porque um médico, um médico que um dia escutar isso, vai dizer: que ousadia deste indivíduo! Um indivíduo, sem valor nenhum.

NB – O senhor tá enganado, seu Attílio.

AB – Não, é possível. Querer julgar, a gente julga pelos trabalhos, pela...

NB – Mas isso, o senhor sabe que existe um, uma, uma corrente de opinião, que dizia exatamente isso que o senhor está falando, e que (inaudível).

AB – Se ele ficou lá uma temporada, se ele ficou uma temporada, e nada apareceu, nem dele, nem dele, bom ele eu admito, porque era o diretor, tinha função administrativa, e nem dos

colegas deles, e nem daqueles que ele colocou aqui. Que ainda encontro alguns lá por Botafogo e não vi nada.

NB – E em termos assim de... de... de recursos, não é? Ele conseguiu recursos para a instituição? Houve dificuldades financeiras?

AB – Não aí já, aí já havia coisa de verba.

NB – Aliás tinha...

AB – Porque tanto o Aragão quanto Olympio já encontraram coisas, não é? Depois veio o Laranja, tinha aquelas verbas orçamentárias dadas a uma repartição, não é? Mas já não era muito mais. Nesse tempo já a pesquisa...

NB – Tinha decaído? Tinha diminuído?

AB – Já, a gente sentia um esfriamento. O indivíduo entrava aqui podendo... fugia.

RG – Não ficava mais?

AB – Fugia, acabou aquele negócio do indivíduo ficar aqui.

RG – Aquele espírito pioneiro, aquela dedicação?

AB – É, tinha umas coisas ainda um... um Emmanuel Dias, que foi pra o interior estudar, até que sofreu aquele acidente na mão do filho e morreu; foi uma tristeza. Pior que morreu zangado comigo. Emmanuel Dias, morreu... Intriga também de Júlio Muniz, Emmanuel, é uma coisa assim, banais.

NB – É, porque o senhor tinha nos contado que nesse momento, né? Quer dizer, [19]34, quando Chagas morre, o Cardoso Fontes assume e o senhor volta para a protozoologia, não é?

AB – Eu volto, eu desço.

NB – O senhor queria, ter ficado lá em cima? Com o...

AB – Com o Cardoso Fontes!

NB – Não, não! quem é que ficou cuidando...

RG – O Emmanuel Dias?

NB – Foi o Emmanuel Dias, ficou cuidando dos barbeiros após a morte do Chagas?

AB – Ah, carregou tudo! Emanuel carregou tudo o que era de moléstia de Chagas. Emmanuel carregou tudo!

NB – Trouxe para onde?

AB – Trouxe pra qui!

NB – Pra protozoologia?

AB – Veio trabalhar com a gente aqui, na seção de protozoologia.

NB – E o senhor continuou trabalhando com ele?

AB – Continuei, muitos anos... Muitos anos. Um dia, eu e Cunha... Isso é uma outra, uma outra...

RG – História?

AB – Parte humorística. Nós tínhamos trabalhado aquele dia, sangria de cavalo, meio de cultura, sementeira de leishmania. Eu e Cunha estávamos esgotados, esgotados. E pelo meio do dia ou depois do meio do dia, eu comecei com impropério e o Cunha retribuindo, falando mal de tudo quanto era médico. Eu dizia, o Emanuel é isto. O Cunha dizia: “Isto é pouco. Ele é o filho disto. Isto é pouco!” E o Júlio Muniz? “O Júlio Muniz é outro... não sei quê e tal”. E soltamos ali das grossas. Aí, tinha um jornal dobrado, e naquele laboratório onde é o museu, tinha uns armários compridos, uns armários compridos, encostados pelo meio, encostado aquele janelão do lado de lá dos fundos. E eu disse o Cunha, o Cunha disse a mim. O Cunha disse que fui eu que falei. Eu digo, que foi ele. Ele disse: “Sabe de uma coisa, eles que vão pra este lugar e vamos ler jornal”. E fui pra apanhar o Correio da Manhã. Quando eu estendo a mão entre dois armários, eu vejo um indivíduo sentado entre dois armários, muito vermelho, parecia um tomate maduro. Era o Emmanuel Dias, de quem nós tínhamos falado mal à beça, sentado, vermelho feito um camarão assado. Aí eu peguei o Cunha e aponteí, e saímos na ponta do pé pelo laboratório a fora.

RG – (*risos*) Que situação!

AB – Até hoje, ele é morto, mas muitos anos ele ainda ficou com a gente um indivíduo duma educação tão fina, que nunca nos tocou no assunto. E nós, quando encarávamos ele, ficávamos... chateados... chateados...

RG – Envergonhados?

AB – Envergonhados. E ele, finíssimo. Ele fez aquilo, que eu faria também. Sendo visto, deixava o indivíduo numa situação ruim, mas se fosse o Júlio Muniz, passava na gente uma... e era melhor pra gente porque descarregava.

RG – Acabava... acabava a história.

AB – Pois o Emmanuel, não. E outras e outras coisas, menina, que a gente tem...

NB – E o senhor tava falando há algum tempo aí, sobre o trabalho, não é? Que era muito perigoso, esse trabalho que vocês faziam, não é?

AB – Ah, tinha coisas perigosas, sim.

NB – Isso, quer dizer, não tinha assim uma certa, quer dizer, uma segurança, normas internas do Instituto pra, enfim, contornar essa situação de periculosidade, desse trabalho?

AB – Tinha e não tinha. Com Júlio Muniz e Aristides Marques da Cunha, tinha em parte, porque eles contavam aos seus auxiliares, aquilo que pretendiam atingir. Então, nos davam segurança e conhecimento. Agora, tinha médico fechado. Tinha médico que... Um Magarinos Torres. Nós trabalhávamos com rhesus, com macacos rhesus. E ele desceu, ele colaborava com Júlio Muniz, com Aristides. Então ele desceu e disse: “Ô Atílio, eu quero verificar a lesão de leishmania no corneto, na região nasal. Então, você abre a cabeça do rhesus com estes cortes. Dá um corte A, B, C, abre. Por exemplo, 3, 4, 5 cortes, nesta posição, assim, assim, assim e verifica e manda me chamar, que eu quero ver”. Então, eu passei a dar os cortes conforme o mestre tinha ensinado. E ele descia. Mas, dentro de algumas cabeças de macaco, eu achei que tava dando muitos cortes. A, B, C, D. E eu passei a fazer aquilo, em dois, três cortes. E no momento que eu estou fazendo, aquilo assim e tal. Quem é que está atrás de mim?

RG – O próprio.

AB – Magarinos Torres. Disse: “Não foi assim que te ensinei”. E eu, muito vermelho, muito sem jeito: “Bom, o senhor desculpe”, “Bom, mas tá certo, tá certo. A finalidade é esta, tá certo”. Quer dizer que se eu aprendi de um jeito, depois eu senti que do outro jeito era melhor. Essa frase eu escutei do doutor Astrogildo Machado, um dos descobridores da vacina contra a manqueira, sobre dois auxiliares. E tinha um que ele levou, que morreu há um ano, um ano e meio, Antônio Maria Filho e outro era Elói Rosa. Todos dois trabalhavam com ele. Um dia, o comentário do doutor Machado foi o seguinte: “Eu tenho dois auxiliares, um, aquilo que eu ensinei há 30 anos, ele faz igualzinho!”. Era o Elói. Aquilo ele aprendeu há 30 anos, método de repique, ele repetia. “Já o Antônio - era o Antônio Maria - faz a mesma coisa por um método muito superior, muito mais evoluído”. Um era mulato e outro era pretinho, mas o pretinho, o escurinho, era uma coisa. Evoluiu e o outro não. O outro se dizia cospe. Ele cuspi.

NB – Não tinha assim iniciativa?

AB – Hem? Não entendi!

NB – Não tinha iniciativa.

AB – É, não evoluía, não evoluía, compreende? E outros eram insubordinados!

NB – Como o senhor?

AB – Eu era mais ou menos, não é?

NB – Mais ou menos!

AB – Mas o Cunha também era. O Júlio Muniz tinha um laboratório de vacinas, aqui em Higienópolis. E o Cunha era o fabricante sozinho. É quem classificava as bactérias, é quem fazia a vacina, é quem testava a vacina. E o Júlio Muniz não ia lá. Isso prova a capacidade e a evolução do Cunha. A vacina contra o carbúnculo, feita pelo Cunha, era uma das melhores do país. Feita pelo Cunha! Feita por ele! Manhas pra cultura dar mais esporo, mais formas, formas esporoladas. Porque a vacina é o esporo, não o bacilo em si. Ele tinha requisito no meio, manhas no meio de melhorar o crescimento do esporo. Isso era dele, do Cunha.

RG – Ele descobriu, não é?

AB – Hoje ele está com este médico lá em Nova Iguaçu. Lembra pouco do Domingos. Era um senhor meio gordo. Me lembro pouco dele. Ele parece que trabalhava no Pavilhão do Travassos, por lá.

RG – É.

NB – O senhor não teve muito contato com o Travassos não?

AB – Ele gostava de mim. Nunca me esqueço quando ele me disse: “Olha, se você me tirar o Melo...”

NB – Ah! Foi ele que falou isso pro senhor?

AB – “Se você me tirar o Melo, você vai se ver comigo. Poder, você pode, porque você lá metido com o Diretor, lá em cima você pedindo, você tira. Mas tu vai se ver!” Eu digo: “Não doutor, não quero, não. Não quero briga com o senhor, eu lhe quero bem”. Queria bem ele, não é?”

NB – E o [Artur] Neiva? O senhor não teve contato com o Neiva também?

AB – Não, o Neiva era figurão! O Neiva era calvo, careca brilhando. O Neiva não gostava de auxílio, não. Teve um dia que não tivemos ônibus aqui. Eu estava aqui na sacada e puseram um caminhão pra transportar os médicos para a parada lá, pra tomar o trem. E como não tinha uma escadinha, Neiva tentou subir. Abriram a carroceria e ele tentou subir por umas duas, três vezes a perna escorregava e ele batia com a canela na carroceria. E o Barbosa, um que trabalhava comigo, que vinha da esquina, foi procurar dar a mão a ele. “Não precisa, não precisa, não. Muito obrigado”. E tanta canelada, ele deu, que acabou subindo.

NB – (*risos*) O senhor tinha falado ainda a pouco que essa coisa da malária em [19]26, [19]28, deu uma certa disputa aqui dentro, não foi? Que aconteceu?

AB – Em que época?

NB – 26... Não houve um surto de malária em 28? De 26 a 28?

AB – Ah, mas isso havia sempre, malária havia sempre. Em 26 e 28 foi febre amarela.

RG – Febre amarela.

NB – Desculpa, eu anotei que era malária. O senhor me desculpa!

AB – Malária de Parada de Lucas pra cima, Caxias etc., quem fosse passear por lá, tava perdido. Essa Baixada Fluminense tinha impaludismo, suruí em Magé. Isso era uma coisa, era uma coisa. Queria apanhar impaludismo, fosse pra aí... Depois Getúlio Vargas veio, começou fazer abertura de canais pela Baixada, então...

RG – Saneou, né?

AB – É, saneou, mata mosquito e tal. Aí ele limpou. Agora está voltando tudo.

RG – Está voltando?

AB – Tem mosquito que eu nem sei o nome! Que um estudante de agronomia descobriu lá em Itaguaí, pertinho da onde eu estive.

NB – Não é o tal do tigre-asiático?

AB – É.

NB – Tigre-asiático.

AB – É.

NB – Em relação à febre amarela, o senhor falou que a febre amarela gerou uma certa disputa aqui dentro. O que aconteceu?

AB – Não, não foi bem uma disputa. Cada qual queria fazer sucesso.

NB – Ah!

AB – Cada qual, queria fazer sucesso numa moléstia por vírus pouco estudado. Então, foi uma correria... importação de macacos rhesus da Alemanha, aquela coisa toda. Aragão cuidando da parte dele. Júlio Muniz e Aristides cuidando da parte aqui. Hospital fazendo suas autópsias, compreende? Magarinos Torres a pegar fígados, a ver leões. Cada um fazia o seu.

RG – Mas isso é que dava, talvez assim, essa vida própria, do instituto, não?

AB – Dava um tipo de ciumada. Eu estudava com sacrifício aquela época. Chegava tarde, ficava lá no pavilhão, às vezes até de manhã. Fazendo soluções, fazendo auto dosagens e tal. Um cansaço danado. Então, lá de vez em quando... que estão fazendo por lá? Estive lá,

preparando soluções, ajudando a injetar macaco. Tem macaco febril, tem? Aqui também, a mesma coisa. Eu trabalhando lá e cá. Mas tudo foi muito bom e...

NB – E me diz uma coisa, então. Vamos sair desse assunto e vamos continuar nessa divisão dos laboratórios, que isso é uma coisa muito importante pra nós.

AB – Ah, nós não falamos sobre?

NB – O senhor falou que aqui no segundo andar tinha o Cardoso Fontes, o Figueiredo de Vasconcelos. E aqui pro outro lado, era o Magarinos Torres, no segundo andar?

AB – Aqui embaixo no primeiro andar, tinha o Gomes de Faria na ponta.

NB – Isso o senhor já falou!

AB – Que depois Oswaldo Cruz filho veio trabalhar com ele.

NB – Sei!

AB – Depois, o Burle de Figueiredo saiu do segundo andar, também veio pra ponta.

NB – Sei!

AB – Tinha, no segundo laboratório, aquele grande entomologista, que era o...

RG – Costa Lima!

AB – Costa Lima!

RG – Aqui no primeiro andar?

AB – Depois o leprólogo...

NB – Isso é no primeiro andar?

AB – Ali, no primeiro andar!

RG – Mas eu acho, que no primeiro andar a gente já fez todo o primeiro andar.

NB – Já fez tudo!

NB – Lá em cima no segundo.

RG – No segundo andar!

AB – No segundo andar, era Torres...

RG – Magarinos Torres também ficava aqui?

AB – Se não me engano, José Guilherme Lacorte...

NB – Lacorte?

AB – É.

RG – O Magarinos Torres não era lá no Quinino, naquele outro prédio pequenino?

AB – Isso, agora no fim!

RG – Ah, é?

AB – No meu tempo, até 57, eu o deixei aqui.

NB – E o Lacorte ficava com ele lá, também?

AB – Não. O Lacorte fazia vírus. Eu acho que o Lacorte depois pulou pra cá.

NB – Pra cá, o Senhor quer dizer junto com o Cardoso?

AB – Não! Lá era Magarinos Torres na ponta, o Burle de Figueiredo no segundo. Osvino Pena também era anatomia patológica.

RG – Naquela sala onde a gente trabalha, que é a sala 30, quem é que ficava lá, o senhor lembra? Por que é nesse andar que o senhor está falando, não é?

AB – Ali, pertencia à anatomia patológica, onde trabalhava o Lopes. Pertencia a Osvino Pena, ao Burle de Figueiredo e ao Magarinos Torres. Ali tinha blocos, caixinhas de papelão etc., micrótopo, justamente na esquina, lá no segundo andar, onde vocês estão.

NB – E quem mais, que tinha vindo pro lado de cá, o senhor lembra? Aqui, nessa ala de cá, era...

AB – Bom, eu falei em tesouraria aqui. A tesouraria, a tesouraria, eu falei aqui no primeiro andar, mas o Valdemiro no princípio era lá, no segundo andar. No segundo andar, Valdemiro.

NB – Por que é muito grande, esse prédio, né?

AB – Isso é grande, é grande.

NB – No terceiro andar ainda tinha laboratório ou era biblioteca?

AB – Não, no terceiro andar tinha um museu, do lado de cá, onde eu ia me distrair porque o encarregado do museu era o Jerônimo Cardoso; morreu há pouco tempo, talvez com uns 90,



90 e poucos anos. É quem montava aquelas peças, aquela coisa toda. Com aqueles vidrinhos, não sei se ainda existe isso, existe?

NB – Não, não sei também, não. Não sei lhe dizer.

AB – Era um museu muito bem montado. E nós mantínhamos lá, uma peça que não era, não era de interesse científico, mas ninguém procurou, ficou aí dezenas de anos, foi a perna do Delprete. Aquele avião italiano, que num vôo aqui no Rio de Janeiro, sofreu um acidente e amputaram a perna dele.

RG – Tinha a perna dele aqui?

AB – Tinha, tinha, num frasco com formol, montada pelo Cardoso. Um líquido muito claro, aquela perna atlética. Tinha um rim, que me chamava a atenção, numa autópsia feita no São Francisco de Assis, tiraram três quilos e meio de areia e pedra.

NB – Minha Nossa Senhora!

RG – Isso era da anatomia patológica, esse material?

AB – Da anatomia, era um museu. Tinha pedras do tamanho de um ovo de galinha.

NB – Minha Nossa Senhora!

AB – E ia descendo, descendo de tamanho, até bola de gude, no fim, era areia, areia grossa. Pesado, três quilos e meio. Esse indivíduo carregava aquele rim com... com esse sofrimento. Isso foi uma autópsia, ele morreu no Hospital São Francisco de Assis, que era aonde o Instituto fazia autópsia diariamente. Santa Casa de São Francisco de Assis.

NB – Pessoas daqui que faziam...

AB – Morria. Era indigente.

NB – Mandava pra cá?

AB – Então, ia o médico, o Magarinos Torres ou o Burle de Figueiredo ou Osvaldo Pena. E toda peça de interesse médico, eles tiravam. Uma lesão intestinal, tiravam um pedaço do intestino; uma lesão cerebral, tiravam a massa encefálica. Então, havia renovação de material para o estudo. Isso deixou de existir, como pode um anatomopatologista aprender se ele não tem material de estudo? Deixou-se de fazer isso!

RG – E o material que tinha, foi totalmente abandonado.

NB – O senhor sabe? O senhor sabe disto? O senhor sabe que todo o arquivo de anatomia patológica foi abandonado num galpão, jogado?

RG – Quebraram!

NB – Quebraram lâminas, quebraram, enfim, foi um arraso!

AB – Minha filha, minha filha, Aragão, Aragão mandou, para a nossa coleção, da seção de protozoologia, umas lâminas, umas 8 ou 10 ou 15 lâminas de um feto sífilítico. Feito... uma autópsia feita pelo professor Almeida de Magalhães, no século passado, 1800 e não sei quê. Com os rótulos originais, velhos, caindo aos pedaços. E eu cataloguei lado oposto da lâmina, tinha nesta coleção, de quase duas mil lâminas, servindo pra aula, lâminas que o Instituto Pasteur, de Paris, fazia intercâmbio, estava... referente a protozoologia...

### **Fita 5 - Lado B**

AB – Mais lâminas, quase duas mil lâminas. Catalogadas por bandeja, por número, tudo em fichário feito por mim porque eu era tudo, era datilógrafo, faxineiro, tudo, laboratorista. O que pediam de mim, eu fazia. Eu perguntei ao meu filho: “Uma coleção de lâminas preciosa, cada lâmina vale uma fortuna, cadê”, “Ah, papai roubaram tudo. Chegava um tirava o que interessava a ele tirar”, “Mas não tem mais nada?” Desenhos. O Júlio Muniz desenhava muito bem. Então ele tinha quadros deste tamanho, que ele levava pro curso. Tinha umas caixas, ele levava pra demonstrar aos alunos. Neste tamanho e no microscópio, as lâminas. Então, o aluno fazia o curso, vendo, tendo material para estudo. Acabou tudo! Eu não acredito, eu não concebo umas tantas coisas.

NB – Mas isso que a gente contou pro senhor sobre anatomia patológica, aconteceu já agora, em 75, não é? Agora, isso que o senhor tá contando foi antes? Já houve esse arraso, antes?

AB – Ah, eu estou quase 30 anos fora daqui!

NB – Foi depois que o senhor saiu que aconteceu isso?

AB – Ah, foi. O indivíduo chegava e dizia: “Quero uma lâmina de malária. Um quartão ou terço ou... “Pois não! Taqui, faz favor, assina a ficha”. O indivíduo levava a preparação, assinava a ficha, lâmina tal, número tanto, bandeja al.

RG – O senhor é que controlava?

AB – Ah, é. Tudo. Eu escrevia muito bem! Enxergava muito. Eu tinha uma letra pequenina. Num quadrinho de papel, que era o rótulo da lâmina, eu escrevia um mundo de coisa ali.

NB – O senhor teve trabalhando na protozoologia?

AB – Protozoologia! Eu fui pra laboratório pra fazer protozoologia. É, tem uma coisa... PC, o que chamavam PC. Tinha um salão, prateleiras que iam quase até o teto, com as caixinhas, PC, nº tanto, autópsia, auto, nº tal, data.

RG – Que, que é PC?

AB – PC era peça cirúrgica, tava...

RG – Peça cirúrgica, PC!

AB – É. Então o indivíduo fez uma autópsia no ano tal, tirou um pedaço de fígado, queria tirar umas lâminas, tinha o bloco de parafina, nessa caixinha, queria tirar um novo material. Então, ele ia lá no fichário, PC tal, de tanto, do tanto. Tirava a caixinha. Punha no micrótomo, tirava... Isso desde, 1918, desde... da epidemia da espanhola, que começou a se organizar isso. Esse Cardoso é que tomava, um riograndense do norte, um nordestino inteligente tomava conta disso tudo. As peças de interesse médico, tudo montado e tal.

RG – Onde que ficava, aqui em cima, que o senhor disse?

AB – O terceiro andar todo! Primeiro e... Dentro do terceiro andar tinha uma divisão. Segundo... Primeiro e segundo, dentro do terceiro.

NB – E pro lado de lá, do terceiro andar, o que é que tinha?

AB – Era a sala de leitura, aquela maravilha de sala de leitura em gesso, aquele arabesco, do meio pra ponta, pra frente. Porque era um luxo, aquilo, não sei como é que está.

NB – É a biblioteca, hoje!

AB – Parece que a diretoria...

NB – É, hoje é a biblioteca.

AB – De fora a fora?

RG – É, do lado direito é.

NB – É. Todo...

AB – Mas apanha lá de trás até a frente?

NB – Parece que sim!

AB – Agora uma porta do centro, armação de estantes todas em aço. E a biblioteca, onde um holandês era o bibliotecário, e seus ajudantes.

RG – Como era o nome do holandês, lembra?

AB – Era Assuerus Hippolitus Overmeer.

RG – Que nome! Era Assuerus?

AB – É. Assuerus Hippolitus Overmeer.

RG – Overmeer.

AB – O-ver-meer.

RG – Isso, um nome bem...

AB – Tremia feito como eu estou agora. Bebedor.

RG – Ele era pessoa idosa? Ele era idoso, naquela ocasião? Ele já era mais velho?

AB – Era senhor já, um holandês russo, figura muito simpática, grandalhão.

RG – Como é que ele veio parar aqui, o senhor sabe?

AB – Primeiro, deram a biblioteca pro Valdemiro.

NB – Tinha muitos livros, não é?

AB – Não sei se conhece, esse trechozinho?

RG – Não, esse não.

AB – Mas, o Valdemiro, não estava bem à altura da biblioteca. Eu acho, que ele deu mais pra lidar com... dinheiro... E, então, criaram um lugar de tesoureiro, isso, no tempo de Oswaldo, isso, eu conheço por história. Porque eu quando vim, já...

NB – O holandês já estava?

AB – O Assuerus era bibliotecário, e o Valdemiro já era tesoureiro, já era homem do dinheiro. E ele tinha, dois bibliotecários auxiliares e um encarregado da limpeza, que é o chamado, João, o grande, João Simões. Foi operário da...

NB – Da construção do prédio!

AB – Da construção. E depois, todos eles foram aproveitados. Pintor, foi aproveitado; mecânico, foi aproveitado; bombeiro, foi aproveitado; o electricista, foi aproveitado. Os indivíduos de bom físico, foram aproveitados aqui pra dentro. Então, esse João Simões foi escolhido pra... tomava conta, espanava, limpava, tinha um... Aquilo era uma beleza! De limpeza, de... E cuidava, era o indivíduo que... vinha trazer livro, levava ficha, etc. Fazia serviço de comunicação. João Simões Paulo. Olympio elogia ele como auxiliar. Não sei se vocês já leram aquele... aquele livro do Olympio, fala em João, o grande.

NB – É, isso, exatamente! Bom, e no quarto andar, tem um outro andar ainda?

AB – Ali, era o dormitório dos médicos.

NB – Na década de [19]30, dormiam aqui?

AB – Alguns poucos, poucos. No tempo de Chagas, poucos. Um ou outro, pedia um quarto.

RG – Ficavam as vezes, não é?

AB – É. Pediam, um ou outro, pedia.

NB – O senhor é que chegou a dormir no Instituto Soroterápico, não é? Que o senhor nos contou! No velho! No que era, o Instituto Soroterápico.

AB – Muito tempo, muito tempo. Eu não conheci o gás encanado, o gás de camisa. Eu não conhecia o... Eu não conhecia a eletricidade, em São Luís do Paraitinga. Eu vim conhecer a eletricidade, em Taubaté. Aquilo tudo iluminado, na minha terra é lampião de querosene. Eu garoto parece que estou vendo aquilo, aquela minha infância. Numa cidade que, que o João Cândido levou o pai do Oswaldo Cruz pra lá, mas naquele tempo corria dinheiro, as fazendas de café.

NB – Mas aqui... quando o senhor chegou, o senhor dormia no Instituto Soroterápico?

AB – Muito, meus, meus ir... meus dois irmãos, dormiam lá.

NB – Aonde que era esse prédio? Ele existe ainda?

AB – É onde era a Rockefeller, ali naquele...

NB – Ah, o senhor falou.

AB – Quando se vai, antes de dobrar pro hospital...

NB – Sei.

AB – Cê vai pro hospital, dobre pra cá, à esquerda tem o prédio onde faz a vacina contra a febre amarela, ali era um Instituto, o Soroterápico.

NB – É aquela casa...

AB – Grande! Uma casa grande.

NB – Amarela.

RG – Depois você me mostra, depois.

AB – E embaixo tinha a ponte, e embaixo pegado ao Canal do Mangue, tem uma cabeça de ponte, um tipo de cais, que é onde a lancha que vinha da Praça Mauá, com os médicos, no tempo do Oswaldo Cruz, encostava ali, era o velho Taborda que trazia, guiando a lancha.

RG – Tinha os canais que vinham até aqui dentro, é?

NB – Até lá embaixo.

AB – Lá embaixo, na ponte.

NB – (...) Na ponte.

AB – E era um canal tão limpo. Aquele canal, tinha o canal até a ponte, aonde eu tomava banho de mar e pescava.

NB – É mesmo, é!

AB – Eu em meia hora, eu em meia hora, 40 minutos com uma vara de pescar, arranjava peixe pro meu almoço aos domingos. Cada um ‘big’ de peixe! Hoje não tem nada, tem é lixo! Tudo poluído!

NB – Essa... na época do Chagas, né? quando o senhor estava aqui, é, aqui em cima com ele, ainda existia essa lancha que trazia pessoas? Não, já não existia mais, né?

AB – O Taborda...

NB – Era o homem da lancha?

AB – O Taborda, o mestre de lancha, o mestre Taborda, que o pai era vigia aqui, o velho Taborda. Era vigia e ele era, já era motorista do Carlos Chagas.

NB – Ah, ele virou motorista do Chagas.

AB – Virou motorista. Parou a lancha, ele...

RG – Foi aproveitado?

AB – Passou a atender! Aí, já ele vinha pela estrada, né? Pela grande estrada, que o nosso presidente, Washington Luís, abriu, que era do Largo de Benfica. Ali, pegava a linha do trem, tem uma estradinha de nada, era o slogan do Washington Luís; “governar é abrir estradas”. E abriu aquilo até Petrópolis. Imagina hoje? Se não abrem novos caminhos.

NB – O senhor tava falando, na outra vez, que isso aqui era... que aqui em Manguinhos, né? Esse espaço todo, quer dizer, o senhor tava dizendo há pouco: Tinham várias árvores, mas não era nada calçado assim, não é? Era terra, né?

AB – Terra, sim. Bonito, está. Com esses briquetes...

NB – Mas quem foi, que deu essa configuração?

AB – Tinham umas árvores, tinha umas árvores. Nós tínhamos uma figueira, no refeitório. Não sei se ainda existe! No centro do refeitório, tinha uma... Ainda existe? Cortaram, né?

RG – Eu não vi.

AB – E aquilo por cima daquele, daquele caramanchão. Ali era o refeitório, o refeitório. E tinha umas árvores grandes por aí. Mangueiras muito boa! Eu não fazia outra coisa senão, de 4 até à noite, ir apanhar manga. No meu quarto, eu tinha caixotes e caixotes de mangas. Diz que manga é indigesto! Eu já era pra ter morrido! (*risos*) Caju, goiaba, côco.

RG – Que mais?

AB – Era uma coisa! O meu Instituto. De trabalho, não é? De trabalho.

RG – O senhor trabalhou muito, não é?

AB – Trabalhei e quem ao meu lado estava, trabalhava muito. E todos nós trabalhávamos muito. Todos nós... Muito respeito! Muita brincadeira. Os que moravam aqui, brincavam muito, mas era uma amizade, uma coisa. Depois, nós tínhamos: café da manhã, almoço, café da tarde e jantar, e dormi. Mas um pouquinho de anarquia, foram tirando aos pouquinhos. Então vieram os apertos, não é? Vieram os apertos. Passou-se a fazer café da manhã, no quarto, porque tirou-se o café.

RG – Quem dava o café da manhã pra vocês? Aonde que era?

AB – Tudo! Ah, o Instituto. Isso aqui era uma mãe, minha filha! Isto aqui era... Eu estou dizendo, que o difícil era entrar. Bom!

NB – Era no refeitório, né? Era no refeitório, que vocês tomavam café, né?

AB – Era no refeitório! Era no refeitório, os médicos eram no caramanchão, que é um corredorzinho, e tinha um amarelo comprido, onde nós, os inferiores, era do lado. Então nós tínhamos um caneco de alumínio, uma vasilha grande de aço inoxidável, com torneira, tinha um mundo de café, não sei quantos litros. Um português na porta com um saco, dando o pão, mas cada pão, que tinha mais tamanho...

RG – Café com leite, né?

AB – É, apreço que era com leite, não me recordo bem. Bom, eu ia entrando, apanhava o pão, enchia, podia repetir. Era muito miolo, o pão era muito grande, então o miolo ninguém... Então, os empregados tratavam logo de fazer sua bolotinha de miolo, e um no outro. Seu filho disso! Hoje não é dia de brincadeira e tal. Mas tinha um, morreu tuberculoso, Gilberto Pereira, bom menino. Fez um miolo que não tinha mais tamanho e mirou lá um indivíduo, era umas mesas compridas, e jogou. Mas aquilo pegou na mesa, subiu e pegou na vidraça, e quebrou o vidro.

NB – Minha nossa!

AB – O Avelino, encarregado da ordem da distribuição do pão. Quem foi, quem não foi e tal, todo mundo. Então veio buscar o seu nome, disse ao zelador. Então aparece lá, o zelador, o pequenino: “Quem foi? Ninguém fala? Suspensão geral, 8 dias.” Todo mundo calado. Que todo mundo sabia, não é? Pois olha! Ele desistiu da suspensão, porque não ia suspender o Instituto todo, mas ninguém condenou ninguém, e isso tem outros assim.

NB – Havia solidariedade?

AB – Tem outras assim. Aqui, aqui, aqui, na porta desse, porque aqui são dois, dois vasos né? É uma porta, tem uma pia, tinha uma pia no meu tempo...

RG – Tem uma pia grande.

AB – E o primeiro tem, o segundo. E dormia-se aqui, dormia-se, eram vários dormindo. Eu depois, vim dormir aqui em cima dessa cavaleriça, onde hoje, é o museu de cavalo, ali era... Não tem aqui?

NB – Sei, sei, sei.

AB – Dormia lá em cima, no teto, eu e uns companheiros. No Pavilhão da Peste, lá por trás tinha uma escada, não é a escada... hoje tem uma escada. Naquele tempo era uma escada de madeira, a gente subia nem sei como. E ao sábado, havia “musos” que dormiam aqui, sujavam isso aqui. Era respingo de pé, era pé, água pelo chão. Então, o encarregado da limpeza resolveu fechar as duas portinhas internas. E um deles, veio passando mal e sentiu fechada... um domingo... e fez... hum! Vai vendo, minha filha!

NB – No chão? Assim no...

AB – No chão, do lado de fora. Mas fez a propósito. Era um ampoleiro. Esse indivíduo era meio... meio desordeiro, mas foi porque fecharam. Ele dormia aí também. Bom, na segunda-feira foi um escândalo, porque o encarregado da limpeza esperou o zelador.

NB – Pra mostrar?

AB – Fomos chamados todos... todos, todos que moravam aqui. Para concluir, o caso ficou por isso mesmo, que ninguém delatou ninguém. Ele ameaçou céus e terra.

NB – Esse zelador, o Gomes, né?

AB – O zelador. Ninguém disse nada! Apesar que nós chamamos atenção desse Massa Ferri. Não faz isso!

NB – Esse Ma... o quê?

AB – Massa... era, era Durval Massa Ferri. Ele tem uma história... Uma filha, ele tinha uma filha professora, muito linda, que... que o marido suicidou-se, um caso de família, eu não, não me recordo bem. Era uma família que trabalhou com Pinotti, ele era alto funcionário do



Pinotti, mas eu não me recordo bem, não, não quero contar esse caso. Mas, e outras e outras coisas que tinha. Comida, como eles foram cortando aos poucos, nós defendíamos lá no refeitório, nós que morávamos aqui, tínhamos habilidade de abrir armário, sem fazer escândalo, a gente continuamente ia... então tinha aqueles pratos com marmelada, goiabada, manteiga; mas eram uns dez, vinte manteigueiros; dez, vinte pratos... O Nogueira, um espanhol, e o copeiro, então sobrava e ele guardava.

NB – Como é o nome do...

AB – Era Nogueira.

NB – Nogueira?

AB – Espanhol, é. Eu vou ver se me lembro o primeiro nome.

RG – Não, só eu não entendi.

AB – Então nós íamos...

NB – Mas isso... Mas isso era o quê? Isso quando o senhor estava morando aqui ainda?

AB – Morava, eu era solteiro.

NB – Era solteiro, não é?

AB – Depois de casado eu tomei jeito (*risos*). então nós íamos... Vamos admitir, um prato tinha, tinha cinco fatias de, de goiabada, daquele prato tirava um; outro prato tinha oito, tirava duas! Então daqueles pratos todos, a gente fazia o farnel, fazia o lanche e no outro dia o Nogueira não desconfiava. Sabe, que este Massa Ferri, quando estava presente: “Ora, manda esse espanhol”... quer dizer, e tirava tudo. Então, o espanhol ia tomando medidas, ia metendo cadeado, ia fazendo isso, fazendo aquilo, tal. Ia tomando as medidas de represália. Então nós colocamos o Massa Ferri de lado, que era um elemento que...

NB – Acabava bagunçando.

AB – É, bagunçando. E eu então quando subi com o meu filho, eu disse, tá vendo aquela janela? O refeitório do lado, o refeitório amarelo; tá vendo aquela janelinha ali? O teu pai pulou aquilo ali pra tirar comida de dentro, dezenas e dezenas de vezes.

NB – O senhor pulava da rua lá pra dentro?

AB – Porque tinha o espanhol... Da rua, da rua, porque era um vidro quebrado, o espanhol Juanito, me levantava ou vice-versa, metia a mão no... no cremone, entrava pela janela, acendia o fogão, tinha ovos, fritava ovo, etc.

RG – Ah, sim, o senhor fazia o jantar.

NB – À noite?

AB – À noite, quando a gente vinha do colégio, aí fazíamos nossa refeição.

NB – Esse Juanito, quem era?

AB – Era um espanholzinho, mais ou menos da minha idade, morreu agora.

NB – Fazia o quê aqui? Era auxiliar também?

AB – Era labora... Era laboratorista, depois foi trabalhar com o Walter Lutz, com o filho do Lutz, na medicina legal, na Faculdade de Medicina. Antes ele trabalhava com o Souza Araújo, na lepra. E era meu companheiro de todo o dia.

NB – O Lutz ficou aqui até quando? O senhor Lembra?

AB – Quando, não me lembro não.

NB – Ele deve ter ido embora antes do senhor, não é? Ele foi embora antes do senhor.

AB – Quem?

NB – O Lutz.

AB – Lutz? Ele morreu com 90 e poucos anos.

NB – Não, digo do Instituto. Ele saiu antes, não saiu?

AB – Não, porque ele ficou doente. Não ele ficou pouco tempo dentro... ficou talvez um mês, um mês e pouco que deixou de vir aqui, morreu. Iam buscá-lo, o automóvel ia buscar e levar todo o dia.

NB – Ele ficou até morrer?

AB – Até morrer, até morrer. A filha que no fim vinha pouco aqui, a Berta Lutz. A grande feminista, que foi criadora do Museu Nacional, também morreu velha.

NB – O senhor falou ainda a pouco, sobre o Lacorte; o Lacorte mais tarde ele vai, até acho que ser diretor do instituto, né?

AB – O Lacorte era meu parente muito longe.

NB – Ah, é? Seu parente?

AB – Ah, ah, quem descobriu isso foi meu irmão mais velho. Porque o Lacorte saiu daqui e foi fazer uma visita aos, aos parentes em Sapri na Itália.

NB – Sei.

AB – Perto de Nápoles, arredores de Nápoles, e meu irmão especulando, ele foi saber que, que o Guilherme Lacorte, que o Lacorte é parentesco longe de minha mãe, então, há uma...

NB – O senhor conheceu o Lacorte, ele... ele era um pesquisador, não é?

AB – Eu conheci o... Eu conheci Lacorte como... como recém formado, fazendo curso de aplicação no Instituto Oswaldo Cruz. Quando ele veio para fazer o curso, eu já era funcionário do Instituto.

NB – E o senhor lembra assim, se ele tinha alguma ligação com o Rocha Lagoa? O quê que ele fazia depois? Ele foi contratado, não é?

AB – Foi contratado, quando, quando no final ele já era, era do quadro. José Guilherme Lacorte era quadro de funcionários do Instituto.

NB – Pois é, mas ele fazia parte do grupo do Rocha Lagoa?

AB – Lacorte era meio frio, meio... Um risinho assim...

NB – Esquisito?

AB – É, mas boa pessoa. Não era muito chegado a mim não.

NB – O que é que ele fazia? O senhor lembra?

AB – Fazia um pouco também de vacinas, soros, sorologia, assim. Agora no fim, ele dizia ao meu filho: “Como vai o seu pai? Pede a ele pra vir me visitar”. Coitado, fim de vida. Lacorte, José Guilherme Lacorte, parece que estou vendo ele fazendo curso aí.

RG – Ele morreu, o Lacorte?

AB – Morreu a pouco tempo, né? Vocês já estavam aqui?

NB – Não senhor, eu fiquei sabendo disso.

AB – Mas conhece muito de história daqui. Você lê muito?

NB – A gente está trabalhando com isso, não é?

AB – É? Porque eu noto que vocês têm um... tudo quanto é publicação, vocês...

NB – Tudo não, a gente não conseguiu ler tudo que é muita coisa né? A gente leu... eu li o Olympio por exemplo, aquele livro todo do Olympio eu li. É um grande né?

AB – É.

NB – Muito grande e algumas outras coisas.

AB – Coitado, no fim ele não pôde. Colega, dos bons tempos, dos nossos bons tempos do Instituto Oswaldo Cruz.

NB – Quem?

AB – Olympio. Pra mim eu tenho o livro dele. Tem um do César Pinto que escreveu a música, a Divina Música. Ao meu grande amigo não sei que, Attílio, César Pinto. Eu não sei se você já leu isso.

NB – Não, não.

AB – Tem um trechinho que ele fala de... Carlos Gomes. Carlos Gomes não sei que, não sei que. Eu já não me recordo, até muito, que eu não leio, esse livro do... Então, teve seus detratores, seus inimigos, seus falsos amigos. Que faz lembrar alguém do Instituto Oswaldo Cruz. E toca... no Olympio. César Pinto era meio, não é? Já são 4 horas, não?

NB – Já, já. Eu até queria...

AB – Hem?

NB – Já são 4 horas. Eu tava querendo encerrar. Você tem mais alguma pergunta hoje?

AB – Olha! Vocês quando me quiserem aqui, manda chamar!

RG - ... essa história...

NB – O que é que há Rose?

RG – Não, era só pra ele acabar de falar...

AB – Apesar que eu acabo enjoando, porque...

NB – Enjoando a quem? A nós?

AB – Enjoando vocês!

NB – Ah! Que isso, que isso! Não é nada disso, não.

AB – É.

NB – O senhor vai voltar aqui! Eu tô achando que está ficando meio tarde.

AB – Meu papo não tem fim, hem!

NB – Ainda bem! Que bom!

RG – Pois é, a gente vai marcar se tiver faltando ou que...

NB – Eu queria agradecer ao senhor por hoje tá.

AB – Chama, chama, chama...